

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA

**DIÁLOGO DE SABERES: O JOGO DE CAPOEIRA NA RODA DOS
CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

ADAN LUCAS PARISI

SÃO CARLOS

2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA

**DIÁLOGO DE SABERES: O JOGO DE CAPOEIRA NA RODA DOS
CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

ADAN LUCAS PARISI

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em Educação Física do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciado em Educação Física.

(Orientador: Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior)

SÃO CARLOS

2007

Resumo

O presente trabalho tem como objeto de estudo a capoeira nos cursos de licenciatura em Educação Física, mais especificamente, a compreensão acerca dos significados e sentidos atribuídos à capoeira por seus docentes, neste âmbito. Partindo desta análise, buscamos identificar os modelos pedagógico e social que são pretendidos nestas disciplinas, destacando assim, seu caráter conservador ou revolucionário. Em suma, nossas pretensões objetivam entender se o ensino da capoeira, durante a formação dos futuros professores de Educação Física, ocorre no sentido de fomentar ações revolucionárias na Educação Física escolar ou, se apenas faz da capoeira mais uma manifestação subserviente ao sistema vigente. Para tanto, buscamos nos discursos dos professores desta disciplina, bem como, nas contribuições de autores que atrelam o ensino da capoeira ao ideário revolucionário, os subsídios para nosso estudo. E, a partir destes, estruturamos um plano de ensino para a disciplina capoeira, enquanto uma proposta de ensino possível e que caminhe no sentido da superação da realidade atual. Nosso intuito, entretanto, não se faz em apontar uma verdade única, e sim, em defender a verdade que acreditamos. Logo, em nossa concepção a capoeira é tida como necessário e fundamental conteúdo a ser desenvolvido junto à Educação Física, uma vez que compartilhamos com autores que vislumbram no ensino da capoeira, elementos históricos e culturais capazes de instigar e fomentar o questionamento acerca do modelo social vigente e ainda, que entendem que seu ensino na Educação Física escolar possa apontar caminhos para a superação deste modelo.

Palavras-chave: Capoeira, Educação Física, formação de professores, sistema de complexos temáticos e transformação social.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pois é nele que busco força e paz que necessito para continuar em minha caminhada...

Agradeço intensamente aos meus pais, Wilson e Devandira e minha irmã, Samanta. Ao meu pai, grande capoeira da vida, agradeço por ser um exemplo de guerreiro que me esforço pra seguir, e por ter oportunizado minha formação. À minha mãe agradeço o seu apoio incondicional, amor e palmadas que me deu ao longo de minha vida, mostrando sempre o melhor caminho. À minha irmã, agradeço a paciência, respeito e ajuda que nunca me negou. AMO VOCÊS!

Agradeço à capoeira por cada evento, roda, festa, queda, salto, rasteira, amizade e todos os demais momentos e frutos que me oportunizou. Tenho muito a agradecer também aos meus alunos, amigos com os quais aprendo a cada dia. À família Aracoara, meu grupo de capoeira, onde aprendi e continuo a aprender muito ao lado de meus irmãos de capoeira. Agradeço, em especial, ao meu Mestre, Gilson, pessoa que muito me ensinou sobre capoeira, amizade e respeito.

Não poderia deixar de destacar a Mariana Ferreira, uma pessoa especial que tive o prazer de compartilhar bons anos de minha vida e aprender muito sobre alegria, felicidade e sonhos.

Agradeço aos professores e professoras, todos sem exceção. Agradeço aos que me mostraram, por meio de suas aulas descompromissadas, de seus jeitos prepotentes e autoritários, tudo o que **NÃO** quero ser enquanto um professor. Mas agradeço principalmente, aos que em suas ações, seja nas aulas, em grupo de estudo ou tomando uma cerveja, me fizeram perceber que o trabalho do professor consiste na busca por uma sociedade justa, provocando os alunos para tal projeto social.

Agradeço imensamente, ao espaço mais rico de formação que tive na universidade, o Centro Acadêmico de Educação Física, por meio do qual, pude conhecer o Movimento Estudantil, seus encontros e ideais. Neste espaço, aprendi muito e fiz grandes amizades, em especial, Kátia Sartori, a Katchu, grande amiga, guerreira e que certamente contribui significativamente em minha formação.

Agradeço também a minha turma, **Educa 04**, de maneira especial a Thaisinha (minha irmãzinha da Federal), Mário (fanfarrão), Tiago (grande irmão), Well, Pat, João, He man (“o cara precoce”) e Diogo. Grandes amigos...

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	4
2.1. Surge a capoeira: A negação social.....	5
2.2. Capoeiragem, capoeira Regional e Angola.....	7
2.2.1. Das maltas e valentões.....	8
2.2.2. As escolas dos Mestres Bimba e Pastinha.....	10
3. EDUCAÇÃO FÍSICA: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	15
4. CAPOEIRA E EDUCAÇÃO FÍSICA: APONTAMENTOS.....	18
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
6. RESULTADOS.....	26
6.1. A história dos professores na capoeira antecede seus ingressos no meio acadêmico. .	27
6.2. Relações entre saberes: Possibilidades e dificuldades.....	29
6.2.1. Crítica ao sistema CREF/CONFEF.....	32
6.3. Compreensão dos professores em relação à capoeira.....	34
6.4. Compreensão dos professores em relação ao ensino da capoeira nos cursos de Educação Física.....	37
6.5. Conteúdos centrais da disciplina capoeira.....	41
6.5.1. Conteúdos: “Origem e história da capoeira” e “estilos de capoeira”.....	41
6.5.2. Conteúdos: “movimentos corporais do jogo de capoeira” e “musicalidade: instrumentos e cantigas”.....	44
6.6. Relação teoria e prática e a metodologia de ensino da disciplina capoeira.....	47
6.7. A produção de conhecimento como finalidade das avaliações na disciplina capoeira. .	50
6.8. Capoeira na escola ou capoeira da escola.....	52
7. PROPOSTA.....	54
7.1. PLANO DA DISCIPLINA CAPOEIRA - PROPOSTA.....	59
8. CONSIDERAÇÕES.....	62
9. REFERÊNCIAS.....	65
ANEXOS.....	68

1. INTRODUÇÃO

“Ao meu mestre muito obrigado/Pela Capoeira eu poder jogar/Pelo au, pelo "s" dobrado/Pela Capoeira eu poder jogar/Ao meu Deus muito obrigado [...]”. (trecho de cantiga de capoeira D.P.).

Em meados de março do ano de 1997, numa manhã de sábado eu presenciei pela primeira vez uma roda de capoeira. Enquanto assistia ao jogo, não conseguia desvencilhar minha atenção para outro lugar. O fato é que toda aquela energia transmitida pelos cânticos e pelo som imponente do berimbau aliada ao jeito malandro de lutar que os capoeiras desenvolviam, fizeram com que eu estivesse na aula seguinte, e na outra, e na outra. Dez anos se passaram e hoje estou aqui pela capoeira e para capoeira. Pela capoeira, pois ela contribui significativamente em minha formação e em meu ingresso na universidade. Para capoeira, uma vez que ao longo de minha graduação ela sempre esteve presente em meus estudos. Sempre busquei estabelecer o diálogo entre os saberes que trazia da capoeira com os que eu estava incorporando na Universidade, de modo que este trabalho constitui-se enquanto fruto desta relação e objetiva trazer contribuições para o reconhecimento da capoeira enquanto um conteúdo fundamental para a formação dos professores de Educação Física.

Assim, esta pesquisa expressa nosso desafio em identificar e postar subsídios para a compreensão de como a capoeira se desenvolve enquanto disciplina dos cursos de licenciatura em Educação Física. E ainda, almeja a percepção do quanto a historicidade dos professores está presente nos significados e sentidos por eles atribuídos à disciplina capoeira. Acreditamos que ao explicitarmos estas diferentes características conferidas à capoeira enquanto disciplina, poderemos caminhar no sentido de vislumbrar quais as questões centrais que alicerçam o ensino da capoeira para o futuro professor de Educação Física. E, a partir destas, desenvolveremos nossa argumentação, buscando enfatizar as possibilidades que entendemos como sendo as mais significativas a serem trabalhadas neste processo.

Contudo, uma questão se faz essencial neste momento, sendo esta relativa à nossa compreensão de sociedade, de Educação Física e de capoeira, ou seja, quais as nossas concepções de sociedade e como pensamos os ensinamentos da capoeira e da Educação Física dentro desta?

Assim, para responder a tal questão, nossa análise dialoga essencialmente com uma compreensão de mundo que não vê na sociedade capitalista e neoliberal, tão pouco em seus desdobramentos em nível escolar, como o esvaziamento político-pedagógico, a falta de competência técnica docente, a competição exacerbada, entre outros, possibilidades para a

consolidação de uma sociedade justa. Entendemos que este sistema sóciopolítico e econômico deva ser superado e, neste processo, vislumbramos a capoeira como uma forte possibilidade de formação mais humana, que contribua para superação da realidade social vigente. Enfatizamos, portanto, que a disciplina capoeira deva ser desenvolvida nos cursos de Educação Física a partir de um comprometimento para com a superação de tal sistema social, e neste processo sua historicidade traz fortes elementos para a ação docente.

Sob esta perspectiva, a obra de Soares et al (1992) é enfática quanto ao ensino da capoeira na Educação Física:

Pensar a capoeira no bojo das contradições sociais, como ferramenta capaz de favorecer [...] A apropriação ativa e consciente do conhecimento é uma das formas de emancipação humana. [...] (p.17-18).

Dando continuidade a tal pensamento, Soares et al (1992) reforça a importância do diálogo entre os saberes presentes na capoeira e no universo acadêmico, ou seja, do diálogo entre os saberes popular e científico:

O confronto do saber popular (senso comum) com o conhecimento científico universal selecionado pela escola, o saber escolar, é, do ponto de vista metodológico, fundamental para a reflexão pedagógica. Isso porque instiga o aluno, ao longo de sua escolarização, a ultrapassar o senso comum e construir formas mais elaboradas de pensamento. (p. 32).

Contudo, mesmo compartilhando da perspectiva apresentada acerca dos objetivos do ensino da capoeira e da importância do diálogo entre os saberes, nos perguntávamos acerca de como manter uma relação entre estes saberes de modo a não privilegiar um em detrimento do outro. E ainda, como realizar a disciplina capoeira nestes cursos de modo que seus egressos consigam desenvolver o ensino da capoeira na Educação Física escolar sob uma perspectiva crítica de educação. Assim, demos início ao nosso trabalho, buscando na literatura e nos depoimentos dos professores da disciplina capoeira, as respostas para nossas inquietações. Todavia, nesta caminhada percebemos que os estudos acerca da capoeira nos cursos de Educação Física ainda são relativamente poucos e tratam, em sua maioria dos conteúdos e da história da capoeira, não focando, portanto, a questão das objetivações desta disciplina durante a formação do futuro professor de Educação Física.

Não obstante, outra temática que é de substancial importância, mesmo não sendo o objeto de nosso estudo, é o emblemático, para não dizer autoritário, discurso do

sistema CREF/CONFED¹ perante, os mestres e professores de capoeira. Enfatizaremos tal embate ao longo de nosso trabalho, pois entendemos que a postura deste sistema vem a prejudicar significativamente o relacionamento de mestres de capoeira com os estudantes e professores de Educação Física. Compreendemos tal prejuízo, uma vez que as ações deste sistema contribuíram para a formação de conceitos equivocados tanto dos mestres de capoeira que, em sua maioria, não entendem que dentro da Educação Física há fortes segmentos que não legitimam a ação deste órgão, quanto por parte dos professores de Educação Física que se filiam a um discurso falacioso, no qual são tidos como “especialistas” de uma gama imensa de manifestações e expressões corporais.

Feitas estas considerações, buscaremos em nossa revisão de literatura apresentar os elementos que subsidiam nossa análise acerca dos discursos dos professores, bem como, sob o nosso posicionamento frente às temáticas trabalhadas. Porém, temos a consciência de que este trabalho não é, e nem tem pretensões de firmar-se enquanto uma pesquisa de revisão de literatura. Assim, enfatizaremos os discursos dos professores e a partir destes, buscaremos expressar e defender uma proposta à disciplina capoeira nos cursos de Educação Física.

A estrutura deste trabalho foi concebida de modo a evidenciar, a princípio, um panorama histórico da capoeira, enfatizando os processos de surgimento, proibição, legalização e institucionalização da mesma. Acompanha também uma breve revisão histórica acerca da Educação Física.

Logo, seguimos com a estruturação dos procedimentos metodológicos utilizados durante sua realização. Posteriormente, segue o trabalho com os discursos dos depoentes, onde almejamos relacionar tais discursos, com as produções selecionadas para a pesquisa e também com nossas concepções. A partir deste momento, apresentaremos e defenderemos nossa proposta de desenvolvimento da capoeira como disciplina dos cursos de formação de professores em Educação Física.

Uma vez que nossa proposta decorre da análise dos depoimentos dos entrevistados, ou seja, de suas concepções e experiências enquanto docentes da disciplina capoeira, primamos por disponibilizar, nos anexos I e II, as entrevistas e os planos de ensino dos professores na íntegra. Assim, aproximando os leitores não apenas de nossas interpretações, mas também dos discursos diretos dos professores. Todavia, este fato não significa, em momento algum, que estejamos abdicando de nossas responsabilidades frente à

1

Sistema constituído pelos Conselhos Regionais de Educação Física e pelo Conselho Federal de Educação Física.

análise realizada, mas apenas e tão somente, que acreditamos ser um modo de propiciar ao leitor um maior contato com a realidade da disciplina capoeira nas instituições pesquisadas.

2. REVISÃO DE LITERATURA

O objeto de estudo deste trabalho, como já mencionado, refere-se à capoeira enquanto disciplina acadêmica dos cursos de licenciatura em Educação Física. Todavia para compreendermos este diálogo de saberes, é de fundamental importância o entendimento dos processos que culminaram no surgimento e desenvolvimento da capoeira, bem como a compreensão do fenômeno da Educação Física no Brasil. Assim, neste momento nossos esforços almejam a visualização deste cenário.

Compor tal trajetória, tecer a teia de fatores e ações que culminaram no desenrolar da capoeira é algo muito intrincado. De certo, algumas questões são imprescindíveis para realizarmos esta tarefa, como: o período escravocrata brasileiro e seus desdobramentos, o processo de urbanização da sociedade brasileira, a instauração da República, o Estado Novo e os processos de “folclorização”², esportivização³, escolarização⁴ e mercadorização⁵ da capoeira.

Evidentemente não teremos condições de debater todos estes fatos de modo satisfatório neste trabalho. Contudo, é importante entendermos que estes processos não ocorrem isoladamente, estanques uns dos outros ao longo da história. E sim, que em cada contexto há o predomínio de um ou mais processos, como também, há diferentes desdobramentos acerca dos mesmos. A crítica que buscamos desenvolver neste momento se

² Entendendo este como o processo iniciado por meio da influência da Secretaria de Turismo de Salvador, a partir da década de 30 do século XX, tendo seu auge com os grupos folclóricos da Bahia. Ações estas criticadas por autores como Rego (1968) e Capoeira (1992), pelo fato de levarem os capoeiristas a uma distorção dos fundamentos da capoeira, para obterem o acesso aos locais de apresentações e também o apoio financeiro da referida Secretaria.

³ Aqui, entendido como o processo iniciado na década de 20 do século passado, por Mestre Bimba, onde temos a preocupação da eficiência técnica e da afirmação da capoeira como luta de “ringue”. Deu origem a criação da Luta Regional Baiana e entendemos que é um processo que está vigente na capoeira atual.

⁴

Momento em que a capoeira começa a surgir como proposta educativa. Inicialmente sob a influência dos métodos ginásticos, na figura do professor Inezil Pena Marinho e posteriormente sob influências de outras correntes da Educação Física, sendo que na década de 1990 e na atual, a capoeira é apresentada como importante conteúdo e estratégia pedagógica devido ao seu legado histórico.

⁵

Em diálogo com o sistema capitalista, a capoeira, como as demais manifestações culturais, passa a ser entendida como meio potencial de obtenção de lucro. Assim, a partir da década de 1970 há o surgimento dos grupos de capoeira que dão origem aos grupos-empresa das décadas de 1990 e atual. Nestes presenciamos investimentos diversos, com o fim de projeção mundial da capoeira e aumento de seu número de adeptos.

faz concisa e contida apenas nos desdobramentos dos movimentos da capoeira Regional e Angola das décadas de 30 e 40 do século XX, bem como nas relações estabelecidas entre tais movimentos e a Educação Física. Portanto, conscientes de nossas limitações, enfatizamos que se faz necessária, ao leitor, a busca de literatura pertinente às temáticas citadas, pois estas obras auxiliarão para melhor compreensão destes fenômenos.

Com uma origem e desfechos distintos, mas não menos complexo, a Educação Física constitui-se numa área de conhecimento que chega ao Brasil, ainda sob a égide dos modelos ginásticos europeus, em meados do século XIX. Não iremos traçar um resgate cronológico da Educação Física no Brasil, mas é imprescindível para nossa análise, percebemos o quanto os paradigmas políticos influenciaram a Educação Física, mesmo porque é por meio destes nuances políticos que ela e a capoeira iniciam seu jogo.

Assim, os tópicos abaixo foram estruturados a partir dos fatos e relações que entendemos como sendo as mais significativas para o nosso estudo. Caminhando, portanto, no sentido de contextualizar a capoeira e a Educação Física, a fim de subsidiar nossa compreensão sobre a disciplina capoeira.

2.1. Surge a capoeira: A negação social.

“Que navio é esse que chegou agora/É o navio negreiro com os escravos de Angola [...]” (Cantiga de autoria de mestre Camisa).

Precedendo nossa busca por argumentos para responder a questão relativa à origem da capoeira, ou seja, se a mesma veio trazida da África ou foi desenvolvida aqui, em solo brasileiro, vamos traçar um breve panorama de como o africano foi trazido para cá.

Como já é conhecido, ao final do século XV, as terras brasileiras foram invadidas pelos portugueses, dentre outras nações que se encontram em processo de expansão mercantilista. Assim, dizimando física e culturalmente os povos que aqui viviam e explorando os recursos naturais que encontraram, estes povos iniciaram o processo de “formação” do que hoje se tornou o Brasil.

Durante este processo, o escravo africano era tido como uma mercadoria valiosa, uma vez que seu tráfico já estava estabelecido entre as rotas européias. Logo, milhões de negros africanos oriundos de etnias distintas foram arrancados de sua terra natal e trazidos pra o Brasil, trancafiados nos navios negreiros. Aqui, privados de sua liberdade, sob o chicote do feitor e fadados à própria sorte, iniciaram um processo de luta e resistência, que culminou na formação dos grandes quilombos.

Neste processo surge a figura de Zumbi dos Palmares, líder guerreiro do maior quilombo constituído no Brasil, Palmares. O desenvolvimento quilombola teve no período das invasões holandesas, século XVII, seu auge, uma vez que as atenções de nossos “exploradores” dividiram-se entre o controle de seus escravos e a defesa de suas terras. Todavia, com o fim do combate territorial, em 1694, o governo colonial volta suas forças para destruição dos quilombos. E, após várias expedições, sob o comando de Domingos Jorge Velho, cai o Quilombo de Palmares diante da morte de seu líder, Zumbi. De fato, Palmares foi destruído, mas a luta dos escravos por liberdade e justiça continuou e os feitos de Zumbi dos Palmares foram imortalizados na memória e na luta do povo escravizado e oprimido no Brasil.

Assim, por mais de trezentos anos, a economia brasileira foi alimentada pelo trabalho escravo, seja nas lavouras de cana-de-açúcar, nos cafezais, na extração de minérios ou nas atividades urbanas de meados do século XIX, a marca da escravidão está gravada.

Em 1888, é chegada a abolição da escravatura, mais uma ação política voltada aos “umbigos” da elite, visando nada além que a manutenção da ordem social que estava dada.

Chegada a década da abolição – em 1880 -, os negros estão nas ruas, o ambiente é crítico e caótico, e as condições já são bem favoráveis tanto à abolição quanto ao golpe militar que vai derrubar a Monarquia em 1889. [...]

Este golpe vai organizar o caos – e organizar o caos significa disciplinar a população negra, pois o caos eram os negros fujões; eram os quilombos na periferia da cidade; eram os negros libertos perambulando para baixo e para cima; era uma quantidade infinita de capoeiras – mais especificamente no rio de Janeiro – que, em maltas ou individualmente, vendiam indiscriminadamente seus serviços para abolicionistas, liberais, conservadores, monarquistas e republicanos. (CAPOEIRA, 1992, p. 35).

Os negros até então escravos, foram “libertos”, entretanto um pequeno detalhe passou despercebido pelo governo e elite brasileira, bem como pela “boa” princesa Isabel. Ocorre que a escravidão só acabou no papel. Os negros não formaram, naquele momento, a massa assalariada do Brasil, não tiveram oportunidades outras senão a formação das favelas, a exposição à marginalidade e à criminalidade. A história como canta mestre Moraes ⁶ (1996): “nos engana, nos diz tudo pelo contrário, diz até que a abolição aconteceu no mês de maio [...]”.

Obviamente que o tom irônico no início do parágrafo anterior objetiva expressar nossa indignação frente a um discurso abolicionista falacioso. Concordando com Capoeira (1992), a abolição ocorre por motivações outras, decorrentes do momento em que o

⁶ Cantiga encontrada no CD do Grupo de capoeira Angola do pelourinho – GCAP do ano de 1996.

capitalismo pedia a formação de colônias não mais de exploração de matéria-prima, mas sim colônias de consumidores. A Inglaterra, então potência mundial, forja este cenário em prol da abolição, mas o pano de fundo é a questão econômica, é a consolidação do capitalismo.

Retomando nosso objetivo de desvelar a origem da capoeira, temos a seguinte questão: O que este panorama sócio-político tem a ver com o surgimento da capoeira? Respondendo, temos que a capoeira surge como manifestação de luta e revolta do povo africano no Brasil. Nas palavras de Rego (1968) surge a partir dos africanos, pois:

No caso da capoeira, tudo leva a crer que seja uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvidas por seus descendentes afro-brasileiros, tendo em vista uma série de fatores colhidos em documentos escritos e, sobretudo no convívio e diálogo constante com os capoeiras atuais e antigos que ainda vivem na Bahia. (p.31).

E apresenta-se sob o caráter de luta e revolta do povo oprimido, nas palavras de Carvalho (1991), uma vez que:

Quem motivou a variedade de Arte marcial denominada capoeira foi unicamente a privação dos direitos do homem, determinada pelo regime escravocrata [...] onde predominava não só a falta de liberdade mas, a segurança de vida do escravo. A capoeira era uma astúcia necessária para sobrevivência. (p.29) [...] A capoeira foi naquele tempo, uma manifestação política, porque é filha legítima dos anseios que os escravos nutriam pela liberdade. (p.32).

Logo, concordamos com os pareceres dos autores citados e compreendemos, portanto que a capoeira surge da ânsia por liberdade do povo africano escravizado no Brasil. Tendo por base seu legado cultural e também as mediações culturais advindas do contato com os povos indígenas e com os brancos marginalizados, os escravos criaram a luta da capoeira. Luta esta que transcendeu o combate físico, sendo também um meio de resistência e identidade cultural.

2.2. Capoeiragem, capoeira Regional e Angola.

“Lá no céu tem três estrelas, todas três em carreirinha, Uma é Bimba, outra é Besouro, outra é mestre Pastinha [...]” (trecho de cantiga de capoeira D.P.).

Continuando nossa caminhada pela história da capoeira, observamos que, para o desenvolvimento desta luta, tão importante quanto o período de florescimento e fortalecimento dos quilombos, foram as últimas décadas do Brasil Colônia e a instauração do

regime republicano. Isto porque, as modificações, sócio-políticas e econômicas que constituíram este momento histórico, fomentaram mudanças no modo de entender e praticar a capoeira, como veremos principalmente nos movimentos da capoeira Angola e Regional.

Assim, enfatizamos duas vertentes importantes para entendermos o processo de urbanização da capoeira. Sendo a primeira, o período em que a capoeira era tida como manifestação marginal, onde as maltas e valentões amedrontavam a elite e o governo nacional (CAPOEIRA, 1992, p. 35). E, em seguida, abarcaremos o processo de apropriação da capoeira pelo governo brasileiro, em especial, pelo Estado Novo, tendo entre seus fins, legitimar-se junto às massas (VIEIRA, 1995, p.71). Presenciamos neste último, a sistematização do ensino da capoeira, bem como os processos de “folclorização”, esportivização, escolarização e mercadorização da capoeira. Obviamente que por serem temáticas extremamente polêmicas, tanto no meio acadêmico quanto no meio capoeirístico e por não constituírem a questão central de nosso trabalho, iremos abordar tais processos de modo sucinto, todavia ressaltamos que são processos importantes para compreendermos o diálogo que a capoeira vem estabelecendo com a sociedade brasileira ao longo de sua história.

2.2.1. Das maltas e valentões

“Foi na Bahia, Recife, Rio de Janeiro te ver, e muita gente ouvir falar,
Nascimento Grande, Manduca da Praia e Besouro Mangangá [...]”
(cantiga Mestre Barrão 1996).

Durante o século XIX, como vimos, com o crescente processo de urbanização vivido no Brasil, a capoeira passa a integrar-se ao cotidiano das cidades, em especial, Recife, São Salvador e Rio de Janeiro. Sodré, citado por Capoeira (1992), ressalta o modo como os donos de escravos lhe davam com as práticas culturais de seus escravos até meados do século XIX, uma vez que esta situação logo iria mudar:

Desde o início da colonização até meados do século XIX, era de interesse dos administradores coloniais e donos de escravos permitir as manifestações culturais negras, não só como válvula de escape para as tensões inerentes à escravidão, mas principalmente para acentuar as rivalidades tribais, [...]. Era dividir para reinar. (p.26).

Em seguida, a partir da década de 1830 um sentimento de medo começa a tomar do governo e da elite brasileira. Este temor foi intensificando-se ao longo de todo século XIX, diante das políticas de mercado ditadas pela Inglaterra, as quais, como já

mencionamos, forçavam a elite e o governo do Brasil Império viabilizarem a abolição dos escravos. Esta situação gerou grande insatisfação e descontentamento tanto da elite quanto dos escravos. Da elite e governo por motivo de perda econômica e de autonomia política. Dos escravos devido às promessas de alforria não contempladas e também pelo fato de que eles não foram, em sua grande maioria, compor o quadro de trabalhadores assalariados, e sim, foram jogados nos guetos das cidades.

Assim, após a volta dos escravos da Guerra do Paraguai em 1870, o caos e a violência tomam conta da cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Neste momento as maltas⁷ de capoeira se organizam e se fortalecem, e estas para Capoeira (1992), têm como elementos-chaves os negros que compunham o Batalhão de Zuavos:

[...] o Batalhão de Zuavos, formado exclusivamente por capoeiristas – [...], uma espécie de fuzileiros, tropas de ponta-de-lança preparadas para invadir, travar combates corpo a corpo [...] – e em muitos casos não cumprido – o alforriamento, aumenta incredivelmente o número de fugas de negros escravos.” (CAPOEIRA, 1992, p.36).

Para tentarmos retratar o clima que se alastrou no Rio de Janeiro, do início do século XX, recorreremos à cantiga presente no álbum do grupo Capoeira Gerais:

Oi no Rio de Janeiro [...], Pernambuco e velha Bahia,
Chegaram os ex-escravos, colega velho, a grande periferia [...]
[...] Nego ia vadia na capoeira meu irmão
Falava alto o berimbau, colega veio e o pandeiro acompanhava [...]
Os turistas iam ver e davam dinheiro ao capoeira
Mas o passado escravo fez o negro inferior
Sem condições de viver, colega velho, marginal ele virou
Assaltando casas nobres, foi mercenário sim sinhô
Até se vestia de mulher pra roubar seja quem for
Manhosos e traiçoeiros, eram Guaiamus eram Nagôs
Maltas do Rio de Janeiro foi verdadeiro terror
E nem mesmo a policia podia nada fazer
Pois se ficassem frente a frente, era certo alguém morrer
A navalha afiada, faca envenenada, a bengala de lado e lenço no pescoço
Malandro de branco descia a ladeira e o povo dizia lá vem o capoeira [...]

Diante desta situação de medo e instabilidade do modelo e controle social, em 11 de outubro de 1890, a capoeira passa a ser abordada pelo Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil. Sob o decreto 847, em seu capítulo XIII, a capoeira passa a receber

⁷ Eram grupos, organizações de capoeiras de fins do século XIX a meados do século XX. Tiveram grande importância social e política e, em grande parte, tiveram suas ações financiadas, apadrinhadas pelos partidos políticos da época.

um tratamento penal específico, sob a intitulção “Dos vadios e capoeiras” (REGO, 1968, p. 292). Assim:

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas, exercícios de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação capoeiragem (...) Pena: de prisão celular por dois a seis meses.

Parágrafo Único: É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta.

Art. 404. Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o poder público e particular, perturbar a ordem, a tranqüilidade ou segurança pública ou for encontrado com armas incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes. (REGO, 1968, p.292).

De certo, anterior ao enquadramento da capoeira enquanto contravenção penal, os capoeiras já sofriam com a repressão policial. Todavia, a partir deste momento e principalmente no governo de Deodoro da Fonseca, na figura de Sampaio Ferraz, a capoeira passa a ser encarada como “doença moral” da sociedade brasileira e, portanto deveria ser extinta.

Entendemos que seja de grande importância o estudo acerca de personagens históricos como Manduca da Praia, Nascimento Grande e Besouro Mangangá, capoeiras que viveram e fizeram história nas regiões de Rio de Janeiro, Recife e Bahia, respectivamente. Estes capoeiras são verdadeiras lendas da malandragem da capoeira e por meio de suas histórias, nos aproximamos do que foram os valentões e as maltas de capoeira dos séculos XIX e XX.

Todavia, buscamos neste capítulo apenas apresentar um breve panorama da capoeira do período mencionado, sendo de grande valia a busca por literaturas que tratam desta temática. Acreditamos que a partir deste breve apontamento histórico, conseguimos enfatizar a importância que a capoeira teve e ainda tem perante a formação e história brasileira. De fato no Rio de Janeiro, Recife e Bahia a capoeira toma contornos distintos, mas o diálogo entre capoeiristas, políticos e polícia fez-se constante. (CAPOEIRA, 1992, p. 43-59).

2.2.2. As escolas dos Mestres Bimba e Pastinha

Tão ou mais complexo que respaldar a questão acerca da origem da capoeira, é compreender as diferentes visões sobre esta manifestação. Assim, retomaremos o emblemático embate acerca da origem da capoeira para iniciarmos o diálogo com as escolas

de Bimba⁸ e Pastinha⁹. Para tanto recorremos à obra de Capoeira (1992), que, remetendo-se à Bahia do início do século XX e, dando voz aos discursos destes dois mestres verificou que:

“Os negros, sim, eram africanos, mas a capoeira é de Cachoeira, Santo Amaro e Ilha de Maré, camarado!” Mestre Bimba.
 “... a capoeira veio da África, africano quem lutou...” Mestre Pastinha (p.16)

Portanto evidenciamos que existem diferentes perspectivas relativas ao surgimento da capoeira, de modo que mesmo entendendo a capoeira sob a perspectiva anteriormente apresentada, reconhecemos as distintas concepções advindas das diferentes “linhagens¹⁰” da capoeira. Pires (2002) traz sua análise frente o embate apresentado, entendendo que:

A capoeira, enquanto prática ritual e simbólica, demonstra uma certa continuidade com relação a um passado histórico apropriado. Assim, seus cultores construíram uma história mítica, originária. No caso dessa nova tradição da capoeira, temos duas histórias que revelam origens, rituais e símbolos diferentes. As origens da tradição da capoeira angola são remotas, perdidas no tempo, nas aldeias africanas; já a regional, está mais próxima, no recôncavo baiano. (p.96).

Continuando sua análise acerca da tradicionalidade da capoeira e seus desdobramentos a partir da Angola e Regional, o autor ressalta:

A capoeira é tradição inventada porque ela tem fundamentos ideológicos, não somente técnicos, apesar de, enquanto jogo, possuir regras mutáveis. [...] por ser um processo de formalização e ritualização com referências ao passado. [...] sob este ponto de vista, a ideologia republicana [...] ofereceu novos vínculos sociais e políticos para que se efetivasse a invenção da tradição da capoeira contemporânea. Coube ao mestre Pastinha e ao mestre Bimba estabelecer estes vínculos com a sociedade e possibilitar o surgimento de uma nova tradição. (PIRES, 2002, p. 96).

Esta passagem da obra de Pires é de grande importância para entendermos que as décadas iniciais do Brasil República foram extremamente marcantes para a capoeira, pois está inicia-se na era republicana como contravenção penal e posteriormente é defendida por diferentes setores sociais e políticos, ora como cultura, ora como esporte nacional. Acerca desta temática, Vieira (1995) traz alguns apontamentos:

⁸ Importante mestre de capoeira que em 1928 cria a Luta regional baiana, posteriormente conhecida como capoeira regional. Em 1930 funda a primeira academia de capoeira, a qual recebe, em 1934, o alvará de funcionamento.

⁹ Considerado o patrono ou mesmo guardião das tradições e fundamentos da capoeira Angola. Fundou em 1941 o Centro Esportivo de Capoeira Angola.

¹⁰ Termo utilizado entre os capoeiras para designar a “árvore genealógica” respectiva de seu grupo.

Foi muito forte o movimento nacionalista no campo da arte e da cultura, dando margem a um significativo processo de cooptação de artistas de origem popular e de apropriação de seus produtos culturais por parte das camadas médias da sociedade. (p. 73).

A partir das considerações de Pires (2002) e dos apontamentos de Vieira (1995), observamos que a ideologia republicana contribuiu para o processo de inserção social da capoeira. Obviamente que este processo não se dá em vão, o governo atuava sob a política de liberar para controlar. Controle não apenas sobre os locais dessas práticas, mas também, sobre a estrutura das mesmas. Assim: Vieira (1995) reporta Camargo (1961) e elucida:

[...] Embora a umbanda, como outros cultos sencretizados, apresente uma ampla gama de variações [...] pode-se detectar uma forte absorção dos princípios ascéticos do Kardecismo: exclusão de charutos, cachimbos e bebidas alcoólicas; mudanças na roupagem ritual feminina, substituindo a exuberância da tradição baiana por higiênicos aventais brancos; exclusão dos atabaques e do culto a Exu [...]. (p.77).

Como o candomblé, a capoeira liberada não era a capoeiragem de até então, mas sim uma capoeira regradada à luz dos anseios sociais da época, ou seja, da manutenção da ordem, da criação de um Estado forte e da formação da identidade nacional. Vieira (1995):

No processo de aproximação entre cultura popular e o Estado, muitas são as reinterpretações de determinados elementos simbólicos e rituais. A capoeira Regional [...] reflete significativamente os ideais eugênicos da década de 30 [...]. (p. 71).

Deste modo, observamos a criação da Luta Regional Baiana, por mestre Bimba, em 1928 e, a criação do Centro Esportivo de Capoeira Angola, por mestre Pastinha, em 1941. Neste processo, as tradições inventadas citadas por Pires (2002) dialogam significativamente com os discursos do Estado Novo e dos políticos de esquerda, onde, respectivamente, temos o militarismo e o “resgate de identidade étnica e cultural africana” atrelados à capoeira Regional e Angola.

É interessante destacarmos a questão da invenção das tradições, uma vez que o termo tradição, muitas vezes, está atrelado à idéia de algo que sempre foi do mesmo modo, que não muda ou que “é assim desde sempre”. Contudo, acreditamos que a destacarmos a premissa de que toda tradição é inventada, fato que não poderia ser diferente, fazemos com que leitor se questione acerca das motivações e contexto em que se deu a formação de uma determinada tradição e em nosso trabalho especificamente, as tradições da capoeira Angola e Regional.

Dando continuidade em nossa análise, destacamos alguns anseios republicanos, presentes na capoeira. Na academia de Luta Regional Baiana de Mestre Bimba, o quadro de regras disciplinares deixa bem evidente estas influências. Rego (1968, p. 284):

1. Deixe de fumar. É proibido fumar durante os treinos.
2. Deixe de beber. O uso do álcool prejudica o metabolismo muscular.
3. Evite demonstrar aos seus amigos de fora da "roda" de capoeira os seus progressos. Lembre-se de que a surpresa é a melhor aliada numa luta.
4. Evite conversa durante o treino. Você está pagando o tempo que passa na academia; e observando os outros lutadores, aprenderá mais.
5. Procure gingar sempre.
6. Pratique diariamente os exercícios fundamentais.
7. Não tenha medo de se aproximar do oponente. Quanto mais próximo se mantiver, melhor aprenderá.
8. Conserve o corpo relaxado.
9. É melhor apanhar na "roda" que na "rua...".

Verificam-se preocupações de cunho médico-higienista e militar nas regras da academia de Mestre Bimba. Isto é importante de ser ressaltado, pois a Educação Física sofreu e ainda sofre com estes pressupostos, ou seja, o diálogo direto ou não entre estes saberes e seu contexto vem acontecendo ao longo de todo o século XX e início deste.

Outro aspecto importante da capoeira Regional foi à sistematização de seus conteúdos em seqüências de ensino e, por conseguinte, passando a capoeira a ser ensinada, não mais de oitava, mas com seqüências pré-estabelecidas. Junto a tal normalização, houve também a instituição do uniforme de cor branca, os lenços de graduação, dentre outros.

A capoeira Angola, no ano de 1941, passa a ser ensinada por mestre Pastinha no Centro Esportivo de Capoeira Angola. Assim como a Regional, a capoeira Angola é influenciada por pensadores da época, todavia, a corrente política esquerdista, na figura de intelectuais como Jorge Amado, é que faz este diálogo. O discurso da eficiência técnica presente na Regional é debatido a partir de uma perspectiva cultural de capoeira. Contudo a capoeira Angola também traz uma sistematização de seus conteúdos, rituais e mesmo uniforme. Mestre Pastinha instituiu as cores preta e amarela em seu uniforme, formaliza a bateria da roda de sua academia, dentre outros. (DECÂNIO, 1997).

Importante ressaltarmos que os movimentos tanto da capoeira Angola quanto da Regional se mantêm vivos devido aos esforços dos discípulos de mestres Pastinha e Bimba. Exemplo disto é a dedicação de Mestre João Pequeno¹¹, que hoje próximo de seus noventa anos, continua a jogar e ensinar a capoeira que aprendeu com Pastinha, mantendo

¹¹ Mestre João Pequeno de Pastinha foi discípulo de Mestre Pastinha. Atualmente dá continuidade ao trabalho de seu mestre, sendo um dos mestres mais antigos ainda em atividade no Brasil.

assim a tradicionalidade tanto do fazer quanto do ensinar capoeira que lhe foi passado por seu mestre. (O velho capoeirista, 1999).

De certo a capoeira Regional traz em seu corpo anseios estadonovistas, porém este fato não significa dizer que a mesma não traga consigo os embates do universo popular. Por outro lado a capoeira Angola é resultante de esforços para reconstituição da capoeira dos tempos passados. Todavia tal reconstituição parte de condições estabelecidas no presente, sendo, segundo os mestres mais antigos, as características atribuídas à Angola, praticada nas academias de Salvador, não condizentes com a capoeira antiga. (VIEIRA, 1995, p. 90).

A partir dos apontamentos de Pires (2002) acerca da invenção de uma tradição, podemos observar que a crítica atribuída à Regional, se for somente à luz de seu diálogo com o contexto que a forjou, torna-se, em nosso entender, equivocada, pois a capoeira Angola passa por processo semelhante. Isto não significa dizer que a Angola dialogou com o Estado do mesmo modo que a Regional, mas sim que as duas formas sistematizadas de capoeira surgem a partir do embate com a ideologia republicana, não se remetendo, portanto, aos períodos anteriores. Este processo se evidencia na fala de Pires (2002) quando:

Apesar de mestre Pastinha e mestre Bimba concordarem com o caráter tradicional da capoeira Angola, creio que na verdade, a capoeira angola tenha surgido ao mesmo tempo que a capoeira regional. Mesmo porque não encontrei um único registro que denominasse a capoeira de angola, antes dos anos 30 de nosso século. (p.94).

De certo quando focamos nossa análise a partir do diálogo da capoeira com o contexto histórico, não estamos admitindo uma via de mão única, onde a capoeira passa a ser representada pelos ideais do Estado. Pelo contrário, enfatizamos que a capoeira literalmente joga com o discurso vigente, negaciando a todo tempo para manter-se erguida pelos seus ideais. E, também que para além dos estilos de capoeira, há a subjetividade de seus capoeiristas, e assim, evidenciamos várias Angolas e várias Regionais. Abib (2005) diz:

[...] “invenções” são constantes e fazem parte do dinamismo cíclico presente na cultura popular, [...]. A tradição da capoeira é e sempre foi constante inovação, pois ela sempre soube se adaptar aos diferentes contextos históricos nos quais estava inserida. (p.158).

Concluindo, temos que as “invenções”, ou as transformações ocorrem a partir de um processo dialético, partindo do conhecimento passado pelos “velhos mestres”, de modo que a essência do fenômeno é resgatada a toda nova “invenção”. E, quando isto é rompido, em nosso entendimento, ocorre o desenvolvimento de manifestações que não serão mais

reconhecidas pela comunidade como sendo uma “(re)invenção” da mesma manifestação, e sim, será tida como algo novo.

Feitas tais considerações, e entendendo que tais concepções de capoeira são motivos de grandes discussões tanto em meio capoeirístico quanto acadêmico, gostaríamos de destacar Falcão (1996) quando:

Observa-se que as transformações que aconteceram e continuam acontecendo com a capoeira, [...] estão relacionadas com o contexto histórico em que se situam a cada momento. Assim, as “descaracterizações” da capoeira original, efetivadas por alguns e reclamadas por outros, não podem ser analisadas somente à luz de configurações técnicas e estéticas, mas, principalmente, a partir de seus condicionantes histórico-sociais. (p.37).

Assim, entendemos que a capoeira Angola é o estilo que traz um maior vínculo com a cultura africana, todavia não entendemos que ela seja uma capoeira “pura” ou a capoeira “verdadeira” como algumas correntes da capoeira colocam. Por outro lado, a Regional traz em nosso entender grande influencia acadêmica e estadonovista¹². Entretanto, cremos que isto não a torna uma capoeira descaracterizada, mesmo porque os dois estilos citados apresentam grandes distinções técnica, contextual e estrutural frente ao movimento de capoeiragem antecedente a eles.

3. EDUCAÇÃO FÍSICA: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Antes de discorrer sobre a chegada da Educação Física ao Brasil, optei por enfatizar a importância bélica dos métodos ginásticos desenvolvidos na Europa, tais como o francês, o sueco, o dinamarquês, e o alemão. Sobre o último, Jahn, citado na obra de McIntosh, (1973):

Só quando todos os homens em idade militar se tenham tornado capazes, através da Educação Física, de pegar em armas; quando se tenham tornado prontos para combate, através de um treino pratico intenso, prontos para entrar em novas espécies de jogos de guerra e sempre alerta, por amor da Pátria – só então se poderá dizer de um povo que está militarmente preparado. (p. 79-80).

A partir deste trecho fica clara a preocupação destes métodos para com a formação do cidadão-soldado. Preocupação esta pertinente para o momento histórico vivido na Europa, bem como para as escolas militares, mas que entendemos ser extremamente

¹² Aqui entendida como uma corrente ideológica que tinha como pressupostos o fortalecimento da nação brasileira a partir de um sentimento nacionalista, do ascetismo social, da política eugênica e do controle das manifestações populares.

equivocada em contexto escolar. Recuperamos tal passagem, uma vez que um destes métodos ginásticos, o francês, foi implantado nas escolas brasileiras no início do século passado. Inicialmente, nas instituições militares, o *Règlemente General de l'Education Physique*, tinha por finalidades:

[...] o método Francês, foi desenvolvido na escola de Joinville-le-Point com o objetivo de fundamentar um trabalho físico com vistas à superação das deficiências dos militares franceses. (MARINHO, s/d, p. 78).

Já nas instituições escolares brasileiras, seus objetivos não mudaram muito, apenas foram adaptados ao novo ambiente. Assim, o adestramento dos indivíduos para o “pensar militarmente”, compôs a Educação Física ao longo do período entre as décadas de 20 a 50 do século passado. Ademais, as teses arianizantes se faziam presentes, delegando desde a esterilização dos indivíduos que poderiam comprometer o fortalecimento da “raça” brasileira, até o cidadão que a Educação Física deveria ser capaz de formar. Assim, Vieira (1995) traz Cantarino Filho (1982; p. 168-169) que denuncia:

“A nova Educação Física deverá formar um homem típico que tenha as seguintes características: talhe mais delgado que cheio, gracioso de musculatura, flexível, de olhos claros, pele sã, ágil, desperto, erecto, dócil, entusiasta, alegre, viril, imaginoso, senhor de si mesmo, sincero, honesto, puro de atos e pensamentos [...] e levando o amor de Deus e dos homens no coração.” (p. 64).

Acreditamos que estas colocações deixem claras as ambições pretendidas por meio da incorporação destes métodos na escola brasileira. De fato não podemos pensar nestas questões como sendo restritas ao campo da Educação Física. O Brasil da época vivia sob os ares da ascensão burguesa industrial, e neste momento, o ensino leigo que abarcasse amplos setores e que alicerçasse o processo de industrialização que se seguia, ficou marcado sob os pressupostos do movimento Escolanovista. Contudo, neste processo o corpo ocupou papel de destaque e, por conseguinte, a Educação Física foi instituída enquanto disciplina escolar, trazendo em si, as preocupações do Estado em fortalecer a raça do homem brasileiro. (VIEIRA, 1995, p. 61-63).

Por hora, realizadas tais considerações acerca dos métodos ginásticos, enfatizaremos alguns acontecimentos importantes para a Educação Física brasileira, datas estas que nos auxilia a entender que o contexto republicano fomentou a efetivação da Educação Física, sob os pressupostos, já situados, de fortalecimento da nação.

O ano de 1851 marcou a instauração oficial da Educação Física nas escolas brasileiras, a partir da reforma Couto Ferraz. Em 1854, a Educação Física, até então intitulada de ginástica, passa a ser obrigatória no ensino primário e a dança no secundário. Pouco mais tarde, no ano de 1882, Rui Barbosa recomenda o ensino da ginástica nas Escolas Normais. Entretanto, apenas no período seguinte a década de 1920 é que este ensino começa a ganhar proporções para além da cidade do Rio de Janeiro, então capital da República. (DARIDO, 2003). Ou seja, anterior à ascensão definitiva da burguesia industrial ao poder, o ensino era direcionado apenas à elite. Logo, com a necessidade de formar mão de obra para indústria, a partir de 1920 a educação e em especial a Educação Física ganham proporções para além da cidade do Rio de Janeiro.

A Educação Física ministrada na escola começou a ser vista como importante instrumento de aprimoramento físico dos indivíduos que, “fortalecidos” pelo exercício físico, que em si gera saúde, estariam mais aptos para contribuir com a grandeza da indústria nascente, dos exércitos, assim como com a prosperidade da pátria. (SOARES et al, 1992, p.52).

Com base nestas colocações, algumas questões precisam ser evidenciadas. Primeiramente que as objetivações do ensino da Educação Física nas escolas da época, retratavam os anseios de uma política elitista, inicialmente com os contornos do higienismo (até 1930) e depois assumindo postura predominantemente eugênica (1930-1945). E, também, que seu ensino à população brasileira foi disposto apenas a partir das necessidades da elite industrial em formar trabalhadores para o desenvolvimento do Brasil sob a égide do capital, fato que nos revela que o pressuposto de formação de exércitos que regia os métodos ginásticos continuou presente na Educação Física, entretanto, estes não mais eram de soldados e sim de trabalhadores.

De modo que ao longo da história da Educação Física no Brasil, temos que a mesma se configurou apenas enquanto meio, estratégia, não se formando, portanto, enquanto área de conhecimento com conteúdos e objetivos definidos, ficando, de fato, a mercê de outras instâncias. Outro fato que evidencia tal embate foi o período em que a Educação Física passou a ser desenvolvida sob a égide do modelo esportivo, a partir do golpe de 1964, onde os militares assumem o poder no Brasil, e buscam forjar, em outros, uma nação “olímpica”. Passando por este processo, no qual o rendimento, a passividade e o ufanismo constituíam a Educação Física, chegamos em fins da década de 1970, onde, enfim, novas correntes políticas e filosóficas começam a questionar e almejar a transformação da ordem estabelecida, a partir

da transformação da educação e da Educação Física brasileira. E neste, consolida-se o momento da chamada “crise de identidade da Educação Física” (MEDINA, 1983).

Neste momento, como dito, ganham força na Educação Física, as correntes pedagógicas que perspectivavam a transformação social por meio da educação e, destas, as abordagens crítico-superadora e crítico-emancipatória, são importantes representantes. Assim, estas correntes procuraram entre outras objetivações, identificar o objeto de estudo, bem como o objetivo da Educação Física escolar. Soares et al (1992), entende que:

A Educação Física é uma disciplina que trata pedagogicamente [...] de cultura corporal. Ela se configura com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, como [...] jogo, esporte, ginástica, dança. [...] visa apreender a expressão corporal como linguagem. (p. 62).

De tal modo, acreditamos que estas preocupações sejam imprescindíveis para a docência em Educação Física, uma que a ausência deste domínio nos coloca, mais uma vez, como mera estratégia de ensino para demais disciplinas e pior, muitas vezes faz com que as aulas de Educação Física se consolidem enquanto “práticas esvaziadas”.

Concluindo este breve relato acerca da história da Educação Física, temos que a trajetória da Educação Física no Brasil é uma história que necessita de ser estudada profundamente para que possamos entender a realidade atual deste saber. Obviamente que nossas contribuições neste momento são modestas, todavia enfatizamos a importância do entendimento desta história a partir dos diálogos estabelecidos entre este saber e os ideais políticos nos diferentes momentos. Mesmo porque, analisamos que a Educação Física ainda traz em seu corpo, muito da ideologia presente nos métodos ginásticos e encerrando tal consideração Soares (1998) faz um apontamento que, em nossa concepção, se ajusta à realidade esportiva vivida atualmente no Brasil:

A ginástica científica segue seu curso e aprimora-se, de certo modo alheia às dores e misérias das muitas “Alziras” que povoavam as minas, os campos e as cidades da França oitocentista. (p. 84).

4. CAPOEIRA E EDUCAÇÃO FÍSICA: APONTAMENTOS.

Não temos por objetivo abarcar, neste tópico, todas as possíveis relações que a capoeira estabeleceu com a Educação Física ao longo de sua trajetória, contudo, alguns apontamentos são importantes para a compreensão do fenômeno da capoeira enquanto disciplina dos cursos de Educação Física. Segundo Campos (2001):

A capoeira foi inserida como disciplina curricular nos cursos de Educação Física a partir do final da década de 70 e tomou novos contornos através da resolução 03 de 16 de junho de 1987, que estabelece [...] formação geral do currículo pleno, considerando as peculiaridades de cada região [...].

Segundo o autor, esta resolução favoreceu a implantação da disciplina capoeira, não apenas por possibilitar uma maior interação da Academia com a região que está inserida, mas também, por ela ter estabelecido um prazo de dois anos para os cursos se adequarem, e assim, a capoeira foi incluída sob caráter de disciplina obrigatória e também optativa. (CAMPOS, 2001, p. 134).

De fato, anterior ao período relativo ao ingresso da capoeira enquanto disciplina propriamente dita dos cursos de Educação Física, outras aproximações já haviam sido feitas entre estes saberes. Neste processo, algumas passagens precisam ser lembradas, como a figura de Mestre Bimba e sua relação com a Educação Física, os esforços de Annibal Burlamaqui, em 1928, bem como os de Inezil Penna Marinho, em 1982, em fazer da capoeira o método ginástico brasileiro. (CAMPOS, 2001, p. 68-71).

Para não nos tornarmos repetitivos, uma vez que ao longo do trabalho já evidenciamos as relações acerca dos pressupostos políticos e econômicos para com as manifestações culturais populares, não iremos retomar as questões que formataram a Luta Regional Baiana, tão pouco a influência eugênica e higienista que perfizeram as propostas acerca da capoeira enquanto método ginástico brasileiro. Todavia, é importante percebermos que a partir da década de 1920 a capoeira, atividade até então marginal, foi cooptada pela proposta governante calcada em um sentimento de nacionalismo a partir de mecanismos repressivos.

Assim, a capoeira iniciou seu diálogo com o universo da Educação Física a partir das instituições militares, onde era tida como um dos conteúdos das práticas de defesa pessoal.

Por outro lado, ao ser concebida sob os pressupostos esportivos, a capoeira era tida como um esporte capaz de moldar corpos fortes e saudáveis, respondendo assim ao ideário eugênico e que sua prática promovia um espírito nacionalista, fortalecendo assim, o mito de unidade nacional. (VIEIRA, 1995, p. 70). Tão forte era esta premissa que Getúlio Vargas anunciava a capoeira como único esporte genuinamente nacional.

Passado tal momento, a capoeira ingressa no meio acadêmico, como vimos, na década de 1970, sob o conceito de práticas esportivas. Já nas décadas que se seguem a capoeira ganha espaço e projeção em inúmeros estudos acadêmicos, tanto da Educação Física,

quanto de outras áreas, como sociologia, história, antropologia, dentre outras. Dentre destes estudos, um fato que nos chama a atenção, sendo este uma de nossas motivações para a pesquisa, é que o ensino da capoeira vem sendo atrelado à Educação Física, e em especial, a Educação Física escolar, como uma manifestação que possibilita um outro olhar acerca de nossa realidade. Isto porque, diferentemente da grande maioria de conteúdos da cultura corporal que são desenvolvidos nas aulas de Educação Física, a capoeira tem sua origem em seio popular, marginalizado e escravizado, e não na cultura dominante de origem européia e norte-americana.

Nossa indagação não se remete, portanto, ao ensino de conteúdos tido como tradicionais pela Educação Física, pelo contrário, defendemos a socialização destes conhecimentos. Todavia, mesmo entendendo que a capoeira seja capaz de fomentar um olhar questionador e transformador sobre a sociedade, por conta de sua história, pensamos que as ações docentes, quando mal planejadas, podem fazer da capoeira mais uma prática vazia, reforçando esteriótipos, preconceitos e contribuindo para um posicionamento conformista dos alunos sobre a realidade que os cercam. Assim, neste processo, os significados atribuídos à capoeira enquanto disciplina do curso de licenciatura em Educação Física são extremamente importantes para que seus egressos possam desenvolver ações docentes que objetivem a transformação social.

Apresentadas nossas considerações, extrapolamos o campo da Educação Física e nos reportamos à Duarte (2005) quando argumenta sobre a problemática educacional brasileira:

Por um lado, torna-se cada vez mais problemática a tarefa do educador nessa sociedade de barbárie crescente, mas por outro lado, é justamente por isso que nós devemos radicalizar nossa luta pela defesa de educação, contra o brutal esvaziamento da educação escolar [...].

Concluindo nossa análise, enfatizamos outra questão emblemática que é a relação entre o sistema CREF/CONFED e os mestres e professores de capoeira. Decorrente da lei 9696/98, foi instituído o Conselho Federal de Educação Física, com o objetivo de:

[...] regular a atividade profissional, asseverar o exercício de qualidade e constituir-se no órgão de defesa do consumidor, no que concerne à área de Educação Física. [...] garantir o direito constitucional da sociedade à prática de atividades físicas ministradas, orientadas e conduzidas por Profissionais habilitados [...]. (CONFED, 1998).

Neste trecho, o discurso do CONFEF, nos remete à questões que já começam a nos dar subsídios para entender o porquê da resistência da capoeira, de outras áreas, bem como da própria Educação Física para com este órgão. Ora, qual é a área, bem como, qual é o profissional entendido por este sistema como sendo da Educação Física?

Respondendo a estas questões, entendemos que a não especificação de quem é este profissional de Educação Física, bem como de sua área de atuação, traga na verdade uma questão ainda não resolvida na Educação Física, ou seja, o que é Educação Física? Quais seus conteúdos? Quais suas finalidades?

De certo, vários estudos vêm desenvolvendo discussões para respaldarem tais indagações, mas o fato é que as atividades físicas, as quais o Conselho se arroga como especialistas, não são compostas exclusivamente por conhecimento de fisiologia, biomecânica e anatomia. Estas atividades são manifestações culturais que para além destes conhecimentos, trazem seus códigos, suas concepções e conhecimentos que lhe conferem uma identidade. Assim, discordamos radicalmente dos pressupostos geridos pelo sistema CREF/CONFEF, que entendem como leigos as pessoas com formação diferenciada da promovida pelos cursos de Educação Física, mas que atuam em áreas de interseção com esta área de conhecimento. Entendemos que as artes marciais, a capoeira, a dança e qualquer outra manifestação que dialogue com esta área de conhecimento, tragam em seus mestres e professores, conhecimentos específicos e, portanto distintos, porém não menos importantes que os sistematizados nos cursos de Educação Física.

De certo, os professores de Educação Física podem e devem apropriarem-se destes conhecimentos para desenvolvê-los em suas aulas, entretanto, conscientes de que tais manifestações não são subordinadas à Educação Física, mas sim, que tais manifestações se relacionam, em alguns momentos, com esta área de conhecimento.

Outra questão que precisa ser reforçada é o discurso oportunista presente neste Conselho. Para tanto, recorremos à Nozaki (1996) traz:

“Hoje as atividades nesses segmentos são TERRA DE NINGUÉM, são ESPAÇO VAZIO. Sendo espaço vazio qualquer um pode ocupá-lo. Portanto, devemos nós ocupá-lo antes que outros o façam” (STEINHILBER, op.cit., p.51).

Não iremos nos aprofundar em nossa análise, mas este discurso rompe com o discurso falacioso de preocupação com a promoção e melhora de qualidade de vida da sociedade brasileira, deixando claro que as perspectivas e ambições deste órgão são de cunho financeiro e de reserva mercado.

Voltado à capoeira, temos que as ações do CONFEF em tentar fazê-la uma área subordinada a seu sistema, resultaram em inúmeras manifestações e audiências públicas, nas quais, juntamente com outras frentes, a capoeira vem se sagrando vencedora, tendo, portanto, os mestres o direito de continuarem exercendo seus trabalhos.

Este embate é importante, uma vez que a capoeira é, em sua origem, luta de resistência frente à escravidão e, este fato confere a seu ensino possibilidades de questionamentos acerca da configuração social atual. E, enquanto cultura corporal, a capoeira não pode se adequar as leis de mercado, tão pouco ter uma postura subserviente neste processo. Assim, a resistência de seus mestres e professores frente às ações do sistema CREF/COFEF é uma ação necessária para preservação de seu status revolucionário.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para realização deste trabalho optamos por desenvolver uma pesquisa de caráter qualitativo, na qual o discurso oral e a revisão bibliográfica se fizeram presentes. O instrumento de coletas de dados utilizado foi a entrevista semi-estruturada que segundo Negrine (1999):

É semi-estruturada quando o instrumento de coleta de dados está pensado para obter informações de questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador, e, ao mesmo tempo, permite que se realizem explorações não-previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa.

O público com o qual buscamos desenvolver as entrevistas remete-se aos docentes da disciplina capoeira ou similar de cursos superiores em Educação Física de universidades públicas e privadas. O período de coleta de dados compreendeu os meses de setembro de 2006 a setembro de 2007. Estas entrevistas foram realizadas com professores dos Estados de São Paulo e Bahia, tendo como único critério de escolha a necessidade deste professor ser docente da disciplina capoeira ou similar em cursos de licenciatura em Educação Física. De modo que os contatos com os entrevistados foram conseguidos por meio de um levantamento dos cursos de Educação Física que ofereciam tal disciplina e também por meio de indicações dos próprios entrevistados.

Em relação à disciplina o critério utilizado para sua escolha foi unicamente se ela continha a capoeira como um de seus conteúdos, ou seja, a disciplina poderia ser optativa ou obrigatória, ter nomenclaturas diversas e trabalhar a capoeira de modo exclusivo ou

compartilhado com outros conteúdos. Por fim, referente aos cursos, o critério priorizado foi relativo à escolha de cursos de licenciatura, uma vez que nosso objeto de estudo tem como problemática o ensino da capoeira em âmbito formal de ensino.

As questões abordadas foram relacionadas a partir dos seguintes eixos temáticos: A formação do entrevistado na capoeira e na área de Educação Física, significado da disciplina capoeira nos cursos superiores de Educação Física, estratégias de ensino e conteúdos atribuídos às aulas de capoeira em âmbito acadêmico e, a relação teoria e prática presente nesta disciplina. A partir destas temáticas, estruturamos as entrevistas com os professores, em dois momentos, sendo o primeiro voltado à coleta de dados gerais e o segundo voltado ao objeto de estudo propriamente dito. Tendo, portanto:

Dados gerais¹³:

- Qual o seu nome completo? E, você tem algum apelido de capoeira? Qual?
- Você se considera pertencente a qual grupo étnico¹⁴?
- Qual é a sua idade?
- Em qual universidade/faculdade de Educação Física você ministra a disciplina capoeira e/ou afins? E há quanto tempo?

Roteiro da entrevista:

- Jogava capoeira antes de ser professor universitário desta disciplina? Comente sua história.
- A disciplina capoeira é oferecida em caráter optativo ou obrigatório?
- Como se caracteriza a disciplina capoeira, bem como a relação teoria e prática? Comente.
- Além de ministrar a disciplina capoeira em curso superior de Educação Física, você trabalha com a capoeira em outros lugares?

¹³ Analisamos também a questão de gênero, ou seja, observamos se o entrevistado pertencia ao gênero masculino ou feminino. Porém, não abordamos esta temática em forma de questão, colhemos os dados apenas por observação.

¹⁴ Sobre etnia, todos os dados foram vinculados apenas e tão somente às respostas dos professores, logo não restringimos tal questão a partir das características corporais e sim, vislumbramos a concepção dos entrevistados.

- Enquanto disciplina dos cursos superiores de Educação Física, qual o significado da capoeira para você?

Importante ressaltar que para utilização dos dados coletados e também para citação dos nomes dos sujeitos e instituições envolvidos em nossa pesquisa, os professores assinaram um termo de consentimento esclarecido. Todavia, um dos entrevistados autorizou a utilização dos dados bem como a exposição de seu nome em nossa pesquisa, mas não nos encaminhou o termo de consentimento esclarecido. Assim, utilizaremos os dados deste professor, mas sua identidade, bem como de sua instituição serão preservados.

Ao término das entrevistas, foram solicitadas as ementas das disciplinas, pois entendemos que estas se constituem em mais uma possibilidade de entendermos a disciplina capoeira. Outro aspecto importante, porém que não estamos utilizando formalmente em nossa pesquisa é o acompanhamento de algumas aulas, onde pudemos observar também a questão relativa à coerência dos discursos. Todavia como não foi possível assistir as aulas de todos os docentes, não utilizamos estas observações em nossa análise.

Diante dos dados coletados, demos continuidade à nossa pesquisa, realizando a transcrição integral das entrevistas, a qual está disposta em anexo, junto com as ementas das disciplinas, em nosso trabalho. Assim, estruturamos os dados obtidos em categorias comuns aos discursos dos entrevistados, buscando assim, uma melhor compreensão da capoeira como componente curricular da Educação Física. A partir da construção destas categorias, realizamos uma argumentação no intuito de questionar o modo como a capoeira é desenvolvida pelos docentes enquanto conteúdo de suas disciplinas, enfatizando as ações que dialogam com nossas convicções relativas às finalidades da capoeira neste contexto. Dando continuidade, propusemos, com base nos discursos dos professores, possíveis conteúdos, estratégias de ensino e objetivos para a capoeira em âmbito acadêmico.

Portanto, o terceiro capítulo de nosso trabalho é constituído pela análise dos discursos coletados. Para melhor apresentação desta análise, elaboramos um quadro síntese destes dados coletados, no qual, formamos categorias que dispõem sobre as temáticas presentes ao longo dos discursos. Obviamente que ainda que os discursos dos professores estejam compondo a mesma categoria, os posicionamentos frente aos temas levantados são distintos, ora se complementam, ora se contrapõem.

Todavia, antes de iniciarmos nossa análise, apresentamos, de modo sucinto, quem são nossos entrevistados, quais as instituições em que lecionam e quais seus vínculos históricos com a capoeira. Assim, o quadro apresenta tais informações de modo sintético.

Haja vista que, no terceiro capítulo, estes dados serão retomados, uma vez que a historicidade dos professores forma uma das categorias trabalhadas em nossa pesquisa.

Quadro 1: Dados Gerais sobre os entrevistados e data da entrevista.

Nome	Etnia	Idade	Instituição que leciona/vínculo institucional	Vínculo com a capoeira	Entrevista realizada
Jean Barros da Silva	Afro-descendente	31 anos	Faculdades Jorge Amado/ Salvador - Ba Professor titular	Mestre de capoeira, formado por Mestre Zé Dário.	Dia 15 de setembro de 2006, na sede do grupo GUETO, cidade de Salvador - BA.
Oculto ¹⁵	Negra	61 anos	X ¹⁶ Professor titular	Mestre de capoeira, formado por Mestre Bimba.	Dia 14 de setembro de 2006, na “X”, na cidade de Salvador-BA.
Luiz Augusto Normanha Lima	branco	43 anos	UNESP ¹⁷ /Rio Claro. Professor titular	Formado de Mestre Boca Rica.	Dia 24 de maio de 2007, na UNESP, na cidade de Rio Claro-SP.
Luiz Vítor Castro Júnior	Mestiço	40 anos	FSBA ¹⁸ e UEFS ¹⁹ Professor titular	Aluno de mestre João Pequeno de Pastinha desde 1.986.	Dia 6 de setembro de 2007, na FSBA, cidade de Salvador-BA.
Neuber Leite	Brasileiro, baiano, capoeirista	33 anos	FSBA e UNEB ²⁰ Professor titular	Formado de Mestre Ministro	Dia 6 de setembro de 2007, na FSBA, cidade de Salvador-BA.
Pedro Rodolpho Jungers Abib	mestiço	45 anos	UFBA ²¹ Professor titular	Formado de mestre João Pequeno de Pastinha.	Dia 6 de setembro de 2007, na UFBA, cidade de Salvador-BA.

O quadro anteriormente apresentado evidencia questões importantes, que mesmo transcendendo nossos objetivos, não podemos deixar de ressaltar o predomínio de professores do gênero masculino na disciplina capoeira das instituições pesquisadas, nas quais, com exceção da UFBA²², não há a figura da mulher vinculada ao professorado da disciplina capoeira. Em relação à etnia dos professores, temos um quadro bem diversificado,

¹⁵ Oculto foi o termo que convencionamos para apresentar as contribuições do professor que não nos encaminhou o termo de consentimento esclarecido.

¹⁶ Universidade da cidade de Salvador – BA, onde o professor “oculto” ministra a disciplina capoeira.

¹⁷ Universidade Estadual de São Paulo.

¹⁸ Faculdade Social da Bahia

¹⁹ Universidade Estadual de Feira de Santana.

²⁰ Universidade do Estado da Bahia.

²¹ Universidade Federal da Bahia.

²² Nesta instituição há a professora Amélia..., todavia devido há alguns contratemplos não consegui realizar a entrevista com ela. Contudo faz-se importante ressaltar que Amélia desenvolve a disciplina capoeira em anos alternados, junto ao professor Pedro Abib.

tanto acerca de sua variabilidade quanto acerca da compreensão dos professores por etnia. Contudo, é importante percebermos que não há um predomínio significativo de um grupo étnico perante os demais. Por fim, não podemos deixar de enfatizar a significativa variabilidade de idade destes professores, uma vez que encontramos professores com idades entre 31 e 61 anos. Entendemos que esta diferença entre as idades dos professores seja importante pelo fato de que evidencia momentos sócio-políticos distintos durante a formação destes indivíduos. Assim enquanto uns viveram a capoeira e sua graduação acadêmica sob regime ditatorial, outros acompanharam o processo de florescimento de teorias críticas para a educação e em especial a Educação Física brasileira.

Relacionado aos vínculos destes professores com as universidades, observamos que todos são titulares da respectiva disciplina, o que denota, em nosso entender, responsabilidade destas instituições para com a promoção da disciplina capoeira. Todavia, uma questão interessante de enfatizar é que a capoeira está sendo desenvolvida tanto em âmbito público quanto privado. Assim, notamos que há entrevistados que trabalham em apenas um destes setores como são os casos de Luiz e Pedro, que ministram as aulas somente em universidades públicas (UNESP – Rio Claro, UFBA) e os casos de “Oculto” e Jean que trabalham em universidades privadas (“X”, Faculdades Jorge Amado). Em contrapartida, os professores Neuber e Vitor, ministram a disciplina capoeira tanto em universidades públicas, quanto em universidades privadas (UNEB, FSBA, UEFS).

6. RESULTADOS

Partiremos, portanto das categoriais abaixo evidenciadas na tabela, para realizarmos nossa análise acerca dos discursos dos professores, buscando assim compreender a capoeira nos cursos de Educação Física. Todavia, se faz necessário, antecedendo nossa análise, expressarmos nosso entendimento acerca de categorias. Compartilhando de Minayo (2004):

A palavra categoria, em geral se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si. [...] trabalhar com elas significa agrupar elementos, idéias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso. (p. 70).

Assim, a partir da análise dos discursos, estruturamos a tabela abaixo. Esta traz em seu corpo as categorias formadas que expressam as temáticas centrais abordadas ao longo dos discursos dos professores. Temos, portanto:

Quadro 2: Categorias

1^a	A história dos professores na capoeira antecede seus ingressos no meio acadêmico.
2^o	Relações entre saberes: possibilidades e dificuldades
3^a	Compreensão dos professores em relação à capoeira.
4^a	Compreensão dos professores em relação ao ensino da capoeira nos cursos de Educação Física.
5^a	Conteúdos centrais da disciplina capoeira.
6	Relação teoria e prática e a metodologia de ensino da disciplina capoeira.
7^a	A produção de conhecimento como finalidade das avaliações na disciplina capoeira
8^a	Capoeira na escola ou capoeira da escola.

6.1. A história dos professores na capoeira antecede seus ingressos no meio acadêmico

Esta categoria releva que todos os entrevistados, sem exceção, compartilhavam do universo da capoeira antes de serem docentes da disciplina capoeira em âmbito acadêmico. Professor “Oculto”, que desde a década de setenta, convive com o universo capoeirístico, ressalta:

Comecei a jogar capoeira em 1974, na academia de Mestre Bimba [...] fiz curso de especialização também em capoeira Regional em 1976 [...]. Em 1977 eu já viajava levando a capoeira pelo mundo [...]. Em 1978 já estava com a academia de capoeira no União, eu dava aula na Boa Vista de Brotas [...].

Com uma trajetória distinta, mas não menos importante, o professor Luiz, iniciou nossa entrevista, lembrando suas passagens na capoeira:

Capoeira surge pra mim, nos meus 13 anos [...] em São Paulo, tive uma participação na capoeira Regional, todo aquele esquema de realização da capoeira enquanto federações, aquela organização esportiva [...]. Ai, eu comecei ir pra Bahia, em 1989 e comecei a conhecer os mestres, me apaixonei pela capoeira Angola, larguei a Regional [...] fui me encontrar com Boca Rica e com ele foi uma coisa de tá junto mesmo [...].

Diante dos discursos destes dois professores, entendemos que a capoeira teve ao longo de suas histórias uma importância muito grande, independentemente do modo como eles se relacionaram com ela. Ou seja, enquanto “Oculto” seguiu toda sua vida de capoeira

sob o estilo da Regional, o professor Luiz, que também começou na capoeira Regional, deu continuidade à sua relação com a capoeira, sob o estilo da Angola. Todavia, a capoeira se fez presente ao longo de suas trajetórias antes de ingressarem no meio acadêmico e ainda, constituiu-se como um das motivações para tal ingresso. Neste sentido, Pedro diz que:

Além de praticante, eu senti a necessidade de conhecer, me aprofundar mais na capoeira e como eu já estava na universidade [...] comecei a investigar mais a capoeira, de forma mais criteriosa, mais formal, uma pesquisa acadêmica mesmo [...].

Assim como Pedro, o professor Vítor enfatiza um novo momento dele para com a capoeira:

[...] acho que minha contribuição seja muito mais de abrir caminhos, nessa coisa de produção do conhecimento. [...] eu acho que como a Bahia tem um status da capoeira e tal, eu acho que seria interessante também que ela tenha esse caminho, né? As pessoas que queiram pesquisar capoeira.

Decorrentes de tais colocações observamos o importante significado que a capoeira tem na história e formação destes professores, uma vez que traziam consigo uma significativa vivência no meio capoeirístico e, partir deste, migraram para o meio acadêmico. E neste processo, a necessidade de pesquisar a capoeira de modo mais aprofundado, bem como de evidenciá-la enquanto proposto educativo e como expressivo conteúdo da cultura afro-brasileira ou ainda, enquanto agente social transformador aparece ao longo de suas falas como uma das motivações que os levaram a levantar a bandeira da capoeira no universo acadêmico.

Para além da Educação Física, Pedro entende que o ensino da capoeira deva ser proposto às demais áreas de conhecimento, uma vez:

Eu acho que a capoeira tá neste bojo aí, então eu acho que todas as disciplinas [...] teriam que ter a capoeira de alguma forma... Por ser uma atividade diversificada, multifacetada, então ela permite nexos, vínculos com várias áreas do conhecimento, com a música, com a literatura, com a história, com a antropologia, com a sociologia, com a saúde, com o teatro..., tanto [...] que se você for fazer uma pesquisa das teses de doutorado, mestrado, a capoeira ela é focado em várias áreas do conhecimento [...].

Portanto, uma das características das disciplinas pesquisadas, é que todos os professores tiveram a Universidade, como mais um meio para o desenvolvimento de trabalhos e estudos com a capoeira. Fato importante, uma vez que observamos que tal relação atribui às aulas destes docentes um intenso diálogo entre os saberes popular e científico. Obviamente

que tal relação de saberes apresenta-se sob objetivações distintas entre os professores, entretanto apresenta-se constante ao longo da disciplina. Apresentando tal relação, evidenciamos a fala do professor Jean que diz:

[...] o que acontece, eu sou um capoeirista que fui parar na Academia e não o inverso, eu fui pra Academia pra qualificar minha história da capoeira, [...] eu não sou alguém que foi pra universidade estudou e acabou dando aula de capoeira, eu continuo indo pra batizado, eu me relaciono [...], então eu vivo no meio da capoeira [...]. Isto é legal porque eu acho que posso dar uma contribuição interessante que é tirar as pessoas dos muros da universidade e ta convivendo no meio da capoeira, acho que o ponto alto da disciplina lá, é que a gente tenta fazer uma disciplina fora desta lógica fria da universidade, a idéia é ta promovendo intercâmbio, visitas [...].

Estas considerações nos levam a formulação da próxima categoria, intitulada “Relações entre saberes: possibilidades e dificuldades”. E, dentro desta, formulamos uma subcategoria intitulada “Crítica ao sistema CREF/CONFED”, uma vez que a partir dos discursos dos professores, percebemos que os interesses de tal sistema prejudicaram o diálogo entre a capoeira e a Educação Física.

6.2. Relações entre saberes: Possibilidades e dificuldades.

Partindo, portanto da história e formação dos docentes, tanto de capoeira quanto na Universidade, compreendemos que tais relações entre a capoeira e a Educação Física, se fizeram presentes, nas disciplinas, a partir do entendimento de que estes conhecimentos são distintos e autônomos entre si, porém complementares em prol da formação do ser. Logo, não há a compreensão de subserviência entre estes saberes. Contudo, na categoria “Compreensão dos professores em relação ao ensino da capoeira nos cursos de Educação Física” iremos perceber duas situações: A capoeira a serviço da Educação Física; a Educação Física a serviço da capoeira.

Citamos o professor Luiz, que em sua fala, evidencia o entendimento de que tais saberes são distintos e autônomos entre si:

[...] vou dar o caso de meu mestre, João Pequeno, ele tem um conhecimento profundo de capoeira, que se você deixar uma pessoa lá duas semanas, a pessoa sai jogando capoeira, sai com conhecimento de capoeira, mas ai você vai fala: Mas João Pequeno não sabe biomecânica, não sabe fisiologia... Mas ele sabe, ele sabe pra aquela necessidade de capoeira que ele tem no dia-dia. Então ele tem esse conhecimento, mas não explicito isto já tá embutido dentro da forma de ele ser capoeira [...].

Ainda, pensando neste diálogo e já apontando algumas mediações entre estes saberes, o professor Pedro traz alguns objetivos da relação de seus alunos com os mestres de capoeira:

Então os alunos fazem a aula como o pessoal dá a aula lá, a forma tradicional de dar aula, pra eles experimentarem e depois a gente volta pra cá e vê quais foram... é, o que que a gente percebeu ali na forma de se trabalhar? O que que pode, no sentido de superar, né? Na questão de avançar um pouco o conhecimento na forma como a gente trabalha na Academia, aqui na universidade é diferente do grupo. [...].

Assim sendo, os professores reconhecem que os mestres de capoeira trazem um conhecimento distinto do acadêmico, mas não menos importante. Entendem que seja necessário aos alunos da universidade conhecer tal conhecimento. Todavia, tão importante quanto, é o entendimento de que as objetivações do ensino da capoeira nestes ambientes são distintas, assim, vejo que a superação a que o professor Pedro se dirige, seja no sentido de não implantarmos um mini-curso de capoeira dentro da Educação Física. Uma vez que ao reproduzirmos as ações dos mestres estaremos caminhando no sentido de formação de um capoeirista, que é um dos objetivos dos grupos de capoeira, mas que não é dos cursos de Educação Física, mesmo porque não teríamos competência para tal.

Vale ressaltar que esta reflexão é pertinente não apenas ao ensino da capoeira, mas se refletirmos acerca das grades curriculares dos cursos de Educação Física, perceberemos que a dança, as lutas e os esportes constituem grande parcela dos créditos dos mesmos. E, assim como o ensino da capoeira neste âmbito, estas manifestações da cultura corporal devem ser trabalhadas sob objetivos próprios dos cursos e não reproduzirem os objetivos de grupos e escolas que atuam para formação de futuros especialistas nestas áreas. Isto não apenas devido às diferenças contextuais, mas também, pela impossibilidade de conferir um conhecimento de anos de dedicação em apenas um semestre.

Outro aspecto importante dentro deste diálogo é o modo como ocorre a aproximação da Academia com os grupos e mestres de capoeira. A este respeito o professor Neuber relata:

[...] sempre a gente tá trazendo um mestre pra cá e fazendo o contrário também, levando os acadêmicos para as academias dos mestres e fazendo com que eles entendam que o objetivo da disciplina não é de transformar ninguém em mestre, mas sim, dar subsídios básicos para que eles possam fazer um projeto dentro das escolas, trabalhar o semestre com esta temática da capoeira [...].

Seguindo posicionamento semelhante, o professor Jean destaca sua preocupação para com as finalidades do diálogo entre mestres de capoeira e alunos de Educação Física e ainda, acerca das finalidades da produção de conhecimento acadêmico:

[...] ao final da disciplina a gente tenta montar um mini-livro, de tudo que foi visto na disciplina e este mini-livro é apresentado em escolas da rede pública com professores de capoeira que não tem acesso à universidade. Qual objetivo? O objetivo não é de ensinar capoeira pra quem tá fora da universidade? Não! É de fazer intercâmbio. Eu não levo o mestre de capoeira que tá fora da universidade lá? Então levo os caras da Educação Física pra lá, pra escola, promovendo o intercâmbio. Então em linhas gerais é fazer um capoeira que não quer medir forças com quem tá fora da universidade, não quer dizer assim: “Eu sei mais porque eu tô na ciência”. Fazer uma capoeira com a cara daquele espaço que está ali, sem perder de vista que o espaço só aconteceu lá porque teve um monte de gente trabalhando durante anos, dando suor, referência à sua ancestralidade, até a gente chegar na universidade.

Chegamos assim a algumas considerações que convergem na busca dos professores em conferir identidade e autonomia aos distintos conhecimentos, mas sob uma perspectiva de complementaridade destes almejando a formação do ser. Sendo este, seus graduandos, bem como, os capoeiras e indiretamente a população atendida por estas pessoas.

Sob tal perspectiva, as problemáticas que forjam a conjuntura atual são desenvolvidas pelos docentes em suas aulas a partir das possíveis contribuições advindas do diálogo estabelecido entre a cultura popular e a ciência para o entendimento ou resolução de tais problemáticas. Questões como preconceito e discriminação étnico-racial e social, dificuldades em promover uma formação mais humana dentro de um sistema capitalista, o papel da capoeira na escola, políticas de inclusão social, relações do ensino da capoeira com o processo de formação de identidade do povo brasileiro, dentre outras, são trabalhadas e discutidas nas disciplinas. Vítor lembra que:

[...] a aula é boa quando gera conflito, né? Um desdobramento disso aqui é quando você pega, por exemplo, um menino que é crente e ele diz: O professor isso tem a ver com o candomblé. [...] acaba sempre tendo um atrativo pedagógico e são questões que geralmente a faculdade não discute. Na faculdade a gente não discute sobre a questão do racismo, do preconceito, da discriminação e é isto que aflora na disciplina. Na disciplina aflora justamente isso aqui. [...] A formação acadêmica está preocupada mais com o saber científico, a gente tenta priorizar estes aspectos dentro da formação. Porque estes aspectos é que eles vão estar se defrontando no dia-a-dia. [...].

Como havíamos adiantado, a partir da análise destes conhecimentos à luz do contexto vigente, emerge a necessidade de nos posicionarmos frente à emblemática e conflituosa relação entre o sistema CREF/CONFEF e segmentos que dialogam com a

Educação Física, neste momento, em especial, a capoeira. Apresentamos assim, os pareceres dos docentes, a partir da formulação da próxima categoria.

6.2.1. Crítica ao sistema CREF/CONFED

“Vamos jogar capoeira, enquanto a polícia ‘CREF’ não vem...”.
(Cantiga de capoeira D.P.)

O professor Luiz, abre nossa crítica, dizendo:

[...] eu acompanhei todo essa questão da regulamentação da Educação Física, questão do CREF, a gente aqui foi completamente contra o modo como eles colocaram a coisa, da repressão em cima da capoeira, que os professores não poderiam dar aula, porque não eram professores de Educação Física, eu acho tudo isso um verdadeiro equívoco, né? Por parte dos órgãos que estavam se formando na Educação Física, e a gente percebia que aquilo era um envolvimento simplesmente financeiro e não um aspecto de melhora social. [...].

A fala do professor traz um posicionamento significativo e presente na maior parte dos depoimentos, que é o entendimento de que as preocupações do sistema CREF/CONFED são de cunho financeiro e o discurso midiático deste órgão, que traz a preocupação de melhora da saúde e qualidade de vida social, é na verdade um discurso falacioso. Outro ponto importante é a tentativa do Conselho em querer controlar manifestações culturais que transcendem questões profissionais. Assim, o professor Vítor entende que o estudo da história traz as respostas acerca dos equívocos do sistema CREF/CONFED:

[...] Eles têm uma formação e de repente vem um Conselho que quer arbitrar, controlar uma situação que historicamente se deu de forma diferenciada. Porque nós temos que olhar pra história. [...] E o argumento que eles utilizam geralmente é porque a medicina, o direito tem conselho, como se eles pudessem ser referencia pra gente. [...] Se você for estudar a história dos profissionais liberais no Brasil, vai se dar em outra configuração. O sistema de professor de Educação Física é de licenciatura, do ensino. [...]. Então o que vai reger a profissão do professor é o magistério. Quando você fala magistério é diferente do profissional liberal. Então quando eles utilizam este argumento, você vai ver que não serve pra nossa realidade, e como eles têm dificuldade em olhar pra história aí, esta justificativa que o pessoal coloca para a história, eles não aceitam. Então você vai ver que é uma forma mesmo de controle.

De certo, não teremos condições de contemplar uma vasta discussão acerca deste sistema, mas se faz importante destacarmos os apontamentos dos professores. Precisamos entender que este sistema é fruto dos ideais do sistema capitalista vigente, nos quais a reserva e controle de mercado são finalidades últimas deste órgão. Dito isto, a crítica

ao sistema CREF/CONFED faz sentido quando almejamos a superação da sociedade capitalista, buscando a estruturação de uma sociedade justa. Caso não seja, podemos incorrer em equívocos, como nos aponta o professor Neuber:

[...] A questão do sistema CREF/CONFED [...] a gente precisa dialogar sobre esta problemática [...] a gente vem chamando a atenção dos capoeiristas para discutir [...] e, uma consequência nefasta que vem desta problemática que é a regulamentação da profissão do capoeirista, inclusive eu trato isto no meu trabalho, num capítulo denominado “trocando seis por meia dúzia: a profissionalização da capoeira”, chamando a atenção da capoeira pra esta problemática. Ou seja, se a gente não quer ser regulamentado pela Educação Física, porque que a gente vai querer regulamentar a capoeira e aí eu to entendendo que isto é trocar seis por meia dúzia. [...].

É de singular importância tal compreensão, pois caso não a tenhamos, poderemos, em nossas ações, reproduzir o modelo criticado. As frentes e personalidades representativas da capoeira, bem como da dança, do Yoga e das artes marciais dão um importante passo quando se organizam para discutir e exigir seus direitos de atuarem, sem subordinação ao sistema CREF/CONFED, no processo de ensino e aprendizagem destas manifestações. Contudo, como nos alerta o professor Neuber, esta luta passa a ser equivocada quando também traz como meta a formação de outros órgãos de reserva de mercado, trocando, nas palavras do professor “seis por meia dúzia”.

Outra questão que necessita ser evidenciada é a existência de movimentos contrários ao sistema dentro da própria Educação Física. Movimentos que não atribuem ao sistema CREF/CONFED, sua representatividade, uma vez que o mesmo foi instituído de “cima para baixo”. Assim, ressalta Jean:

Esta é uma discussão interessante, porque nós estamos vivendo um conflito aqui que já vem de um tempo, com o pessoal da Educação Física e o Conselho de Educação Física. É..., os mestres de capoeira, eles não compreendem que a própria Educação Física tem um movimento interno contra o CONFED [...].

Temos, portanto a resistência de grupos sociais frente a um órgão que não respalda seus anseios e, que em última análise, constitui-se em mais um meio de manutenção da ordem vigente.

Diante deste quadro, os professores, em sua maioria, afirmam que o sistema CREF/CONFED é um dos conteúdos que desenvolvem em suas aulas. Entretanto, temos que em algumas disciplinas tal conteúdo parte do próprio docente, em outras, os docentes desenvolvem a discussão a partir de colocações dos discentes e palestrantes convidados. O professor Neuber relata que:

[...] Eu vejo que existem outras formas de se organizar que não seja na estrutura de um conselho, de uma profissionalização. Eu to entendendo que a capoeira perde muito se isso realmente vier se concretizar [...] A gente trabalha com os problemas históricos e contemporâneos da capoeira. Então a gente aborda esta problemática do sistema CREF/CONFEEF [...].

Por outro lado, Pedro:

[...] Bom, é um tema polêmico e então vem à tona sempre, né? Então sempre este tema é discutido, né? Às vezes pela intervenção de algum palestrante que é convidado a dar aula e acaba tocando no assunto, às vezes por questões mais amplas e a gente acaba discutindo [...] e a gente acaba abordando sim.

Por hora encerrando esta categoria, enfatizamos que seja necessária a luta pela regulamentação, mas pela regulamentação do trabalho e não da profissão. Uma vez que visualizamos tal regulamentação a partir de ações que assegurem os direitos dos trabalhadores e não os interesses de pequenos grupos “profissionais”. Destacamos que a luta por uma sociedade justa, com melhor qualidade de vida passa necessariamente pela socialização dos conhecimentos historicamente construídos pela humanidade. Logo, não há sentido em restringir, em constituir “fronteiras de conhecimentos”. Assim, a formação de Conselhos profissionais, em nosso entender se consolida enquanto um equívoco, um retrocesso.

6.3. Compreensão dos professores em relação à capoeira.

Precedendo nossa análise frente às concepções dos professores acerca da relação do ensino da capoeira nos cursos de Educação Física, se faz indispensável compreendermos o entendimento destes professores relativo à capoeira. Partimos de tal premissa, uma vez que a historicidade destes professores com a capoeira se mostra distinta em vários aspectos, como em relação ao entendimento de capoeira a partir da dicotomia Angola e Regional, os diferentes olhares acerca de seu papel social, bem como de sua importância histórica, dentre outros. Assim, iniciamos com o professor Neuber que ressalta:

Eu não trato a capoeira a partir desta dicotomia de Angola e Regional, [...] se você me perguntar o que é que eu faço, vou dizer que é capoeira e o que o berimbau tocar eu jogo. Agora, reconhecendo que existem códigos [...], mas também que existem várias Angolas [...] assim como não existe apenas uma Regional [...].

Optamos por iniciar com a fala deste docente por entendermos que este olhar acerca da capoeira como uma manifestação única que se expressa por meio de diferentes códigos, traz uma questão extremamente polêmica, tanto no meio capoeirístico quanto acadêmico. Polêmica, em nosso entender, por quebrar com uma lógica que polariza a capoeira a partir de seus movimentos corporais, de sua estrutura de jogo e de seus rituais. De certo, para além destas características, os discursos vigentes acerca dos estilos de Angola e Regional também aprofundam tal segregação, no momento em que atribui à capoeira Angola um status de cultura popular legítima, onde a ancestralidade, oralidade e a ritualidade constituem tal manifestação, ao passo que à capoeira Regional são atribuídas características de esporte e de uma manifestação híbrida, a qual não responde mais aos anseios populares.

Podemos perceber este entendimento polar de capoeira no discurso do professor Luiz, onde temos a impressão de que um estilo de capoeira acaba por negar o outro, assim:

[...] tive uma participação na capoeira Regional, todo aquele esquema da realização da capoeira enquanto federações, aquela organização esportiva dela, eu participei disso tudo [...] aí eu comecei ir pra Bahia, em 1989 e comecei conhecer os mestres, me apaixonei pela capoeira Angola, larguei a regional, e foi uma mudança, porque eu via que era meio incompatível [...] e eles meio que falavam que eu tinha que abandonar a regional e eu fui abandonando [...].

Não apenas entendemos o posicionamento do professor, como temos consciência de que este sectarismo se faz imperativo no meio capoeirístico, contudo, não concordamos com tal perspectiva. Mesmo porque, entendemos que há grupos de capoeira Angola que apresentam uma capoeira tão regrada quanto os grupos de capoeira Regional e ainda, que o inverso se faz verdadeiro, ou seja, compreendemos que a subjetividade dos indivíduos que constituem estes grupos, atribui singularidades aos mesmos, que transcendem esta “fronteira”.

Extrapolando a compreensão da capoeira sob seus estilos, o professor Vitor reportasse as singularidades presentes no ensino da capoeira em si, para destacar um fazer, uma pedagogia, que perfaz o meio capoeirístico:

[...] a cada momento a cultura tá cada vez mais híbrida, mas é claro, não podemos pensar numa autenticidade, mas é você pensar na singularidade, você descobrir que é diferente quando um mestre pega na mão do aluno pra ensinar ginga e depois vai discutir, se for necessário discutir. Então, este tipo de fazer pedagógico é diferente [...] to revertendo a ordem, primeiro a gente faz [...] isto é Paulo Freire [...] ação-reflexão-ação. [...].

Expostas tais colocações, acreditamos ter conseguido apontar que a capoeira é entendida pelos professores de diferentes formas. Alguns entendem a capoeira como uma manifestação única que dialoga por meio de diferentes códigos com os diferentes contextos históricos. Outros entendem a capoeira a partir dos estilos de Angola e Regional, sendo que destes, observa-se que alguns vêem os estilos como distintos, porém, podendo coexistir e outros, entendem que um estilo necessariamente nega a validade do outro.

Enfatizando a importância social da capoeira, todos os entrevistados encontram na historicidade de tal manifestação os elementos que a tornam símbolo de resistência e transformação social. O professor Pedro lembra que:

[...] a capoeira é fundamental até para a gente entender um pouquinho mais como esta cultura corporal se desenvolve no Brasil, pela influência direta do negro africano [...], a manifestação que expressa melhor isto, não só pela questão histórica que ela representa no processo civilizatório do Brasil, né? A capoeira como uma cultura mantida apesar de toda a violência que ela é submetida, a repressão, ela consegue passar por tudo isto e hoje deixa de ser crime e passa para ser uma das mais trabalhadas na educação e tal [...].

A partir da colocação do professor, lembramos que a história da capoeira esta intricada à história e formação do Brasil, de modo que não dá para falarmos de história do Brasil sem falarmos de capoeira. Assim, a capoeira teve distintas finalidades ao longo de sua trajetória, ora importância bélica, ora cultural e pedagógica, mas em seu cerne fizeram-se presentes os anseios da população marginalizada. E este entendimento pode esclarecer o porquê da identificação maciça, ainda hoje, da capoeira em projetos de cunho social. Acerca disto Jean cita o trabalho desenvolvido em sua ONG:

[...] a meta final é você ter a capoeira como uma estratégia pra educar em diferentes idades. Se o cara tá na escola de formação GUETO²³, a gente vai ter um enfoque [...] que ele vai ser um professor de capoeira amanhã [...] No projeto capoeira especial, já tem outra roupagem, voltada à educação especial. O projeto brincapeira com crianças tem outra roupagem, adaptada ao universo da criança. [...] Então, resumindo, tem muitas metas, muitas caras, o final, o principio norteador de todas é de usar a capoeira como instrumento de educação, [...].

Feitas nossas considerações acerca da concepção de capoeira trazida por nossos entrevistados, partiremos para seus pareceres em relação à capoeira nos cursos de Educação Física.

²³ Grupo Unido para educação e trabalho orientado.

6.4. Compreensão dos professores em relação ao ensino da capoeira nos cursos de Educação Física.

À capoeira são atribuídos diferentes papéis dentro da grade curricular do curso de Educação Física destas instituições. Todavia, em todas as universidades pesquisadas, a capoeira aparece como disciplina obrigatória e também, em algumas destas, aparece num segundo momento como disciplina de aprofundamento, projeto de extensão ou disciplina com intervenção social. Assim, podemos aferir que a capoeira, nos cursos de licenciatura em Educação Física, vem conquistando seu espaço enquanto não apenas um conteúdo a mais a ser ensinado, e sim, como um conteúdo fundamental da cultura corporal brasileira. Sua defesa neste âmbito faz-se por sua importância histórica e pelas possibilidades que traz frente à supremacia do esporte e frente à lógica do rendimento presentes na Educação Física escolar. Acerca desta compreensão, o professor Pedro é enfático:

[...] a Educação Física é uma área de conhecimento que se propõe a trabalhar com a cultura corporal [...]. e, não dá pra falar de cultura corporal neste país, se você não abordar a capoeira [...].

Antes de continuarmos nossa análise, é necessário expressarmos o que estamos admitindo neste momento como cultura corporal. Assim, ainda com base no discurso de Pedro temos que este conceito remete-se ao estruturado por Soares et al (1992) que dispõe:

A Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, como as nomeadas anteriormente: jogo, esporte, ginástica, dança ou outras, que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem. (p.62 e 63).

Esta aproximação fica também evidenciada na fala do professor Neuber, no momento em que este dirige uma crítica à hegemonia do esporte dentro da Educação Física escolar e, a partir desta faz uma defesa do ensino da capoeira na escola. Portanto:

[...] a gente vê hoje nas aulas de Educação Física a monocultura do esporte [...]. Mas enfim, existe uma hegemonia de uma cultura corporal exportada, enquanto a nossa cultura corporal é excluída da escola. Então a capoeira vem com uma importância muito grande, porque ela vem como manifestação de nossa cultura e faz parte da Educação Física, ou seja, é uma cultura corporal e que precisa ser trabalhada na escola [...].

Passado este primeiro momento, onde já explicitamos o conceito de cultura corporal que aqui está sendo posto, daremos continuidade a nossa análise enfocando as diferentes atribuições conferidas ao ensino da capoeira por seus docentes. Para o professor Vítor, a capoeira consolida-se como importante manifestação da cultura popular e, por seu legado cultural africano, possibilita um fazer diferente. Assim ele diz:

A contribuição da capoeira em apresentar um fazer diferente, um modo de trabalhar, de lidar com o corpo diferente, acho que esta concepção de trabalho do corpo, o modo africano, a maneira indígena é muito semelhante [...].

Seguindo a mesma linha de Vítor, e já tecendo uma crítica ao modelo de Educação Física atual, o professor Neuber afirma:

A importância da capoeira estar no currículo é esta questão da cultura corporal brasileira, ou seja, onde é que está a cultura corporal brasileira nas aulas de Educação Física nas escolas? Onde é que estão as danças indígenas, os jogos indígenas?

Por outro lado, “Oculto” enfatiza as contribuições da capoeira a partir do modelo e discurso esportivo vigente em nossa sociedade. Deste modo:

[...] o projeto maior da capoeira na universidade é mostrar sua validade como: terapia, [...] pessoas portadoras de doenças, digamos assim físicas ou mentais, mas que praticam a capoeira, [...] elas ficam tranqüilas, [...] esquecem da vida lá fora, esquecem de seus problemas, é uma forma de você unir negros com brancos, judeus com católicos, protestantes, comunistas, todo quanto é tipo de gente [...] independentemente de posição política, econômica e social [...]. Então a capoeira dentro da universidade é vista dessa forma, como uma forma de integrar a sociedade, como um desporto, a exemplo do que acontece com o voleibol, basquetebol [...].

Apresentamos estes dois posicionamentos para enfatizar que a disciplina capoeira não se apresenta sob finalidades e concepções similares e sim, que ela expressa, para além do projeto político pedagógico da instituição, a concepção de capoeira que seu docente traz. Logo, à capoeira podem ser atribuídas vestes revolucionárias ou conservadoras, podendo ser interpretada como uma manifestação cultural que possibilita outro modo de ler as relações sociais ou como um conteúdo a serviço da ordem social estabelecida. Não temos como intuito traçarmos relações superficiais de causa e efeito, tão pouco postar nossa análise a partir de juízo de concepções. Entretanto, buscamos o extremismo para salientar que a capoeira detém em sua história, inúmeros feitos que a torna, sem nenhuma dúvida, uma manifestação cultural

que possibilita o repensar de nossa sociedade. Contudo, os significados e sentidos atribuídos a ela através da instituição e de seu docente, podem apresentá-la como mais uma atividade sob a égide do sistema social vigente.

Apresentadas as distintas concepções atribuídas ao ensino da capoeira nos cursos de Educação Física, intensificaremos nossa análise, a partir do discurso que esteve mais presente nas falas dos professores, sendo este, o entendimento da capoeira sob o foco de cultura popular de resistência. Sobre tal concepção o professor Jean entende que:

[...] a partir desta leitura que a gente faz da capoeira na universidade, a gente humaniza a formação deste cara, leva pra ele uma proposta legal de ele chegar na escola e mostrar que as pessoas podem conviver em parceira, que um pode tolerar a diferença do outro, que a partir desta diferença a gente constrói uma coisa melhor pra todo mundo. [...] então você vê que ela vai trazendo uma conta-mão, inversão da lógica, ela pode ver o mundo de pernas pro ar mesmo, ela inverte a lógica e faz as pessoas se questionarem.

Este breve recorte do discurso do professor evidencia a capoeira como uma manifestação cultural que permiti uma leitura distinta acerca de nossa sociedade, tendo por finalidade questionar e superar tal realidade. Tal entendimento é abordado na fala do professor Pedro:

A gente procura trabalhar em vários aspectos. [...] a questão da capoeira enquanto uma manifestação da cultura brasileira, da cultura popular brasileira, eu vinculo muito a capoeira com cultura popular [...] e depois situar a capoeira num contexto social, cultural, político e econômico do Brasil, historicizando [...].

De certo, como já havíamos adiantado, a concepção de capoeira como cultura de resistência mesmo estando presente na maioria dos discursos, não se fez unânime. Assim, em alguns cursos de Educação Física, identificamos uma concepção de capoeira à luz do esporte de alto rendimento, onde a capoeira apresenta como finalidades de seu ensino a melhora em eficiência técnica e de desempenho. E ainda, para além destas finalidades, surge em um dos discursos uma questão que entendemos ser de suma importância discutir, sendo esta a concepção de formação de cidadão-atleta. Logo, o professor “Oculto” diz:

[...] A capoeira aqui na universidade, ela não é somente a parte cultural, nós tratamos a capoeira como um desporto, com suas regras, com seus objetivos definidos, da formação do cidadão-atleta, não somente do capoeirista daquele do passado que tomava cachaça, fumava um charuto e entrava na roda. Hoje a gente da métodos de preparação física, condicionamento, então o cidadão chega ao final do curso bem física e tecnicamente.

Esta colocação do professor é importante, em nosso entender, por evidenciar algumas questões emblemáticas que ainda estão presentes no universo da Educação Física, dentre estas, a dificuldade em entender que a formação de futuros professores necessita de ações que diferem das situações de treinamento de atletas. Vemos que o professor não está equivocando quando ressalta as conquistas tecnológicas nos métodos de ensino ou de preparação física, mas sim, quando coloca como uma das finalidades do ensino da capoeira em âmbito formal de ensino, a formação do cidadão-atleta, que chega ao fim do curso bem física e tecnicamente.

Não temos pretensões de aprofundar as discussões frente às colocações dos docentes, entretanto temos convicção de que evidenciar tais contradições seja importante, uma vez que possibilita nosso entendimento frente às distintas concepções de sociedade, capoeira e Educação Física dos professores. Assim, há uma convergência dos pareceres dos entrevistados em relação à importância da capoeira estar presente nas grades curriculares dos cursos de Educação Física. Porém, como pudemos notar, se faz imprescindível indagarmos quais motivações em relação ao ensino da capoeira que cada um destes professores traz em suas ações. O ensino da capoeira junto à Educação Física escolar é defendido por várias literaturas como sendo capaz de propiciar uma leitura social crítica em nossos alunos. Apesar disso, em nossa análise entendemos que, no momento em que os professores enquadram à capoeira no discurso vigente, ela tende a se tornar mais um conteúdo reprodutor da ordem social, abafando assim, toda sua história de luta e resistência.

Caminhando para o fechamento desta temática, gostaríamos de justificar o porquê das aproximações com situações escolares, aqui realizadas, uma vez que nossa pesquisa ocorre em âmbito acadêmico. Nossa intenção foi de enfatizar o quanto uma disciplina acadêmica pode fomentar uma prática pedagógica na escola, desde a utilização de uma estratégia de ensino até a postura do professor frente às problemáticas sociais presentes. Feita tal consideração, concluímos com um trecho do discurso do professor Jean em relação ao ensino da capoeira nos cursos de Educação Física:

[...] ela vai trazendo uma contra-mão, inversão da lógica, ela pode ver o mundo de pernas pro ar mesmo, ela inverte a lógica e faz as pessoas se questionarem. Então você pega um cara [...] que vai ser personal trainer, quando ele bate lá e vê a disciplina capoeira ele no mínimo, ele não muda totalmente, mas ele no mínimo pensa: Poxa tem outra forma de fazer. Ele pode até sair com a primeira concepção dele de ser personal, mas ele percebeu que tem outra maneira de se lidar com o outro, ou seja, a idéia [...], tá humanizando ele mais, tá fazendo perceber as coisas [...].

6.5. Conteúdos centrais da disciplina capoeira.

Partiremos agora à exposição e análise dos conteúdos trabalhados nestes cursos. Importante enfatizarmos desde já, que há coerência entre as concepções e conteúdos presentes nos discursos dos professores. Há também coerência entre estes e os planos de suas disciplinas²⁴. Todavia há grandes distinções perante o modo como são desenvolvidos tais conteúdos, bem como, quanto às finalidades que lhe são atribuídas em cada disciplina. E, estas distinções vêm a exaltar mais uma vez, as diferentes concepções de sociedade, capoeira e Educação Física dos professores.

Apresentamos, no quadro abaixo, a síntese dos conteúdos que constituem as disciplinas capoeira nos referidos cursos. Conteúdos estes que foram organizados a partir dos discursos e dos planos de disciplina apresentados pelos professores. Em seguida, nossa análise e desenvolvida a partir do agrupamento dos conteúdos 1 e 2 e, 3 e 4.

Quadro 3: Conteúdos presentes nas disciplinas capoeira dos cursos de Educação Física

1	Origem e história da capoeira
2	Estilos de capoeira.
3	Movimentos corporais do jogo de capoeira.
4	Musicalidade: instrumentos e cantigas.

6.5.1. Conteúdos: “Origem e história da capoeira” e “estilos de capoeira”.

Percebemos que há a preocupação dos professores em contextualizar o ensino da capoeira a partir das relações estabelecidas com a conjuntura social brasileira. Entretanto estas contextualizações não são e nem poderiam ser semelhantes entre si, uma vez que trazem consigo as convicções e crenças peculiares a cada professor. Mesmo diante de divergências se fez unânime a defesa dos professores em relação as possíveis contribuições que o ensino da história da capoeira pode acarretar às práticas docentes em Educação Física. Sobre isto, o professor Vitor entende que:

[...] Então, por exemplo, uma cidade como Salvador, num estado como a Bahia, esta disciplina é, sobretudo pra discutir sobre a cidade de Salvador, né? Os processos de formação da cidade, do surgimento da capoeira, de porque esta capoeira é importante, não pelo simples fato de jogar, de fazer movimentos, mas como ela tem essa potencia de representar simbolicamente este estado e especificamente a cidade de Salvador. [...].

²⁴ Os planos das disciplinas foram fornecidos pelos próprios professores. Estes estão dispostos no anexo II e tiveram por finalidade em nossa pesquisa, possibilitar uma maior aproximação com a realidade destas disciplinas.

A fala do professor evidencia o quão importante se faz entender uma manifestação em seu todo, transcendendo assim, compreensões superficiais embasadas apenas em fragmentos da mesma. Ou seja, a capoeira tem esta identificação com o povo brasileiro e, em especial com o povo baiano, por toda sua história e não apenas por seus movimentos corporais. Para além da identificação da capoeira para com o povo brasileiro, esta passagem nos remete a outra discussão, também presente nos discursos analisados, que é o entendimento da capoeira a partir dos estilos de Angola e Regional. É importante analisarmos e compreendermos estes estilos à luz das contribuições de Falcão (1996) já citado anteriormente em nosso trabalho, quando expressa a preocupação em não definirmos a capoeira apenas por seus aspectos estéticos e técnicos, e sim, considerando estes dentro de seu contexto histórico.

Todavia, ao discutirmos a temática dos estilos de capoeira em situações de ensino desta manifestação nos cursos de Educação Física, observamos distintas colocações dos docentes acerca do reconhecimento destas vertentes. Ora este reconhecimento se faz a partir de uma concepção que não privilegia uma em detrimento da outra, ora sob argumentos que entende um estilo como sendo mais significativo que o outro.

Assim, iniciamos com o professor Pedro, que desenvolve sua disciplina:

[...] Privilegiando tanto a angola quanto a regional. Em São Paulo é um pouco diferente, não é muito claro esta divisão, aqui é muito claro... Em São Paulo tem os grupos que são considerados Angola, mas tem muitos grupos que se consideram capoeira e aqui é muito mais marcado isto, né? Tem também os grupos que se consideram capoeira, não é nem uma coisa nem outra, mas ainda prevalece esta divisão dual, né? Se bem que a capoeira contemporânea vem ganhando espaço também aqui na Bahia, a chamada contemporânea, se é que dá pra dizer que existe contemporânea, também tenho minhas dúvidas se dá pra dizer que é um estilo de capoeira, é uma forma de entender a capoeira, de lhe dar com ela, mas não diria que capoeira contemporânea é um estilo de capoeira [...].

Pedro traz uma colocação pertinente, uma vez que entende as peculiaridades dos estilos de capoeira, bem como a singularidade como esta relação ocorre principalmente na Bahia, sem, no entanto, restringir sua disciplina à Angola ou à Regional.

Por outro lado, há disciplinas em que o privilégio por um determinado estilo se faz presente. Sob esta perspectiva, temos que o professor Luiz direciona suas ações para o ensino da capoeira Angola, mesmo que tal colocação não seja posta diretamente ao longo de seu discurso. Tal compreensão parte dos conteúdos e concepções que o professor valoriza em sua disciplina:

O aluno em minha disciplina tem que saber no mínimo os três toques básicos da capoeira, né? (São bento Grande, São Bento Pequeno e Angola) [...]. Capoeira angola, [...] uma cultura, desenvolvimento cultural, de educação, de saber e respeitar o valor do outro.

Sob a mesma perspectiva, contudo a partir do predomínio da capoeira Regional, o professor “Oculto” desenvolve sua disciplina. Logo, ele diz:

[...] nós trabalhamos com a capoeira em si, agora, como nós trabalhamos com a capoeira desportiva, [...] quando eu faço uma competição de jogo propriamente dita, vendo aquele que coloca os golpes melhores, não que vai atingir seu adversário, colocando inferioridade, mas mostrando sua supremacia técnica [...].

Mesmo tendo ciência de que não estamos livres de equívocos em nossa análise, inferimos que tais professores, priorizam o ensino de um determinado estilo de capoeira em suas aulas, uma vez que em seus discursos ficou clara a defesa pelo ensino de uma ou outra vertente em suas disciplinas. Por outro lado, nos reportamos ao discurso do professor Vítor, quando este foi indagado sobre os estilos de capoeira em sua prática docente, uma vez que este relatava que sua formação como capoeirista ocorreu sempre no universo da capoeira Angola.

E quando você trabalha a capoeira, você prioriza o ensino da capoeira angola? Não, não. Eu não faço isso. Até porque não dá, eu tenho a opção de ser angoleiro, mas eu não posso negar o conhecimento. [...] Então quando tenho na turma algum menino que já traz uma experiência, eu coloco ele neste processo de ensino, faz parte comigo, pra gente discutir como é que ele aprendeu com o mestre dele.

Esta passagem traz duas situações que, em nosso entender, são de grande veemência para o ensino da capoeira nos cursos de Educação Física. Primeiramente, o professor ter consciência de que sua escolha em ser angoleiro não deve ser posta de modo a tornar os conteúdos de sua disciplina atrelados somente à capoeira Angola, uma vez que o enfoque da disciplina não é este. Outro ponto é a importância de perceber os conhecimentos que seus alunos já detêm, interagindo com os mesmos, sem, no entanto, abdicar de sua função enquanto professor, fazendo assim, as mediações necessárias para obtenção dos objetivos estabelecidos.

Por hora apresentadas tais considerações, destacamos que os todos os professores apontam, portanto, para a importância de desenvolver o conteúdo acerca da

história da capoeira, contudo os mesmos trabalham sob distintas concepções em relação aos estilos de capoeira.

Vale ressaltar que nossa discussão se faz em meio acadêmico, onde é objetivada a formação do professor de Educação Física, ou seja, a discussão acerca da Angola e Regional aqui realizada é necessariamente distinta em relação à discussão pertencente ao meio capoeirístico. Pois, entendemos que os laços do capoeirista com sua linhagem transcendem a preocupação de acesso ao conhecimento e questões pedagógicas, abarcando vínculos afetivos, rituais, reconhecimento, dentre outros elementos para a formação do capoeira.

6.5.2. Conteúdos: “movimentos corporais do jogo de capoeira” e “musicalidade: instrumentos e cantigas”.

Os movimentos corporais do jogo de capoeira constituem um dos conteúdos mais desenvolvidos pelos professores em suas disciplinas. E, por ser um conteúdo mais específico, poderíamos entendê-lo como sendo um conteúdo menos polêmico ou emblemático destas disciplinas. Entretanto, as características e finalidades que lhes são atribuídas pelos professores, fazem de tal conteúdo, um tema polêmico nas aulas de Educação Física. Há professores que têm por finalidade fazer com que os alunos terminem o curso sabendo executar de modo tecnicamente satisfatório tais movimentos. Enquanto outros entendem que não seja objetivo da disciplina tal aprendizagem e sim que os alunos compreendam a importância de tal movimento dentro de um contexto pedagógico. Para além deste embate, as aulas de movimentos corporais trazem outra emblemática questão do universo da Educação Física, que é a relação teoria e prática. Como retomaremos este tema ao longo trabalho, iremos nos dedicar neste momento, a entender como e porque este conteúdo é desenvolvido nas disciplinas.

Independentemente do modo com são desenvolvidas as aulas, todos os professores colocam os movimentos da capoeira como importantes para a formação do professor de Educação Física. Isto pode soar com certa obviedade, todavia se pensarmos por este viés, a musicalidade e a ritualidade inerentes ao jogo de capoeira deveriam ser enfocados no mesmo patamar. De certo, por ser uma graduação em Educação Física, o movimento ganha um status diferenciado, mas o fato é que esta é uma postura também observa nos grupos de capoeira, e isto nos leva a refletir se o movimento é priorizado por conta dos anseios do curso ou pela reprodução de situações contidas durante a formação destes professores enquanto

capoeiristas. Contudo, como não colhemos dados junto aos grupos de capoeira e, por conseguinte não podemos respaldar tal indagação, deixamos a mesma, neste momento, apenas como uma questão a ser analisada em trabalhos futuros.

Focando nos processos de ensino e aprendizagem dos movimentos corporais na disciplina capoeira, destacamos a fala do professor “Oculto”.

[...] os movimentos de capoeira, definindo o que é ataque, o que é defesa, quais são os movimentos que desequilibram, que causam traumatismos, aí o aluno vai ver que grupo de músculos ele utiliza pra fazer determinado movimento, quando ele tá fazendo o Au, que valência física ele está usando [...] o equilíbrio, se tá usando mais a força, se ele tá usando mais flexibilidade, basicamente são estes os objetivos na parte teórica. Já na parte prática é o fazer [...] é o cidadão saber jogar a capoeira propriamente dita, aplicar golpes de ataque e de defesa, fugir, esquivar, atacar, contra golpear [...] como numa roda de capoeira, o berimbau tocou, é agachar no pé do berimbau e sair pro jogo.”

O professor expressa suas preocupações para com o ensino destes conteúdos a partir de dois momentos, sendo um relativo ao fazer propriamente dito e o outro acerca do entendimento destes movimentos a partir de definições técnicas, táticas e anátomo-fisiológicas. Logo, o professor acaba por reforçar a necessidade dos graduandos saberem jogar a capoeira “propriamente dita” e este parecer é, por nós questionado, a partir das colocações do professor Neuber quando ele afirma:

[...] A gente observa é que muitos alunos se sentem inseguros porque não vivenciaram a capoeira e aí eles pensam que somente a partir da vivência é que eles podem fazer um trabalho de capoeira, o que eu necessariamente acho que não tem muito a vê. [...].

E, perante as duas colocações, o professor Vítor apresentou um dado importante:

[...] a gente fez uma pesquisa e vimos que noventa por cento dos professores que trabalham com a capoeira na escola pública de Salvador já eram capoeiristas. Eles só vão trabalhar com a capoeira porque se sentem a vontade. [...].

De fato, percebemos que a experiência acerca dos movimentos é de substancial importância na formação deste professor, pois esta vai fazê-lo sentir as dificuldades e satisfações durante a realização de tal movimento, diferentemente de quanto apenas teoriza sobre esta prática. Contudo isto não pode servir de justificativa para a promoção de aulas de capoeira nos cursos de Educação Física embasadas apenas na reprodução de tais movimentos, como retrata os professores Vítor e Jean sobre a disciplina capoeira desenvolvida na UCSAL.

Segundo Jean, esta disciplina ainda mantém seu eixo no primado da técnica e da tática e, para ele, isto se deve ao fato de que:

Se a gente pega um pouco a história de quem dá dando aula lá, é o cara que foi ex-aluno de mestre Bimba, Mestre Saci, uma pessoa renomadíssima, da capoeira, mas que ele é o que Mestre Bimba ensinou a ele, então algumas coisas do processo de modificação que a Educação Física passou tão longe da li em determinados aspectos.

Independentemente deste caso em específico, compreendemos que os movimentos da capoeira se tornam sem sentido, quando fora do contexto de capoeira, convertendo-se unicamente em um movimento corporal solto e que, portanto, não poderá ser pensado mais como capoeira. Estas considerações são significativas não apenas à disciplina capoeira, mas a todas que sejam vinculadas ao ensino de conteúdos da cultura corporal, uma vez que presenciamos, em grande parte dos cursos de graduação em Educação Física, aulas com caráter de mini-curso de modalidades.

Partindo para a questão da musicalidade, como já identificamos anteriormente, há um certo predomínio nos discursos dos professores em relação ao ensino dos movimentos corporais em detrimento deste conhecimento. Fato este que nos planos de disciplina mostrou-se de modo distinto. Há em alguns planos, questões relativas ao ensino, confecção e manuseio de instrumentos musicais, prioritariamente, acerca do berimbau (Jean, Pedro, Luiz e “Oculto”). Porém como foi pouco mencionado a utilização de instrumentos durante as entrevistas, nos questionamos se simplesmente os professores esqueceram de comentar, se nossas perguntas não possibilitaram tal análise ou se os professores mantêm o ensino dos instrumentos em seus planos de disciplina, mas não trabalham com os mesmos em aula.

De certo, os professores expressam durante suas falas, as possíveis contribuições que a musicalidade da capoeira confere no desenvolvimento infantil, nos processos de ensino e aprendizagem, dentre outros. Todavia o trabalho com a musicalidade em suas disciplinas abarca as palmas e cânticos, deixando os instrumentos musicais para um segundo momento. O professor Luiz levanta uma questão que pode esclarecer um pouco a dificuldade de trabalhar com os instrumentos musicais na disciplina.

[...] na graduação, as vezes eu coloco algum mestre que faz uma oficina de instrumento e tal, [...] mas as vezes, dependendo da turma eu do uma oficina. Agora, na extensão, eu passo, eles sabem que certos dias são pra confecção de instrumentos, aí eu aviso o pessoal da graduação [...] Mesmo porque o tempo da disciplina é muito exíguo, e não da tempo de trabalhar muitas coisas. [...] tem os estudos avançados que é 120h, depois do primeiro semestre, mas não são todos os alunos que fazem, acaba sempre tendo 4 ou 5 que fazem. Aí, nos estudos avançados, a gente faz uma

parte de aprofundamentos de instrumentos, de ele toca, sabe coordena a roda tudo [...].

Concordamos com o professor em relação à escassez de tempo e também acerca de seu entendimento de que a disciplina em caráter de aprofundamento não é contemplada por todos os alunos. Contudo, cremos que este seja um conteúdo a ser priorizado, mesmo que o tempo da disciplina não possibilite o processo de confecção, uma vez que os instrumentos musicais constituem-se junto com os outros conteúdos presentes na musicalidade da capoeira, em importante elemento pedagógico.

O professor Vítor compreende as cantigas como significativas aos processos de ensino e aprendizagem, ao vislumbrar as ladainhas, os mitos e as fantasias como interpretações dos velhos mestres perante a sociedade:

[...] como é que eles constroem, elaboram um pensamento muito próximo de como estes mestres lhe dão com o cotidiano, que é através do mito, da fantasia, né? [...] Pra mim, um aluno que faz uma ladainha, que sabe canta, sabe cria, ele tem [...].

Assim, concluímos que a musicalidade nas disciplinas pesquisadas é trabalhada normalmente por meio das cantigas e ritmos, deixando os instrumentos musicais para um segundo momento e, isto, como já observamos, é justificado na fala do professor Luiz, devido ao curto espaço de tempo que disponibilizam para trabalhar com os vários elementos que constituem a capoeira.

6.6. Relação teoria e prática e a metodologia de ensino da disciplina capoeira

Esta categoria surge da necessidade de apreendermos o modo como são entendidas e desenvolvidas as relações entre teoria e prática na disciplina capoeira, evidenciando assim os conceitos de prática, teoria e práxis trazidos pelos professores. E ainda, pela necessidade de ampliarmos nossa análise relativa à metodologia presente nas aulas dos docentes entrevistados. Logo, aproximamos estas duas questões, por concebermos que há uma forte relação entre elas. Feitos estes apontamentos, ressaltamos que:

A metodologia aqui é entendida como uma das formas de apreensão do conhecimento [...] tratado a partir de sua totalidade [...] social e historicamente construída. (SOARES, et al, 1992, p. 19).

Perante tais colocações, iniciamos com a fala do professor Pedro relativo ao modo como ministra suas aulas:

[...] A gente procura proporcionar vários momentos na disciplina da vivência corporal, né? Mas entendendo a prática também como, por exemplo, você ir a campo e observar uma roda de capoeira acontecendo no espaço é uma vivência prática também, né? Então tem momentos de aprofundamento mais teórico, onde a gente procura se aprofundar em textos e tal, [...] e, momentos de interação, quando a gente vai fazer uma visita, vai fazer uma aula, por exemplo [...].

Temos, portanto que o ensino da capoeira nas aulas do professor Pedro é feito em dois momentos, assim como a disciplina do professor “Oculto”, já mencionada na discussão sobre conteúdos. Contudo diferentemente das colocações de “Oculto”, o professor Pedro não vincula a prática apenas ao fazer, mas também a contemplação de uma roda, visitas, etc. Já os conceitos de teoria se aproximam, sendo entendida como o momento de ênfase em leituras de textos e mostras de vídeo, por exemplo. Entretanto, durante a análise das entrevistas percebemos que o professor Pedro segue uma linha voltada à cultura e o professor “Oculto”, ao esporte e, este fato certamente atribui distinções na condução das aulas destes professores, uma vez que seus objetivos são distintos.

Por outro lado, o professor Neuber conceitua sua aula sob a concepção de práxis revolucionária, assim:

[...] Eu não estou enxergando aí esta dicotomização entre teoria e prática, a gente trabalha com a práxis revolucionária. Ou seja, como eu posso ter consciência do sentido e significado que esta manifestação da cultura baiana e brasileira pode tá me ajudando, por exemplo, no trato com o conhecimento da Educação Física na escola ou que sentido tem a capoeira na minha formação humana. Então a gente procura trabalhar nesta linha aí, ou seja, a gente trabalha com os vídeos, com as vivências, com as técnicas, mas sem dicotomizar teoria e prática e sem tá preocupado com a cobrança exagerada das técnicas, dos movimentos [...].

Seguindo esta proposta de práxis, o professor Jean expõe como desenvolve suas ações:

[...] então a gente subdividiu a disciplina em alguns blocos de trabalho. Primeiro bloco é origem e o que é capoeira, que é pra dar uma visão geral da capoeira, processo histórico, segundo bloco a gente trata a capoeira regional, terceiro a Capoeira Angola, quarto bloco capoeira na escola e atualidades, o que tá acontecendo agora. Só que todos estes blocos de atividades da disciplina são enfocados na formação do licenciado em Educação Física, então, por exemplo, vamos pensar, capoeira Regional, o que que o cara vai estudar de capoeira Regional? Processo histórico, ritual, formação, fazer visita de campo, vamos na academia de mestre Nenel, convivemos, participamos de uma roda, mas a idéia que ao final deste bloco, o aluno do curso lá, de Educação Física, seja capaz de utilizar a capoeira Regional em suas aulas [...].

Com base nestas exposições, temos que o ensino da capoeira ocorre por meio de momentos que enfatizam ora o conhecimento teórico, ora a vivência prática. Entretanto, verificamos que há distintas concepções frente ao entendimento de teoria e prática, bem como da relação entre estas. Assim, entendemos que em algumas disciplinas a prática esta sendo entendida como a aplicação da teoria, ou seja, sob uma visão dicotômica associativa. Em outras, são ações desconectadas, autônomas, expressando um olhar dicotômico dissociativo. E, por fim, há o entendimento de práxis, onde as ações pedagógicas ora enfocam o fazer propriamente dito, ora as reflexões e estudos acerca deste fazer, mas onde esta separação ocorre apenas a partir de um processo de abstração, uma vez que em sua concretude, teoria e prática são indissociáveis. (CANDAU, 1999).

Feita as considerações acima, gostaríamos de enfatizar a compreensão de práxis colocada pelos professores, onde o sentido e significado da manifestação, suas motivações e possibilidades são extremamente importantes para a ação docente. Enaltecendo, portanto, o comprometimento político-pedagógico dos professores para com a formação de seus alunos.

Há também, a questão relativa à importância de se estabelecer o diálogo com mestres e grupos, sendo este, por meio de visitas, palestras, relatórios ou afins. Entendemos que este diálogo consolida-se como um ponto que difere a disciplina capoeira das demais disciplinas curriculares. Não que as demais disciplinas não promovam as ações mencionadas, mas sim pelo fato dos professores atribuírem a estas ações importância fundamental em sua disciplina. Este fato é por nós evidenciado dentro desta categoria, pois o entendimento que os mestres de capoeira trazem acerca dos conceitos de teoria e prática é, em geral, distinto da Academia. Há o entendimento da capoeira a partir de sua totalidade, e esta compreensão, ao nosso entender, enriquece as discussões dentro das aulas de Educação Física acerca da temática teoria e prática.

Concluindo este tema, ressaltamos que as ações pedagógicas encontradas nestas disciplinas constituem-se por atividades expositivas, como mostras de vídeos e apresentação de textos; atividades de debates; visitas institucionais; depoimentos de mestres e estudiosos da área; atividades de práticas corporais, de instrumentos musicais e de compreensão dos rituais da roda de capoeira; atividades de pesquisa de campo e bibliográfica e, por fim, atividades de produção de artigos, mídias e outras formas de produção e sistematização de conhecimento.

6.7. A produção de conhecimento como finalidade das avaliações na disciplina capoeira.

A formação desta categoria foi decorrente do fato da maioria dos discursos dos professores trazerem como uma das metas do desenvolvimento de avaliações dentro da disciplina capoeira, a produção de conhecimento. Esta, aqui entendida, como a produção de materiais referentes à capoeira a partir de pesquisas estabelecidas ao longo destas disciplinas. De certo, as diretrizes e os meios que permearam estas produções são distintos entre as disciplinas, mas o fato é que este entendimento de avaliação apareceu em cinco das seis disciplinas pesquisadas e, entendemos que esta compreensão seja importante e oportuna, uma vez que a produção e sistematização de conhecimento constituem um dos pilares da Academia.

O professor Vítor, faz uma crítica ao sistema de avaliação que foi subordinado, enquanto aluno de graduação, da disciplina capoeira, assim:

[...] quando eu fiz capoeira na universidade a gente era avaliado muito taticamente, eu vim de duas experiências, na universidade Católica também, nestas disciplinas a gente tinha que saber determinados movimentos e a gente desmonta um pouco isso, né? Claro que é um curso de muita vivência, de convidados, mas a gente procura organizar o curso pra este viés [...].

Diante disto, ele apresenta uma outra proposta de avaliação, que segundo ele, desmonta o modelo citado:

Na minha prova eu não pergunto o que é uma meia lua, um rabo de arraia não, eu quero saber como é que eles constroem, elaboram um pensamento muito próximo de como estes mestres lhe dão com o cotidiano, que é através do mito, da fantasia, né? [...] Na segunda avaliação a gente faz uma produção de uma mídia, que ele tem a liberdade de escolher um grupo que queiram pesquisar e, esta mídia pode ser um vídeo documentário, vídeo clip, que é uma produção deles. E, ao mesmo tempo em que ele produz um DVD, ele faz uma cópia e deixa com o grupo que ele escolheu e a gente tem tido assim respostas bem interessantes, porque tem um produto, uma marca final, né? [...]. (professor Vítor)

Esta fala de Vítor é muito pertinente, pois aborda, além da preocupação inerente às avaliações, o modo como seus alunos se relacionam com as pessoas e instituições que constituem o corpo de suas pesquisas. Uma vez que, o fato de seus alunos deixarem o produto de suas pesquisas com as pessoas que lhes cederam parte de seu tempo e dedicação, rompe com uma lógica perversa que assola o universo acadêmico, que é a não apropriação do conhecimento produzido na Academia, por parte destas pessoas, uma vez que estas produções, em muitos casos, não ultrapassam os “muros” universitários.

Outro ponto que enfatizamos, é que o professor pensa em produção de conhecimento para além de artigos e teses. Utilizando-se assim, de recursos tecnológicos e do diálogo com os saberes de seus alunos para produção de materiais que expressam, ao final, a subjetividade dos alunos e a universalidade dos conteúdos, constituindo-se assim, numa significativa produção de conhecimento para a Academia e para a realidade trabalhada.

Seguindo esta lógica, o professor Jean traz uma proposta similar de avaliação, na qual a produção de conhecimento e o diálogo com os grupos e mestres estão presentes:

[...] ao final da disciplina a gente tenta montar um mini-livro, de tudo que foi visto na disciplina e este mini-livro é apresentado em escolas da rede pública com professores de capoeira que não tem acesso à universidade. Qual objetivo? [...] É de fazer intercâmbio, eu não levo o mestre de capoeira que tá fora da universidade lá? Então levo os caras da Educação Física pra lá, pra escola, promovendo o intercâmbio [...].

Vemos que a preocupação em respaldar a comunidade que auxilia os acadêmicos é exaltada e que a avaliação é concebida como parte do processo de formação destes graduandos e não apenas como uma ação solta e desconexa de tal processo. Quanto a esta crítica, o professor Neuber diz:

[...] A gente tá entendendo aí que esta avaliação é um processo e não apenas um exame e que tem que ser uma produção, uma produção dos alunos e não uma mera reprodução. [...]

E, o professor Pedro complementa:

[...] A gente procura trabalhar com vários instrumentos, eu não trabalho com provas, prova não prova nada como já diz. A gente procura trabalhar com relatórios de visitas, relatórios de palestras que acontecem aqui, trabalho com a produção de um artigo final, um tema livre, mas que fale sobre a capoeira [...].

Acreditamos que estes argumentos expressem claramente o modo como estes professores entendem o processo de avaliação em suas disciplinas, bem como as estratégias e ferramentas que utilizam para desenvolvê-las. Todavia há concepções que destoam da apresentada e que necessitam ser postas neste momento, para que possamos tecer nossa análise sobre tais distinções.

O professor Luiz apresenta uma concepção de avaliação que dialoga com a apresentada, no momento em que entende a produção de conhecimento como importante para os alunos e para a disciplina, fato este que, concordamos. Porém, destoa destes quando

ênfatisa a necessidade dos alunos saberem fazer determinados movimentos e toques de berimbau, como um dos requisitos para o sucesso em sua avaliação, assim:

[...] porque se eles passarem aqui o semestre inteiro só refletindo e contemplando a capoeira, eles não vão conseguir chegar lá e desenvolver nada na prática deles, então eu primo muito por essa parte, o aluno na minha disciplina ele tem que saber no mínimo os três toques básicos da capoeira, né? (São bento grande, São bento pequeno e Angola). Exijo os outros toques, mas não com tanta perfeição e exijo todos os movimentos de capoeira, que eles executem, é uma prova prática mesmo, eles têm que executar os movimentos em dupla, e o contexto de roda, [...]

Não temos por objetivo tecer uma crítica aos métodos e objetivos do processo de avaliação do professor, contudo, entendemos que se a avaliação for pautada na performance dos alunos frente aos movimentos, toques de instrumentos e jogo, podemos cair no equívoco de transpor à disciplina, objetivos que não são, em nosso entender, os do curso de licenciatura em Educação Física. Mas, se faz importante também, dar ênfase a compreensão e posicionamento do professor Luiz quanto à necessidade dos alunos não ficarem apenas no “mundo das idéias”, da contemplação, devendo, portanto, o docente propiciar ações que possibilitem aos alunos vivenciarem os movimentos e demais ações envolvidas na prática da capoeira.

Entendemos que os discursos apresentados destacaram de modo satisfatório as finalidades e mecanismos atribuídos ao processo avaliativo nas disciplinas pesquisadas. É certo que nos aproximamos mais das propostas que entendem a produção de conhecimento, o diálogo entre alunos e professores, bem como, o diálogo entre Academia e comunidade, como necessários para tal processo. Isto devido ao fato de que vemos a disciplina capoeira a partir de um projeto social justo e igualitário onde o diálogo entre saberes, a universalização e socialização do conhecimento se faz imperativo.

6.8. Capoeira na escola ou capoeira da escola.

Nossa última categoria foi formada a partir do momento em que percebemos que os professores traziam diretrizes interessantes acerca do ensino da capoeira na Educação Física escolar. Assim, para evidenciarmos tais contribuições, retomamos uma problemática da Educação Física escolar que é a questão do esporte escolar. Ou seja, como deve ser o ensino do esporte dentro das aulas de educação física na escola?

Inúmeras são os estudos que tratam desta questão. Irene Betti (2005) traz provocações no sentido de questionar os professores perante o monopólio esportivo em suas práticas. Soares et al (1992) compreende que:

Na escola, é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, defendem o compromisso da solidariedade e respeito humano, a compreensão de que o jogo se faz “a dois”, e de que é diferente jogar “com” o companheiro e “contra” o adversário. (p.71).

Para Soares et al (1992) ainda afirma que:

O programa deve abarcar desde os jogos que possuem regras implícitas até aqueles institucionalizados por regras específicas, sendo necessário que o seu ensino não se esgote nos gestos técnicos. Colocar um limite para o ensino dos gestos técnicos, contudo, não significa retirá-los das aulas de Educação Física na escola, pois acredita-se que, para dizer que o aluno possui "conhecimento" de determinados jogos que foram esportivizados, não é suficiente que ele domine seus gestos técnicos. (p. 71).

Feitos tais apontamentos, buscamos uma análise análoga entre o ensino da capoeira e o ensino do esporte na escola. Para o professor Neuber, a disciplina capoeira é importante, uma vez que possibilita trabalhar diferentes culturas populares a partir de um trato pedagógico, fazendo uma crítica à monocultura do esporte e levando os alunos a conhecerem nossa cultura, portanto:

[...] Como é que eu trato pedagogicamente a Puxada de rede numa aula de Educação Física, que é uma manifestação de nossa cultura. Como eu trato o samba, a mesma coisa, como é que eu trato a capoeira? Então ao em vez de a gente ficar só trabalhando na monocultura do esporte, e, pior ainda, num esporte de alto rendimento [...] trabalhar também a capoeira, o samba, o Maculelê, [...] faz parte da cultura corporal da gente. [...].

Assim, o professor Neuber colabora na defesa da capoeira enquanto mais um conteúdo da cultura corporal e, por conseguinte da Educação Física escolar. No entanto, não observamos apontamentos em como trabalhar com tais conteúdos. Entendemos sim, que o professor aponta como não trabalhar, uma vez que faz uma crítica ao esporte de rendimento. Assim como Neuber, professor Jean confere alguns apontamentos acerca do ensino da capoeira, que são de grande valor para a Educação Física escolar:

[...] com crianças tem outra roupagem, adaptada ao universo da criança. A gente acabou publicando um livro de historinhas de capoeira voltado as crianças, tem um berimbauzinho adaptado, tem todo um universo adaptado que aproxima a capoeira

do universo da criança, é a capoeira a serviço da criança e não a criança a serviço da capoeira.

Continuando, Jean comenta sobre o ensino da capoeira nos cursos de Educação

Física:

[...] pra mim não importa muito se ele consegue fazer um au, se consegue fazer uma armada esticada, canta 20 ou 30 músicas, importa se ele chegou no final compreendendo a importância de 20 músicas, a importância do movimento, por exemplo, quando a criança toca um berimbau [...] o que que aquilo pode tá desenvolvendo nela, coordenação motora fina, a mesma da escrita, ótimo, o professor percebeu isto [...] e aí tecnicamente, fora das relações interpessoais, questões rituais, de inversão da lógica do modo de produção [...].

Acredito que a partir deste diálogo entre os discursos apresentados ficam mais claras as finalidades da capoeira enquanto disciplina da grade curricular dos cursos de Educação Física e, por conseguinte, seus propósitos para com a Educação Física escolar. De certo, não há “receitas de bolo” para como ensinar capoeira, mas acreditamos que ao trabalharmos a capoeira sob o viés apresentado por estes professores, estaremos dialogando com uma proposta de formação humanizadora, no sentido em que a apreensão da manifestação como um todo e o entendimento das singularidades da realidade a ser trabalhada, tornam-se fundamentais para seu desenvolvimento.

Logo, a capoeira a ser desenvolvida em âmbito escolar e acadêmico deve constituir-se em mais um conteúdo para a formação do indivíduo e não para a formação de um capoeirista.

7. PROPOSTA

Se, amanhã uma educação transformadora for possível é porque, hoje, no interior de uma educação conservadora, os elementos de uma educação, de uma outra educação, libertadora, formam-se dentro dessa educação. (GADOTTI, 2004, p.77).

Após conhecermos estas experiências de ensino da capoeira nos cursos de Educação Física, percebemos que há entre elas muitas semelhanças, mas há também substanciais distinções. Logo, nossas preocupações para com a existência ou não de coerência entre as atribuições conferidas ao ensino da capoeira a partir das tendências críticas da Educação Física, em especial, a proposta de Soares et al (1992) e o significado dado à disciplina capoeira dentro dos cursos pesquisados fizeram-se pertinentes. Isto porque

podemos perceber que há professores do ensino superior de licenciatura em Educação Física, ministrantes da disciplina capoeira, que buscam em suas ações, ora mais radical, ora menos, à superação do sistema social vigente. No entanto, há também professores em que tal posicionamento não fica explícito e nos leva a vislumbrar suas ações enquanto apenas reprodutoras da ordem vigente.

Deste modo, acreditamos que seja significativa e necessária a apresentação de uma proposta de disciplina capoeira que deixe clara nossas pretensões para com sua promoção nos cursos de Educação Física. Para tanto, caminharemos no sentido de evidenciar os aspectos que ao longo dos discursos dos professores, concebemos como sendo os mais pertinentes ao ensino da capoeira e também, no sentido de referendar nossas colocações a partir do referencial teórico que contemple nossos anseios acerca da sociedade, da educação, da Educação Física e da capoeira.

Assim, buscamos na psicologia sociohistórica, mas especificamente nas contribuições de Vigotski e, na pedagogia histórico-crítica, por meio das mediações de Saviani (2004) e Duarte (2004), os subsídios pelos quais analisamos os processos de formação do indivíduo e educacional. Acerca de nossa concepção de capoeira enquanto conteúdo acadêmico, dialogamos com autores que perspectivam o ensino da capoeira a partir das correntes teóricas mencionadas, em especial, recorreremos às contribuições de Falcão (2004) que trata o ensino da capoeira a partir dos subsídios teóricos apresentados por Pistrak (2000). Logo, tais contribuições formam o alicerce de nossa proposta de ensino para esta disciplina.

Fazemos o diálogo entre estes referenciais teóricos, uma vez que entendemos que todos têm, em comum, o marxismo como sendo a meta-teoria que direciona suas formulações.

A psicologia sociohistórica compreende o ser humano a partir de uma visão historicizada, na qual sua consciência e comportamento resultam de suas relações com a natureza e com os demais indivíduos (FACCI, 2006, p.11). Neste processo a apropriação cultural, ou seja, do conhecimento humano historicamente produzido, é o responsável por promover o desenvolvimento do ser.

[...] o conteúdo da essência humana reside no trabalho. [...] o ser do homem, a sua existência, não é dado pela natureza, mas é produzida pelos próprios homens. [...] logo o que o homem é, o é pelo trabalho. [...]. (SAVIANI, 2005, p. 225).

Esta consideração é importante para adentrarmos o âmbito educacional, uma vez que entendemos a apropriação de conhecimentos como sendo o meio pelo qual o ser se

desenvolve. Portanto, vislumbramos a escola enquanto o espaço historicamente constituído para a socialização destes conhecimentos. Todavia, é fato que outras instituições como a família, a igreja, os grupos sociais, bem como outros espaços, como a rua, os bares, os parques, dentre outros, são tão importantes para a formação do indivíduo quanto a escola. Porém, estamos discutindo a apropriação de saberes, a partir de relações intencionais de ensino e de aprendizagem, mais especificamente, em ambiente intencionalmente construído para tais processos. Logo, discutiremos a importância do ensino da capoeira, apenas e tão somente, no meio educacional escolar, onde abarcaremos o ensino da capoeira nos cursos de Educação Física e suas relações com a Educação Física escolar.

Seguindo a concepção marxista de Homem, a educação, bem como as demais esferas sociais, tem por objetivo promover a superação da sociedade de classes. Compartilhamos com esta corrente teórica e creditamos à educação a finalidade de transformação social, uma vez que, em nosso entender, não há sentido uma educação que reproduza as relações desiguais e de exploração presentes em nosso meio.

Retornando ao cenário da Educação Física, enfatizamos novamente que ela desde o seu surgimento aos dias atuais, não se constituiu plenamente enquanto área de saber, sendo muitas vezes desvalorizada por outras áreas do conhecimento, usada por outras disciplinas ou por segmentos políticos como meio para seus fins. Exemplos deste panorama são inúmeros, mas destacamos o quadro atual da Educação Física escolar, onde temos em suas aulas duas vertentes bem presentes: o fomento de uma nação esportiva forte (Pan-americano e Olimpíadas) e a cultura corporal como meio para o ensino de conteúdos de outras disciplinas, como matemática, biologia e língua portuguesa.

De tal modo, entendemos que as abordagens crítico-superadora, crítico-emancipatória, dentre outras que passaram ser discutidas e propugnadas na Educação Física brasileira a partir de meados da década de 1980, objetivaram a superação de tal realidade vivida por esta área, e contribuíram para estudos posteriores. Soares et al (1992) aponta que:

Uma pedagogia entra em crise quando suas explicações sobre a prática social já não mais convencem aos sujeitos das diferentes classes e não correspondem aos seus interesses. [...] Nessa crise, outras explicações pedagógicas vão sendo elaboradas para lograr o consenso (convencimento) dos sujeitos, configurando as pedagogias emergentes [...].

Temos, portanto que a crise das pedagogias vivida na década de 1980 resultou no desenvolvimento da abordagem crítico-superadora. Sendo esta:

Diagnóstica, porque remete à constatação e leitura dos dados da realidade [...] é judicativa, porque julga a partir de uma ética que representa os interesses de determinada classe social. É também teleológica, porque determina um alvo onde se quer chegar, busca uma direção [...]. (SOARES, et al, p. 25).

Tais colocações deixam às claras que o ensino da capoeira neste âmbito, deva, necessariamente, estar atrelado às características pedagógicas acima enfatizadas. Partindo, portanto, da leitura da realidade, dos interesses e anseios da classe trabalhadora e almejando a superação deste sistema social.

Centrando-se no ensino da capoeira, não visualizamos no recorte de tal manifestação, a partir de seus estilos, a possibilidade de contemplação desta pedagogia, uma vez que as mudanças sofridas pela capoeira ao longo de sua história, relevam-se como os meios de diálogo estabelecidos entre ela e os distintos contextos históricos e sociais vividos pela sociedade brasileira. Concebemos assim, que o ensino da capoeira deva ser tratado de modo contextualizado e, fazendo das palavras do professor Neuber, as nossas:

[...] eu não trato a capoeira a partir desta dicotomia de Angola e Regional... Se você me pergunta o que é que eu faço, vou dizer que é capoeira, e o que o berimbau toca eu jogo. Agora, reconhecendo que existem códigos, que existem códigos aí... Não existe só uma angola também, existem várias angolas, assim como não existe só uma regional, existem várias regionais.

Ou seja, entendemos a capoeira enquanto única, mas reconhecemos e respeitamos seus desdobramentos históricos e ainda, tecemos uma leitura crítica acerca do processo de mercadorização que a mesma vem sofrendo. Processo este, que transcende suas vertentes, não no sentido de unidade de prática contextualizada, mas sim, no sentido de fragmentação, de recorte, resultando em uma prática esvaziada e alienada, onde o importante é vender.

Pistrak (2000) vislumbra a auto-organização dos estudantes e o sistema de complexos temáticos como sendo os meios para a promoção de uma educação revolucionária, deixando esta de ser um espaço das elites e tornando-se um lugar de formação popular para uma atuação social mais ativa e crítica.

Tragtemberg (2003) durante sua análise sobre a obra *Fundamentos da escola do trabalho* (PISTRAK, 1981), evidencia que seu autor:

[...] Procurou ele introduzir a dimensão política no trabalho pedagógico, em consonância com os objetivos centrais da Revolução Russa no plano sócio-econômico [...] Tais preocupações estavam em consonância com a formulação de Lênin que, no I Congresso de Ensino a 25/08/1918, enfatizava: “Nosso trabalho no domínio escolar consiste em derrubar a burguesia e declaramos abertamente que a escola fora da vida, fora da política, é uma mentira e uma hipocrisia”. A isto,

acrescenta Pistrak: “sem teoria pedagógica revolucionária não poderá haver prática pedagógica revolucionária” (p.29).

Declarada a formação pretendida em nossas ações pedagógicas e, entendendo que a capoeira seja uma manifestação cultural capaz de contribuir significativamente neste processo, recorreremos a Falcão (2004) que, ao propor uma metodologia de ensino para além das prescritivas, estabelece relações entre a disciplina capoeira e o sistema de complexos temáticos a partir de Pistrak (2000) que:

Ao criar o sistema dos complexos, o referido autor propugnava a organização do ensino através de temas socialmente significativos, por meio dos quais, os estudantes compreendiam a dinâmica e as relações existentes entre aspectos diferentes de uma mesma realidade. Esse arranjo, tornado possível a partir da articulação do conceito de complexo temático com a manifestação cultural capoeira, possibilitou-nos levantar subsídios para o trato com o conhecimento no currículo de formação profissional. (FALCÃO, 2004, p.156)

Portanto, Falcão (2004) destaca a necessidade de que a disciplina capoeira deva ser desenvolvida enquanto uma temática de significância social. Assim, o ensino a partir de fragmentações, bem como, apático politicamente não mais caberia nas relações estabelecidas entre os alunos, os professores e a comunidade acerca do “complexo temático capoeirano”. Devendo, portanto, o ensino da capoeira superar análises mecânicas ingênuas e acríicas, assim, estruturando-se a partir da concreticidade, da criticidade, da rigorosidade e da objetividade acerca de tal manifestação e ainda, sem abdicar de flexibilizações para contribuições complementares (SOARES et al, 1992).

Ainda sobre o “complexo capoeirano” Falcão (2004):

[...] o complexo temático capoeirano não deve ser confundido com um ecletismo cômodo ou um hibridismo conciliador. Ela deve “jogar” com conceitos mais elásticos, sem, no entanto, perder-se em generalizações vagas e apressadas, ou lugares-comuns, que apenas servem para legitimar doutrinas hegemônicas. [...] (p.167).

Traçado este breve panorama teórico, apresentamos um modelo de plano de ensino da disciplina capoeira nos cursos superiores de Educação Física, a partir das ações de nossos entrevistados, bem como por proposições nossas, que dialogue com a teoria apresentada. Assim, buscando fomentar, a disciplina capoeira, sob um projeto político-pedagógico que aspire, em suas ações, para além do ensino da capoeira, a superação do sistema social vigente.

7.1. PLANO DA DISCIPLINA CAPOEIRA - PROPOSTA

Ementa

A disciplina capoeira a ser desenvolvida, consiste em ações de ensino, pesquisa e extensão que subsidiem a apreensão desta manifestação enquanto cultura afro-brasileira que carrega em sua história de luta e resistência, bem como nas diversas linguagens que a constitui, elementos importantes para a formação do indivíduo em prol de uma sociedade justa. Logo, a capoeira é aqui concebida como conteúdo fundamental a ser desenvolvido junto à Educação Física.

Objetivo geral

Desenvolver, sob uma relação dialógica entre docentes, discentes e comunidade, estudos acerca da história, movimentos corporais, rituais e da musicalidade da capoeira, a partir da tríade universitária (ensino, pesquisa e extensão). Sendo tais ações realizadas a partir da compreensão da capoeira como manifestação cultural afro-brasileira, logo, uma manifestação de nossa cultura corporal, significativa e importante para a formação do professor de Educação Física que vislumbre, em suas ações, meios para a formação de uma sociedade justa.

Objetivos específicos

- Promover o conhecimento acerca da origem e história da capoeira, bem como de suas interfaces com a sociedade, a partir de atividades de ensino e pesquisa;
- Propiciar aos graduandos, vivências dos movimentos corporais da capoeira, bem como de sua musicalidade, a partir de suas cantigas, ritmos e instrumentos, de modo a fomentar futuras ações destes, em âmbito escolar;
- Estabelecer vínculos entre Universidade e comunidade, em especial, entre os graduandos da disciplina capoeira com mestres, professores, alunos de capoeira e professores de Educação Física escolar. Sendo tal vínculo compreendido pela participação dos graduandos no meio capoeirístico e pela participação dos capoeiras na disciplina;

- Estudar e apresentar as possibilidades do ensino da capoeira perante suas áreas comuns com a Educação Física, bem como para com as necessidades e anseios dos indivíduos. Exemplos deste objetivo é o estudo das possibilidades da capoeira junto aos alunos com deficiências e em relação às opressões (gênero, étnica, econômica e cultural);
- Primar pela produção de conhecimento, bem como pela socialização dos mesmos, promovendo ações que viabilizem o acesso de tais produções para além dos “muros” acadêmicos;
- Apresentar noções básicas de primeiros socorros, enfocando a necessidade deste conhecimento em possíveis ocorrências durante as intervenções do professor de Educação Física;
- Por fim, estimular e promover atividades de intervenção dos discentes junto à comunidade, como aulas em escolas da educação básica, eventos, mostras culturais, debates, etc.

Conteúdo programático

- Apresentação das concepções de sociedade, educação, Educação Física e capoeira;
- Capoeira: origem, desenvolvimento e personalidades;
- Capoeira: um outro modo de lidar com o outro e com o corpo;
- Os processos de ensino e aprendizagem da capoeira: Da observação e criatividade à sistematização e padronização;
- Fundamentos da capoeira;
- A musicalidade na capoeira: cantigas, ritmos e instrumentos;
- A roda de capoeira;
- Educação Física e capoeira: possíveis relações;
- A capoeira como conteúdo da Educação Física escolar: possibilidades de ensino;
- Capoeira e contexto atual: interfaces e possibilidades;
- Noções básicas de primeiros socorros.

Procedimentos

- Exposições e debates;
- Vivências;

- Estruturação de mostras culturais (abertas à comunidade);
- Visitas institucionais;
- Realização de intervenções como aulas, apresentações e oficinas dos discentes em escolas da rede pública de ensino;
- Confeção de instrumentos musicais, em especial, o berimbau;
- Palestras e mesa-redonda com mestres e convidados;
- Produção de conhecimento sobre capoeira, a partir de pesquisas individuais ou coletivas, sob as formas de artigo, crônica, documentários, dentre outras definidas em coletivo.

Processo avaliativo

Partimos do entendimento de que a avaliação é um processo, logo deverá perfazer toda a disciplina. No que tange as competências do professor, seus critérios serão decididos em coletivo, durante o primeiro encontro com seus alunos. Contudo, tal acordo deverá ir ao encontro dos objetivos da disciplina, ou seja, os critérios e os meios avaliativos que forem firmados no coletivo professor-alunos deverá, necessariamente, contemplar os objetivos da disciplina. Exemplificando, se um dos objetivos da disciplina for que os graduandos ao término do curso consigam desenvolver ações pedagógicas na Educação Física escolar por meio da capoeira, o processo avaliativo deverá ter em seu corpo critérios e meios para verificar se tal objetivo foi alcançado.

Outro aspecto a ressaltar é que a variabilidade de instrumentos de avaliação deve ser priorizada. E, o processo avaliativo em si deverá estimular as ações dos discentes junto à comunidade, como as aulas, oficinas e mostras mencionadas, bem como a produção de conhecimento e sua socialização.

Breves considerações relativas à proposta apresentada.

Certamente não conseguiremos abranger em nossa proposta todas as necessidades e conteúdos que constituem um modelo ideal de ensino para a disciplina capoeira. Entretanto, acreditamos que o plano apresentado dialogue com propostas de disciplinas que vislumbrem o ensino da capoeira para além da sala de aula e ainda, que tenha em suas ações o compromisso para com a superação do sistema socioeconômico vigente.

Houve também a preocupação em elaborar um plano em que a participação de todos os envolvidos se faça importante, logo os estudantes, professores e comunidade devem, por meio desta disciplina, ter oportunidades de diálogo acerca das possibilidades da capoeira enquanto prática social. E, neste processo a pesquisa e a extensão devem estar em harmonia com o ensino, e não serem apenas coadjuvantes no processo.

Questões mais específicas, como carga horária, recursos didáticos e mesmo a possibilidade de existência de uma segunda disciplina, ou projetos de pesquisa e/ou extensão não foram abordados, por entendermos que em cada universidade esta questão é desenvolvida de modo peculiar. Uma vez que entre nossos entrevistados, tivemos docentes com possibilidade de disciplina de aprofundamento e outros com uma carga horária disciplinar de 40 (quarenta) horas.

Compreendemos que as diretrizes apontadas possam ser desenvolvidas, ainda que sob condições adversas, contudo o professor deve, dentro de suas possibilidades reais, lutar para superar as condições que ele entenda como sendo desfavoráveis para a realização de sua prática docente.

8. CONSIDERAÇÕES

Escrever sobre capoeira foi um desafio muito grande para nós e atrelar seu ensino à ações que busquem a superação do sistema capitalista, dentro da estrutura universitária, é algo que vislumbramos como sendo, extremamente contraditório e necessário. Isso, pois, entendemos que a universidade, ainda se faz mantenedora das desigualdades sociais brasileiras, uma vez que a maioria de suas produções não ultrapassa seus “muros” e quando o faz, é a caminho das grandes empresas que atualmente financiam suas pesquisas.

Não obstante, a Educação Física é marcada em sua história por sua subserviência aos anseios da elite e governo brasileiro. Assim, dentre outros, a Educação Física incorporou e promoveu em suas ações, os ideais médico-sanitarista e eugênico da primeira metade do século XX, bem como, o projeto de formação de nação olímpica, durante o regime militar.

Em contrapartida, a capoeira surge e se desenvolve enquanto luta do povo oprimido frente a uma estrutura social desumana, que tinha na miséria de muitos, a manutenção para a riqueza de poucos. Inicialmente se rebelando frente às chicotadas e maus tratos dirigidos aos negros escravizados e logo, transcendendo a luta em sua esfera física e

passando a ser símbolo de resistência cultural e social da população marginalizada em relação aos ditames elitista e governista no Brasil.

Tais explicações nos fazem perceber que atrelar a cultura popular, representada aqui pela capoeira, à universidade, é uma questão emblemática, em suma, devido às distintas diretrizes que permeiam tais movimentos. Contudo, esta relação vem se desenvolvendo desde o início do século XX e, em especial, no terreno da Educação Física. Assim, presenciamos a inserção de códigos e mesmo rituais do mundo acadêmico na capoeira e também, o inverso.

Feitas estas considerações, destacamos que a presença da capoeira na grade curricular dos cursos de Educação Física, em nosso entender, é algo extremamente significativo, uma vez que propicia, aos alunos, o contato com uma manifestação de origem e com objetivos populares. E, ainda, um conhecimento que se manifesta a partir de diversas linguagens, compreendida sob sua totalidade. Aspectos estes que nas palavras do professor Jean “vai trazendo uma contramão, inversão da lógica, ela pode ver o mundo de pernas pro as mesmo, ela inverte a lógica e faz as pessoas se questionarem”.

Obviamente que ao nos reportamos às possibilidades revolucionárias contidas no ensino da capoeira, não estamos dizendo que a mesma está imune ao processo de mercadorização vigente, que assola as manifestações, bem como, o modo de vida das camadas sociais mais pobres. Contudo, acreditamos que a capoeira, por seus elementos históricos, confira ao processo educacional, tais possibilidades, no momento em que entendemos a capoeira como um exemplo vivo de transformação social.

Acerca das disciplinas que pudemos ter contato por meio das entrevistas, destacamos que em sua maioria existem indicativos do ensino da capoeira enquanto um meio capaz de fomentar a crítica frente ao modelo social. Porém, há, em menor proporção, professores que desenvolvem a capoeira a partir do modelo vigente, sem ter, portanto, a preocupação de superá-lo. Logo, em consonância com nossa análise, observamos que a capoeira tem em seu corpo elementos para a crítica social, entretanto as diretrizes geridas pelos docentes e mesmo pela instituição de ensino podem vir a fazer da capoeira mais uma atividade acrítica, auxiliando assim, para a manutenção da ordem.

Assim, a partir desta leitura, entendemos que a capoeira não pode se curvar frente à lógica formal do capitalismo, submetendo-se, como enfatiza o professor Neuber, às leis de mercado e se adequando à regulamentação da profissão.

Logo, apreendemos que seja necessário aprofundarmos os estudos dirigidos ao entendimento de como e porque se desenvolvem as disciplinas capoeira nos cursos de Educação Física, buscando promover tais disciplinas a partir de um projeto político-

pedagógico que traga em seu âmago o desejo de questionar e transformar a realidade. Neste processo, acreditamos que os professores Jean, Luiz, Vítor, Neuber e Pedro trazem em proporções distintas, contribuições para a elaboração da disciplina capoeira a partir de uma vertente crítica da educação. Por outro lado, não percebemos tais contribuições nas proposições do professor “Oculto”. E, para além das entrevistas, concebemos que, dentre outros, a obra de Falcão traga significativos subsídios para fomentarmos a implementação do ensino da capoeira sob o prisma da superação das desigualdades.

Relativo à nossa proposta, em específico, não tivemos como intuito apresentá-la como sendo o modelo correto, único, ou sob qualquer outro adjetivo que negue ou confira aos demais planos de disciplina capoeira existentes, menor importância. Assim, estruturamos nossa proposta a partir do que entendemos ser possível e necessário para o ensino da capoeira neste âmbito, destacando as contribuições dos professores entrevistados e defendendo nossas crenças. Obviamente que não estamos livres de cometer equívocos neste processo, todavia entendemos que a partir deste trabalho, poderemos ampliar as discussões acerca do papel da capoeira enquanto disciplina curricular dos cursos de Educação Física.

9. REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro R.J. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. 2004. 25 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais aplicadas a Educação) - Unicamp, 2004.

AREIAS, Almir. **O que é capoeira?** 2ª ed, coleção primeiros passos. São Paulo-SP: Brasiliense. 1984.

ARAÚJO, Benedito C. L. C. **Capoeira e mercadoria: possibilidades pedagógicas superadoras**. 2003. 53 f. Monografia (Especialização em Metodologia do Ensino e da Pesquisa em Educação Física e Esporte e Lazer) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

BETTI, Mauro. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Editora Movimento, 1991.

BIMBA, Mestre. **Curso de capoeira Regional**. Salvador-BA, s/d. (encarte).

BRASIL. Lei n. 9696, de 1 de setembro de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física, cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 2 set. 1998.

CANDAU, V.M.F. e LELIS, I.A. **A relação teoria-prática na formação do educador**. In: CANDAU, V.M. F. (org.) *Rumo a uma nova didática*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 56-72.

CAMPOS, Helio. **Capoeira na Escola**. Salvador: Pressecolor, 1990.

_____. **Capoeira na universidade**. Uma trajetória de resistência. Salvador: SCT, EDUFBA, 2001.

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: Os fundamentos da malícia**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

DECANIO, Ângelo. **A herança de Pastinha: a metafísica da Capoeira**. Salvador: Produção Independente, 1996.

_____. **A herança de Mestre Bimba: lógicas e Filosofia Africanas da capoeira**. Salvador: Produção independente, 1996.

DUARTE, Newton, ARCE, Alessandra. (org.). **Brincadeiras de papéis sociais na educação infantil: as contribuições de Vigotski, Leontiev e Elkonin**. São Paulo: Xamã, 2006.

DUARTE, Newton. **Vigostki e o “aprender a aprender”:** crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria Vigostkiana. 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

FALCAO, José L. C. **A escolarização da capoeira**. Brasília: ASEFE – Royal Court, 1996.

_____. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. 2004. 396 f. Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MEDINA, João P. S. **A Educação Física cuida do corpo e... “mente”: bases para a renovação e transformação da Educação Física**. Campinas: Papyrus, 1990.

MINAYO, Maria C. S (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOVIMENTO NACIONAL CONTRA A REGULAMENTAÇÃO. <http://www.mncr.org3.net/>. Acesso em: 25 ago. 2007.

NEGRINE, Airton. **Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa**. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. (Org.). *A Pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Editora Universidade/ UFRGS/ Sulina, 1999. p. 61-93

NOZAKI, Hajime T. **Educação Física e reordenamento no mundo do trabalho: mediações da regulamentação da profissão**. 2004. 382 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

O VELHO CAPOEIRISTA: Mestre João Pequeno de Pastinha. Direção de Pedro Abib. Salvador: Fundação Cultural do estado da Bahia, 1999. 1 fita de vídeo (18 min.), son., color., NTSC.

PASTINHA, uma vida pela Capoeira! Direção: Antônio Carlos Muricy. Produções Cinematográficas. Rio de Janeiro: Brian Sewell, 1999. 1 fita de vídeo, son., color., VHS/NTSC.

PISTRAK. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo, SP: Expressão popular, 2000.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: um ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968.

REIS, Leticia. V. S. **O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil**. São Paulo. Publisher Brasil, 1997.

SAVIANI, D., LOMBARDI, J.C (orgs.). **Marxismo e educação: Debates contemporâneos**. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2005.

SILVA, Gladson de O. **Capoeira: do engenho à universidade**. 2. ed., São Paulo, 1995.

SILVA, Paula. C. C. **Capoeira e Educação Física – uma historia que dá jogo... Primeiros apontamentos sobre suas inter-relações**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. v.23, n.1, p.131-145, set, 2001.

SOARES, Carlos E. L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 – 1850)**. 2ª ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2004.

SOARES, Carmen. L. **Imagens de educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX.** Campinas: Autores Associados, 1998.

SOARES, *et al.* **Metodologia do ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez Editora, 1992.

TAFFAREL, Celli. N. Z. **Capoeira e Projeto Histórico.** In DAMIANI, I. R. e SILVA, A. M. (orgs.) *Práticas Corporais vol. 1: Gênese de um Movimento Investigativo em Educação Física.* Florianópolis-SC: Noemblu. 2005. p. 75-97

TRATEMBERG, Maurício. **Pistrak: uma pedagogia socialista. Disponível em:** <http://www.espacoacademico.com.br/024/24mt1981.htm>. Acesso em: 15 nov. 2007.

VIEIRA, Luiz R. **O jogo de capoeira: cultura popular no Brasil.** Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

ZULU, Mestre. **Ideopraxis de Capoeira.** O Autor. Brasília, 1995.

ANEXOS

ANEXOS I
TERMOS DE CONSENTIMENTO

ANEXO II
TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA I

Professor Jean – 15/09/2006 – Salvador-BA

Dados gerais

Nome/Apelido: Jean Barros da Silva / Mestre Pangolin

Idade: 31 anos Etnia: afro-descendente Gênero: Masculino

Em qual universidade/faculdade de Educação Física você ministra a disciplina capoeira e/ou afíns?

R: Faculdades Jorge Amado (privada)

Há quanto tempo?

R: Dois anos

A disciplina é oferecida em caráter optativo ou obrigatório?

R: Obrigatória

Roteiro da entrevista

Adan: Jogava capoeira antes de ser professor universitário desta disciplina? Comente sua história:

Professor Jean: “Na realidade eu já era professor de capoeira, trabalhava no projeto social, que este aqui que você tá vendo, chamado Camaradinhas, e aí eu resolvi tentar dar aula em escola. Para entrar em escola tinha a burocracia de ter formação, esta coisa toda, eu resolvi entrar no curso de Educação Física, eu me graduei na UFBA e a partir daí eu comecei a fazer um trabalho com escola. Daí eu tiver oportunidade, eu fiz pós-graduação, eu entrei no mestrado e aí fui seguindo, surgiu esta oportunidade na universidade, que eu já tinha feito alguns trabalhos de monitoria, já tinha prestado alguns serviços para disciplina capoeira, tanto na UFBA quanto na UEFES, na própria universidade Católica, participando de palestras, seminários... então surgiu a oportunidade e eu fui trabalhar com a disciplina capoeira, é uma disciplina do primeiro semestre”.

Adan: O que te levou a jogar capoeira...?

Professor Jean: Rapaz, por incrível que pareça, o que me levou a praticar capoeira, foi o fato de eu odiar Educação Física, eu estudava numa escola de classe Média alta aqui, e a Educação Física nesta escola era muito militarizada ou destinada ao esporte, exclusivamente esporte de rendimento. Então eu não me identificava muito com isso e tava buscando alguma coisa pra eu fugir das aulas de Educação Física, e a oportunidade legal foi capoeira, que eu já tinha treinado um tempo em Recife quando eu morava lá e aí acabei indo pra capoeira por isso, pra fugir da Educação Física, por ironia do destino eu virei Professor de Educação Física e de capoeira da própria escola anos mais tarde, então foi meio pra fugir da edu... Porque na época a capoeira se apresentava como uma atividade mais alternativa, né? Ou tinha esporte de rendimento você tinha que fazer pra competição ou Educação Física com Calestênia 24h... E acapoeira era a que tinha menos rigoroso, porque era rigoroso também, tinha calestênia, tinha rendimento era uma capoeira muito influenciada pela parte negativa da educação física... Como é que vou te explicar..., ‘era a versão melhorada da capoeira influenciada pela capoeira

de mestre Bimba', então ele se aproxima dos métodos de ginástica pra ele poder... A capoeira ser aceita e aí na escola, este mestre que eu fazia parte, ele entendia que quanto mais parecida a capoeira fosse com a capoeira que tava na escola, ela seria mais aceita. E aí isso detonava algumas questões da capoeira, tipo liberdade de expressão, aprender fazendo, este tipo de coisa. Mas no fim das contas era o mais livre que tinha, de tudo e acabei fazendo pra me livrar...

Adan: E o Mestre (entrevistado) é formado de quem?

Professor Jean: “Eu treinei até a graduação de professor com um Mestre chamado ‘Penera’ com uma escola que chamava estudo social da Bahia, e nos tempos de Contra-Mestre e mestre eu treinei com um outro mestre que é de Santo Amaro da Purificação, Mestre chamado ‘Vedário’, pessoa ligado ao Recôncavo, à cultura... com outra proposta de capoeira”.

Adan: Fora seu trabalho com capoeira nos cursos de Educação Física, você desenvolve outras trabalhos com capoeira, gostaria que você me falasse então, como que se dá a capoeira dentro da universidade, seus objetivos, etc e fora da universidade como é que é...

Professor Jean: Esta é uma discussão interessante, porque nós estamos vivendo um conflito aqui que já vem de um tempo, com o pessoal da educação Física e o Conselho de educação física. É..., os mestres de capoeira, eles não compreendem que a própria educação física tem um movimento interno contra o CONFEF, então os mestres acham que todos da Educação Física é um traidor da pátria, que quer tomar o espaço dele. A gente até compreende pela história de vida dessa (...), o que acontece, eu sou um capoeirista que fui parar na Academia e não o inverso, eu fui pra Academia pra qualificar minha história da capoeira, então acho que isto deu um tempero legal pra disciplina na universidade, por que..., por que tem algumas questões que ficam mais fáceis porque eu sou do meio, eu não sou alguém que foi pra universidade estudou e acabou dando aula de capoeira, eu continuo indo pra batizado, eu me relaciono eu tenho que administrar uma ONG, que é este grupo que você ta vendo aqui, a gente tem núcleo fora do país, em outros estados do país..., então eu vivo no meio da capoeira e nas minhas horas vagas eu sou professor da universidade (risos), que é completamente inverso que todo mundo faz. Isto é legal porque eu acho que posso dar uma contribuição interessante que é tirar as pessoas dos muros da universidade e ta convivendo no meio da capoeira, acho que o ponto alto da disciplina lá, é que a gente tenta fazer uma disciplina fora desta lógica fria da universidade, a idéia é ta promovendo intercâmbio, visitas, a gente vai visitar Mestre Pequeno, visita Curió, vai no centro Histórico, faz viagens, pesquisa, não perdendo o foco que o cursos é de formação de professores de educação Física, e eu tenho isto bem claro, então em momento algum a gente pensa que ali vai ta se formando capoeirista ou chegando perto disto. A idéia é de tá instrumentalizando os estudantes, com a linguagem da capoeira, pra tarem atuando na Educação Física escolar, já que é um curso de licenciatura. Então desde O primeiro momento a gente deixa isto claro, as pessoas já relaxam um pouco, então a gente não tem, por exemplo, nenhuma pretensão de fazer exames ligados a tipo... Você faz seqüências de Mestre Bimba? Quantos toques você sabe? O que você é capaz de cantar? A idéia não é esta, a idéia é que as pessoas vão tendo os mecanismos, tanto as seqüências de Mestre Bimba, quanto a capoeira Angola, ou os mecanismos da cantiga ou do toque como uma estratégia de ensino. A questão do domínio fica pra pessoa que quiser desenvolver isto, então a gente subdividiu a disciplina em alguns blocos de trabalho. Primeiro bloco é origem e o que é capoeira, que é pra dar uma visão geral da capoeira, processo histórico..., segundo bloco a gente trata a capoeira regional, terceiro a Capoeira Angola, quarto bloco capoeira na escola e atualidades, o que tá acontecendo agora. Só que todos estes blocos de atividades da

disciplina são enfocados na formação do licenciado em Educação Física..., então, por exemplo, vamos pensar, capoeira Regional, o que que o cara vai estudar de capoeira Regional? Processo histórico, ritual, formação, fazer visita de campo, vamos na academia de mestre Nenel, convivemos, participamos de uma roda, mas a idéia que ao final deste bloco, o aluno do curso lá, de Educação física, seja capaz de utilizar a capoeira Regional em suas aulas de Educação Física, não que ele utilize isto em capoeira, né? A gente nunca perde o foco que é uma formação de professor de Educação física. Isto é um diferencial, porque esta questão ainda é meio confusa nos trabalhos em universidades, geralmente as disciplinas, a disciplina que eu cursei na universidade e as que eu tenho conhecimento de outras universidades, é como se fosse um mini-curso de capoeira dentro do curso de Educação Física. Então eu não acredito nisso e a faculdade aceitou a minha ousadia em tentar fazer diferente, então a idéia não de montar uma escolinha de capoeira na universidade, mas é de a capoeira lá funcionar como a fisiologia, como a natação, como cinesiologia, como sei lá, ginástica, educação física escolar, cada uma com usa contribuição para a formação do professor de educação física, quem quiser se aprofundar, aí pode fazer uma academia, fazer um trabalho específico, um curso livre na própria universidade específico de capoeira. Então como eu te dizia, a proposta da disciplina, isto é importante, você vai ver que quando você for estudar a disciplina capoeira nos outros cursos de licenciatura em Educação Física, é diferente, todos tem uma estrutura básica que foi mais ou menos parecida com a proposta da Católica, que foi o primeiro curso de Educação física que botou a disciplina Capoeira como obrigatória, então todas as outras universidades ou faculdades que implantaram a capoeira seguiram mais ou menos a idéia da Católica. E aí como é que funciona a Católica? Se a gente pega um pouco a história de quem dá dando aula lá, é o cara que foi ex-aluno de mestre Bimba, Mestre Saci, uma pessoa renomadíssima, da capoeira, mas que ele é o que Mestre Bimba ensinou a ele, então algumas coisas do processo de modificação que a Educação Física passou tão longe da li em determinados aspectos. Se você olha o perfil de formação da Católica é um, da UFBA é outro, então tem muito isto a ver, né? No final do curso de Educação Física o que que eu quero que você saiba? O que que eu quero que você tenha condições de lidar? Então, a partir disso aí a disciplina capoeira foi tomando características diferentes, eu acho que uma coisa interessante lá na minha matéria é isso, é você ta podendo dizer que a capoeira hoje, ela ta, por exemplo, em escola, no clube, na academia, ta em mais de 70 países, ela espelha educação em crianças, com terceira idade, com portador de necessidade especial, como você viu aí, com criança em situação de risco, então, é ta mostrando para as pessoas da educação física este potencial educativo que a capoeira tem, e mostrando pra eles que não precisa ter muito pré-requisito pra ta sabendo isto, se ele tem vontade de aplicar ele vai saber... e deixando claro pra comunidade que este cara que ta ali não é competidor do mestre de capoeira, o mestre de capoeira tem uma área de conhecimento que em alguns momentos faz a interlocução com a área da educação física, capoeira e educação física não estão juntas, são áreas de conhecimento distintas, nem melhor, nem pior. Porque senão a gente cria um conflito aqui, o cara da capoeira vai achar que o cara da educação física vai substituir ele, e não é, todos os alunos tem clareza que eles tão usando a capoeira como mais um instrumento, assim como é o voleibol, como é o futebol...

Adan: Agora, quando você trabalha fora do mundo acadêmico, aí a capoeira ela é o que, seus objetivos e tal...?

Professor Jean: Vamos lá..., na realidade a gente estruturou (como eu tava te explicando) a gente fundou uma ONG a principio para conseguir recursos pro projeto social, este grupo aqui surgiu no projeto social chamado camaradinhas, então enquanto a gente andava nas contas pra pagar as contas, fomos fundar uma ONG pra captar recursos, e aí a gente formou uma ONG chamada GUETO (Grupo Unido para Educação e Trabalho Orientado). A partir da fundação

desta ONG a gente percebeu que só trabalhar com a comunidade de baixa renda não tava dando conta do que a gente queria abranger, a gente foi subdividindo em projetos e áreas de atuação, projeto de ação social (Camaradinhas), projeto de educação especial (Educação especial), escola de formação de capoeira (Gueto escola), Capoeira de saia que é um projeto de show folclórico pra mulheres e o Brincapoeira que é um projeto que trabalha em escolas privadas de 2 a 8 anos de idade. Por que que a gente fez esta subdivisão? Pra que a gente desse um enfoque maior em cada projeto desse. Então hoje nos temos professores que trabalham no brincapoeira, que trabalham na escola de formação, na educação especial, professores que trabalham na capoeira de saia e professores que trabalham no projeto social que foi este aqui que você viu. To dizendo tudo isto que é pra você entender a meta final disto aqui, a meta final é você ter a capoeira como uma estratégia pra educar em diferentes idades. Se o cara tá na escola de formação GUETO, a gente vai ter um enfoque maior nele, a gente pensa que ele vai ser um professor de capoeira amanhã, então vai ter uma cobrança para ensinar nos saltos, canto, o jogo, a parte histórica, o conhecimento técnico, tático, ele vai passar por graduações pra trocar de níveis. No projeto capoeira especial, já tem outra roupagem, voltada à educação especial. O projeto brincapoeira com crianças tem outra roupagem, adaptada ao universo da criança. A gente acabou publicando um livro de historinhas de capoeira voltado às crianças, tem um berimbauzinho adaptado, tem todo um universo adaptado que aproxima a capoeira do universo da criança, é a capoeira a serviço da criança e não a criança a serviço da capoeira. Então, resumindo, tem muitas metas, muitas caras, o final, o principio norteador de todas elas é de usar a capoeira como instrumento de educação, tanto me que o processo de expansão do grupo, não foi feito como o da maioria dos grupos, que abrem filiais, quando a gente monta um núcleo em outro país, em outro estado, a gente não monta uma filial do grupo, a gente dá a possibilidade de alguém trabalhar com este projeto que a gente tem. Então, o cara lá da Argentina quer trabalhar no projeto do grupo, ele não vai abrir uma escola lá e usar uma camisa, a idéia não é essa, ele vem aqui, se qualifica em um ou mais projetos, vai pra lá implanta este projeto, alguém do grupo vai lá, dá continuidade a capacitação e ele continua o projeto, quer dizer a gente não monta uma filial do grupo, ele implanta um de nossos projetos lá.

Adan: E, outro grupo poderia tá fazendo esta ponte com vocês?

Professor Jean: Perfeitamente, a gente tem a parceria de uma liga chamada Câmaras, é uma espécie de intercambio formal, entre grupos diferentes... A gente viveu um momento aqui na Bahia de muita rivalidade, então você saía na rua encontrava o cara de outro grupo, brigava, aquela coisa toda... Então a idéia principal do Camarás, era diminuir, estreitar as relações com os outros grupos, ou seja, quebrar os muros dos grupos. Queria que meu aluno, que é trabalhado por mim pudesse trabalhar, por exemplo, com você que é professor de outro grupo, ou seja, queria construir uma idéia de capoeira como era no passado, onde as pessoas poderiam se relacionar melhor e informalmente a gente não conseguia, porque tinha uma disputa de mercado acirrada por trás, então o cara não permitia que o aluno dele viesse aqui, pra não perder o aluno que pagava lá, então tinha esta lógica. Que que a gente fez, formalizamos a relação, criamos uma instituição chamada Câmaras e a partir dela, a gente institui um sistema de graduação mais ou menos parecido, não é igual, mas os títulos são equiparados, a gente institui uma metodologia mais ou menos parecida, dando liberdade para cada mestre, mas tendo um currículo mínimo, ou seja, o aluno formado tem que saber isto, professor, isto... A gente sabe que não é rigoroso porque cada grupo tem uma história, então a partir destas relações a gente foi dando uma melhorada no clima da capoeira, a gente conseguiu, por exemplo, que outros grupos de Salvador participassem do mesmo projeto, sem necessariamente ser membro da ONG, tanto é que todos nossos projetos estão a disposição na

internet, então nada aqui é vendido ou feito apenas pra gente, são projetos feitos pra capoeira, quem acha que é legal e quer implantar legal, se precisar de alguma ajuda ou acessoria... Então ta funcionando, evidente que não são flores, eu to te contando aqui, mas tem muito problema aí, né? A gente tem que ta reavaliando os projetos, as pessoas que estão trabalhando, o maior desafio hoje, é conciliar uma proposta de capoeira ligada à educação no modo de produção capitalista, este é o maior desafio, porque ao mesmo tempo que a gente tem aqui uma pessoa falando o tempo inteiro de educação, conversando com ela, quando chega no fim das contas, em casa, o pai diz como é que quem paga esta conta aqui? Quem vai pagar o transporte? Então tudo funciona a partir de um lucro, então a gente vem aqui com um discurso de capoeira pra todo mundo, de aprender fazendo, trocar experiências... E quando o cara sai no mundo aí fora ele é bombardeado por este esquema aí do capitalismo. Então não é fácil, a gente tem muito desafio, mas a gente vai tocando, já são... Desde a criação do Camaradinhos até hoje são dezessete anos, de fundação do GUETO são oito anos, então já tem um tempo de batalha aí e ainda tem muita coisa pela frente...

Adan: Bom você já me falou bastante sobre a capoeira, mas em relação à capoeira na educação física, gostaria que você me dissesse que capoeira que é desenvolvido neste meio?

Professor Jean: Na minha pós-graduação, na especialização fiz um trabalho da capoeira voltada à educação infantil, em aulas de educação física, a gente subdividiu este trabalho em quatro aspectos, da roda (do movimento, como se nós pudéssemos pinçar o movimento em si), da musicalidade, as relações interpessoais e tudo que tava ali no ritual que educa. Se a gente formalizar estes quatro itens isoladamente, só por didática, porque eles estão juntos ali na roda, a gente já justifica a importância da capoeira na universidade. Você pega hoje um professor de Educação Física, ele vai trabalhar diretamente com gente, com situações que vão exigir dele improvisos, o mínimo de ritmo, de movimento pra entrar pra musicalidade, essa coisa de entender o ritual... Por exemplo, numa roda de capoeira, enquanto um joga, outro toca, outro canta, então socialmente ta dizendo que todos, independentemente de serem diferentes, eles tem uma função social, então, já detona a idéia do modo de produção que tá dizendo que eu tenho que ultrapassar, matar quem ta do meu lado, então a capoeira já dá uma lição neste sentido. O que que eu to querendo mostrar, é que a partir desta leitura que a gente faz da capoeira na universidade a gente humaniza a formação deste cara, leva pra ele uma proposta legal de ele chegar na escola e mostrar que as pessoas podem conviver em parceria, que um pode tolerar a diferença do outro, que a partir desta diferença a gente constrói uma coisa melhor pra todo mundo, isto falando em relação às relações interpessoais. Se eu passar, por exemplo, pro aspecto da cultura afro-descendente, de ta em moda agora, todo mundo ta falando de lei, todo mundo ta adotando em escola. Pô, tem gente que vai tratar elementos da cultura africana, por exemplo, aprender fazendo, respeito ao mais antigo (quantos na nossa sociedade não é desprezado, colocado na lata do lixo, porque produtivamente ele perdeu sua capacidade...) a capoeira diz que sem o mais antigo não tem capoeira, então você vê que ela vai trazendo uma contramão, inversão da lógica, ela pode ver o mundo de pernas pro as mesmo, ela inverte a lógica e faz as pessoas se questionarem. Então você pega um cara que entra no primeiro semestre no curso de Educação Física, qual o perfil deste cara que entra lá na faculdade... O cara malhado que acha que vai ser personal trainer, quando ele bate lá e vê a disciplina capoeira ele no mínimo (ele não muda totalmente), mas ele no mínimo pensa: Poxa tem outra forma de fazer. Ele pode até sair com a primeira concepção dele de ser personal, mas ele percebeu que tem outra maneira de se lidar com o outro, ou seja, a idéia da universidade é essa, é pegar a capoeira como estratégia para ta melhorando a pratica do cara lá na aula dele de Educação Física, ta humanizando ele mais, ta fazendo perceber as coisas. Já aqui no grupo, é isso, mas com enfoque mais direcionado a capoeira. Ou seja, lá o cara

chegou na disciplina, concluiu a disciplina, chegou no final... Pra mim não importa muito se ele consegue fazer um au, se consegue fazer uma armada esticada, canta 20 ou 30 músicas, importa se ele chegou no final compreendendo a importância de 20 músicas, a importância do movimento, por exemplo, quando a criança toca um berimbau, ou ta tentando manusear o berimbau, o que que aquilo pode ta desenvolvendo nela, coordenação motora fina, a mesma da escrita, ótimo, o professor percebeu isto, quando um adulto vai executar um au, que é de equilíbrio recuperado, o que que aquilo pode alterar em sua marcha, e aí tecnicamente, fora das relações interpessoais, questões rituais, de inversão da lógica do modo de produção, entendeu? Então no geral é de ta dando esta visão mais ampla de capoeira e se a pessoa quiser se aprofundar, ela continua num curso livre que é oferecido pela faculdade. Só mais uma coisinha que esqueci de te dizer, este processo esta em construção lá, se você me perguntar: Jean você ta seguro mesmo que funciona...? Digo: rapaz seguro mesmo, mais ou menos, porque a gente ta no dia-dia fazendo os ajustes entendeu, não tem uma formula mágica de ensinar capoeira de forma perfeita na educação Física, a gente vai experimentando, vai tentando e isto aqui, vou mostrar pra você são alguns dos materiais produzidos no final de cada disciplina, ao final da disciplina a gente tenta montar um mini-livro, de tudo que foi visto na disciplina e este mini-livro é apresentado em escolas da rede publica com professores de capoeira que não tem acesso à universidade... Qual objetivo? O objetivo não é de ensinar capoeira pra quem ta fora da universidade? Não! É de fazer intercambio, eu não levo o mestre de capoeira que ta fora da universidade lá? Então levo os caras da Educação Física pra lá, pra escola, promovendo o intercambio. Então em linhas gerais é fazer um capoeira que não quer medir forças com quem ta fora da universidade, não quer dizer assim: “Eu sei mais porque eu to na ciência”. Faze uma capoeira com a cara daquele espaço que esta ali, sem perder de vista que o espaço só aconteceu lá porque teve um monte de gente trabalhando durante anos, dando suor, referencia à sua ancestralidade, até a gente chegar na universidade.

Professor “oculto” – 14/09/2006 – Salvador-BA

Dados gerais

Nome/Apelido: “oculto” Lima de Jesus / Mestre Saci

Idade: 61 anos

Etnia: negro

Gênero: Masculino

Em qual universidade/faculdade de Educação Física você ministra a disciplina capoeira e/ou afins?

R: Universidade Católica de Salvador (atualmente apenas nesta universidade)

Há quanto tempo?

R: Há 25 anos (1982)

A disciplina é oferecida em caráter optativo ou obrigatório?

R: Caráter obrigatório (CAPOEIRA I)

Roteiro da entrevista

Professor “oculto”: Eu comecei a jogar capoeira em 1974, na academia de Mestre Bimba, Seu Manoel dos Reis Machado. Me formei em Capoeira Regional, fiz o curso de especialização também em Capoeira Regional em 1976, tive em minha trajetória vários cursos de capoeira, inclusive pra turma da polícia militar. Em 1977 eu já viajava, levando a capoeira pelo mundo, na Argentina (cita mais países e locais, mas ficou mal a gravação, não consegui identificar os nomes), jogava pra almoçar, jogava pra jantar; claro que a gente não tinha poder aquisitivo e a capoeira era uma maneira da gente sobreviver, de repente eu senti que não era a capoeira como deveria se dá, como eu estava fazendo, eu deveria colocar a capoeira como uma outra maneira. E volto pra Bahia e aqui começo a trabalhar, fiz concurso, entrei na polícia rodoviária Federal em 1978, aí já estava com a academia de Capoeira no União, eu dava aula na boa vista de Brotas. Depois da viagem à Argentina eu fiz parte de um grupo de capoeira chamado Viva Bahia, não era bem um grupo de capoeira, era um grupo de folclore. Do Viva Bahia, eu entrei no Olodum e aí fomos pro Estados Unidos, México, Canadá, Argentina, viajei o mundo todo jogando capoeira, mas aí já era polícia, fazia isto na férias, voltava, por isso muitos colegas ficaram lá pela Europa, pela América pela África e eu voltei pro Brasil, porque eu tina o compromisso com meu emprego e aqui também voltei a estudar, fiz um curso de direito, depois fiz pós-graduação em Metodologia didática de ensino superior, mas sempre a capoeira pra mim era uma coisa de primeiro pano e até hoje continuo dando aula de capoeira na Universidade.

Adan: Além de trabalhar com capoeira no curso de Educação Física, você desenvolve algum projeto ou trabalho de capoeira?

Professor “oculto”: Não, atualmente só trabalho com a capoeira, salvo minha profissão particular que é de advogado, eu sou procurador geral do município de Santa Bárbara, tenho escritório de advocacia, tenho um pocado de instrumento pra viver. .Fui vereador lá em minha cidade por 3 mandatos consecutivos, depois desisti, sabia que não era aquilo que eu queria,

até que era, mas o que eu queria ninguém deixava e já que eu não podia fazer o que prometi daí eu desisti. Fui político e voltei pra dar aula de capoeira aqui na universidade.

Adan: Você tem algum projeto de capoeira fora da universidade?

Professor “oculto”: Atualmente não, estou escrevendo um livro, o nome do livro é Ensaio de Capoeira, estou pretendendo lançar no próximo ano, porque agora ta na parte final de correções e o meu projeto é de criar um grupo de capoeira, mas para mostrar a capoeira que eu praticava em 1974, então este é o meu projeto. Reuni amigos, colegas, pessoas jovens e dinâmicas que queiram realmente fazer a capoeira como um desporto. Porque a capoeira aqui na universidade, ela não é somente a parte cultural, nós tratamos a capoeira como um desporto, com suas regras, com seus objetivos definidos, da formação do cidadão-atleta, não somente do capoeirista daquele do passado que tomava cachaça, fumava um charuto e entrava na roda. Hoje a gente dá métodos de preparação física, condicionamento, então o cidadão chega ao final do curso bem física e tecnicamente.

Adan: Gostaria que você me falasse o que representa a capoeira pra você dentro do curso de Educação Física de uma Universidade?

Professor “oculto”: A importância maior da capoeira em meu entendimento é como uma forma de educar. A capoeira que no passado era vista como coisa de marginais, de malandros, na realidade isto nunca fez parte da capoeira, nós temos médicos malandros, nós temos juízes malandros, nós temos deputados malandros... E veja bem, são poucos médicos, são poucos juízes e são poucos deputados, imagine isto na capoeira, que nós temos hoje mais de um milhão de praticantes, claro que nós não podemos excluir este tipo de pessoa, joga capoeira quem quer... O cidadão ta lá no Carandiru, no extinto Carandiru e ele queria jogar capoeira lá quem é que vai proibir, se ele ta hoje num presídio de segurança máxima ele não vai ter a chance de jogar capoeira, mas nos presídios aqui da Bahia, cidadão joga capoeira e tem colegas nossos que vão dar aula de capoeira lá dentro, a capoeira não foi feita pra alta sociedade, a capoeira é cultura, a capoeira é do povo. Então o projeto maior da capoeira na universidade é mostrar sua validade como: terapia, quando você pode trabalhar com deficientes, mostrando ao aluno que o deficiente fazendo a capoeira, pessoas portadoras de doenças, digamos assim físicas ou mentais, mas que praticam a capoeira, já está provado que é uma terapia e as pessoas quando praticam a capoeira, elas ficam tranquilas, cantam, batem palmas, elas se entregam totalmente ao mundo capoeirístico, esquecem da vida lá fora, esquecem de seus problemas, é uma forma de você unir negros com brancos, judeus com católicos, protestantes, comunistas, todo quanto é tipo de gente... Assisti um filme há pouco tempo, onde coreanos, chineses, brasileiros, tudo quanto é tipo de gente ta praticando capoeira, independentemente de posição política, econômica e social. Então a capoeira dentro da universidade é vista dessa forma, como uma forma de integrar a sociedade, como um desporto a exemplo do que acontece com o voleibol, basquetebol, com a vantagem advindas das práticas desportivas, de unir pessoas, difundir o nosso país lá fora, o nosso país hoje é mais conhecido pela capoeira e pelo futebol, do que qualquer outra manifestação interna, então essa é realmente o objetivo da capoeira na universidade, formar cidadãos.

Adan: Como que se dá a relação teoria-prática nas aulas de capoeira, aqui na universidade?

Professor “oculto”: Nós temos duas cargas horárias, 30 horas para capoeira teórica e trinta para parte prática. Na parte teórica nós observamos a capoeira na sua parte cultural, os toques, os cantigas, os grandes mestres de capoeira, os movimentos de capoeira, definindo o que é

ataque, o que é defesa, quais são os movimentos que desequilibram, que causam traumatismos, aí o aluno vai ver que grupo de músculos ele utiliza pra fazer determinado movimento, quando ele ta fazendo o Au, que valência física ele esta usando, se é uma..., digamos assim o equilíbrio, se ta usando mais a força, se ele ta usando mais flexibilidade, basicamente são estes os objetivos na parte teórica. Já na parte prática é o fazer, é o cidadão tocar pandeiro, bater berimbau, canta uma ladainha, uma quadra do Mestre Bimba, é o cidadão saber jogar a capoeira propriamente dita, aplicar golpes de ataque e de defesa, fugir, esquivar, atacar, contra golpear..., esta é a parte prática, como numa roda de capoeira, o berimbau tocou, é agachar no pé do berimbau e sair pro jogo.

Adan: Vocês só trabalham com a capoeira Regional?

Professor “oculto”: Não, aqui nós não temos uma preferência, nós trabalhamos com a capoeira em si, agora, como nós trabalhamos com a capoeira desportiva, e como o pessoal de capoeira angola ainda mantém aquela coisa de dizer que a capoeira não se pode entrar em competições e eu não concordo, me perdoe os grandes mestres da capoeira Angola, porque no momento em que eles fazem uma bateria de berimbau e fazem um campeonato de berimbau, então é uma competição de berimbau, eles fazem uma competição de cânticos, cantam corridos, cantam ladainhas, é uma competição de cânticos, então qual é a diferença de quando eu faço uma competição de jogo propriamente dita, vendo aquele que coloca os golpes melhores, não que vai atingir seu adversário, colocando inferioridade, mas mostrando sua supremacia técnica, mostrando que no ataque houve eficiência, que sua defesa foi eficiente, e por aí nós vamos ver quem foi o melhor, não é preciso você colocar o golpe pra destruir seu oponente, mas pra mostrar sua superioridade técnica.

ENTREVISTA III

Professor Luiz – 2007 – Rio Claro-SP

Dados gerais

Nome/Apelido: Luiz Augusto Normanha Lima

Idade: 43 anos

Etnia: Branco

Gênero: Masculino

Em qual universidade/faculdade de Educação Física você ministra a disciplina capoeira e/ou afins?

R: Unesp - Rio Claro, Departamento de Educação Física.

Há quanto tempo?

R: 20 anos, desde 1987. (graduação e extensão)

A disciplina é oferecida em caráter optativo ou obrigatório?

R: Em caráter obrigatório e optativo, sendo Fundamentos de capoeira e estudos avançados, respectivamente.

Roteiro da entrevista

Adan: Como se caracteriza a disciplina capoeira, a relação teoria e prática? Comente:

Professor Luiz: Esta questão que você pergunta me remete a um artigo que eu estava tentando escrever na época das pressões do CREF em cima das pessoas que tavam formadas em Educação física e tal... Então eu comecei a analisar... (eu fazia parte também de uma comissão de estruturação curricular) e esta era uma pergunta que surgiu na comissão, né? Do curso inteiro de Educação Física, qual era a relação teoria e prática, e do curso todo, através de questionários que nós distribuimos naquela época através da comissão de estruturação, nós pudemos observar que há um distanciamento muito grande entre teoria e pratica, e os alunos atualmente reclamam muito desta distancia e vêem que a pratica é pouco favorecida em relação a uma bagagem maior teórica... Então é... Isto tem dois lados, tem dois pesos duas medidas, né? Na hora da formação da pessoa é importante que ela tenha muita prática, talvez essa teoria vai servir depois pra ela, pra alguma coisa..., mas no momento que ela ta se formando a pratica que ela nunca teve... Por exemplo, a capoeira no caso, acabei de falar que são sessenta alunos, eu pergunto no caso, quem aqui faz capoeira... E, realmente são um ou dois que já fizeram capoeira e que tem uma pratica de capoeira, então é muito importante a pratica, mas eles reclamam muito, primeiro pela dificuldade de tempo que a gente tem... Eu tenho um semestre só com os alunos dando aula de capoeira e este semestre você sabe que é reduzido, na verdade são 3 meses e meio de aula mesmo... E a gente percebe que falta pra eles mais esta parte pratica, do domínio do movimento, de executa, de mesmo de praticar inclusive o ser professor de capoeira, né? Uma coisa que eles não têm essa chance na graduação, então só com aquele trabalho de extensão, como eu havia falado que é conjunto, é paralelo, se a pessoa se interessar e vier fazer a extensão, então ela consegue ter mais pratica, mais convivência, com o dia-dia da capoeira... *Na graduação em si, tem alguma disciplina de aprofundamento...?* Tem, tem os estudos avançados que é 120h, depois do primeiro semestre, mas não são todos os alunos que fazem, acaba sempre tendo 4 ou 5 que fazem. Aí, nos estudos

avançados, a gente faz uma parte de aprofundamentos de instrumentos, de ele toca..., sabe coordena a roda tudo... Mas a gente começa já a guiá-los pro estágio, porque esta disciplina tem a missão também de operacionalizar o estágio, né? Então a gente já encaminha este aluno pra alguma academia, ou mesmo na extensão... Mas voltando a sua pergunta, eu vejo que num todo da educação física, a pratica é muitas vezes, atualmente, vistas com olhos de preconceito..., ah... Pessoa prática e tal..., e aí começa um academicismo encima da Educação física e de um aumento muito grande da preocupação com a teoria e muitas vezes esta teoria também não é... Vamos dizer, não pode ser deglutida pelo aluno, porque ela fica muito alem da realidade, então acaba tendo assim, fechadas nelas mesmas e muitas vezes o aluno sai daqui sem sabe pra que que aquilo serve ou qual a finalidade daquilo, né? E a teoria é um pensar, é um refletir, é uma contemplação, né? Então você acaba ficando alienado ao mundo da vida que é aí fora e das coisas, porque você acaba tendo as explicações pras relações entre os fenômenos, mas os fenômenos em si, você não busca a essência dele, não consegue compreende-lo, não consegue atribui significados... Então eu acho que essa é uma dificuldade grande dos alunos de Educação Física do curso inteiro de modo geral, e a capoeira por ta embutida aí nesse sistema passa por isso também, eu acho que é realmente uma defasagem que existe entre teoria e pratica há muita mais teoria do que prática, né? Embora eu tenha privilegiado uma conduta de... oh! vamo faze a capoeira, vamo faze a roda, vamo joga capoeira, porque é o que eu acho necessário de fazer, mesmo porque eles nunca tiveram contato com a coisa. Fica difícil eu ficar só falando, as pessoas também só falando e eu não sei o que que eles vão pode fazer no lugar onde eles forem trabalhar com a capoeira, porque se eles passarem aqui o semestre inteiro só refletindo e contemplando a capoeira, eles não vão conseguir chegar lá e desenvolver nada na pratica deles, então eu primo muito por essa parte, o aluno na minha disciplina ele tem que saber no mínimo os três toques básicos da capoeira, né? (São bento grande, São bento pequeno e Angola), exijo os outros toques, mas não com tanta perfeição e exijo todos os movimentos de capoeira, que eles executem..., é uma prova prática mesmo, eles têm que executar os movimentos em dupla, e o contexto de roda, como eles se portam na roda. – **Adan: A avaliação deles passa por isso então...?** - Aliás, eu não do tanta ênfase a parte teórica não, eu deixo essa parte mais pra busca dos alunos, pro interesse dos alunos, e isso gera a possibilidade de fazer pesquisas e trabalhos e eu acho que esses trabalhos dependem muito da pessoa, do que ta dento da pessoa, não adianta exigir que ela faça aquilo, se ela não sente um gosto por aquilo, então à medida que ela sente gosto ela vai embora, ela desenvolve muito, agora enquanto você fica empurrando o aluno pra faze aquilo, você vê que não sai nada ali, por mais que você esprema, o caldinho que sai dali é muito pouco. Então eu acho que fica mais assim, a nível do corpo, eles adquirem o corpo à capoeira..., e a parte teórica, eu desenvolvo assim, olha gente todos vocês vão fazer um artigo (irônico, ele ressalta que é o que mais se pede na universidade), então vocês vão escrever sobre capoeira, quem quer escrever sobre capoeira e biomecânica, capoeira e psicologia,... Começa buscar as interfaces das disciplinas... Então alem da avaliação pratica, eles me entregam um artigo, que geralmente eu começo a trabalhar no semestre seguinte, esses artigos a nível de publicação mesmo, alguns são muito interessantes, são bons, assim mando pra congressos..., que é uma forma de incentivar a produção acadêmica dele. Então essa seria a base de minha avaliação. – **Adan: Eles aprendem a fazer os instrumentos também?** – na graduação, às vezes eu coloco algum mestre que faz uma oficina de instrumento e tal, mas eles não precisam saber fazer o movimento pra passar de ano, não é uma exigência, mas às vezes, dependendo da turma eu do uma oficina. Agora, na extensão, eu passo, eles sabem que certos dias são pra confecção de instrumentos, aí eu aviso o pessoal da graduação... Mesmo porque o tempo da disciplina é muito exíguo, e não dá tempo de trabalhar muitas coisas.

Adan: Jogava capoeira antes de ser professor universitário desta disciplina? Comente sua história:

Professor Luiz: Capoeira surge pra mim, nos meus 13 anos de idade, quando eu separei de uma namorada que era muito junto com ela, e meio que pra suprir o amor dela, encontrei o amor na capoeira, na atividade da capoeira, eu comecei a desenvolver e eu... Nossa como eu gosto disso. Pra mim eu tava vendo que era um alívio e ao mesmo tempo um aprofundamento de alguma coisa que eu tava tendo conhecimento. Então eu faço capoeira desde os 13 anos em São Paulo, tive uma participação na capoeira Regional, todo aquele esquema da realização da capoeira enquanto federações, aquela organização esportiva dela, eu participei disso tudo, eu participei bem da capoeira Regional na minha fase de dezoito, vinte anos eu participei bem da capoeira Regional, participei da Fonte do gravatá, em Pinheiros, com o Gladson na USP e participei de outros grupos também, Miguel, Silvestre, em São Paulo, meio que você ia pulando de academia pra academia, às vezes o tráfego te impedia de ir onde você queria e você era obrigado a mudar de local pra não perder o contato com a capoeira. E quando entrei na universidade eu já era formado em Regional, eu falei... Poxa vida! Por que que em São Paulo ninguém fala de capoeira Angola, e a gente houve comentários lá da Bahia..., aí eu comecei ir pra Bahia, em 1989 e comecei conhecer os mestres, me apaixonei pela capoeira Angola, larguei a regional, e foi uma mudança, porque eu via que era meio incompatível, e os próprios mestres não gostam quando saía algum movimento de Regional na roda, e eles meio que falavam que eu tinha que abandonar a regional e eu fui abandonando a regional, deixando em segundo plano. – **Adan – Você se aproximou de algum Mestre lá?** – Foi, desde o começo com João Pequeno, aí depois passei pelo Moraes, Re, né? Baixinho e aí que fui me encontrar com Boca Rica e com ele foi uma coisa assim de ta junto com ele mesmo, né? De trabalhar com ele, inclusive na parte de produção artística dele, a gente pode produzir o CD, então tamo aí realizando o trabalho... – **Adan - E hoje, você continua com ele?** – continuo, alias pago mensalmente pro Boca Rica, uma mensalidade, tem mês que dos quarenta..., porque a gente sabe que a sina dos Mestres é morrer esquecido e eu costumo dizer que o Mestre boca Rica me formou não por aquilo que eu sei de capoeira, mas pelo reconhecimento que eu tava fazendo por ele, mas até do que pela minha capoeira... Mas ele me deu muitas orientações, me ensinou muita coisa, agente não percebia e ele foi me dando esses toques pela sua experiência, então foi um pacto e eu ajudo ele e ele ta me ajudando também.

Adan: Além de ministrar a disciplina capoeira em curso superior de Educação Física, você trabalha com a capoeira em outros lugares? Comente:

Professor Luiz: É, então, a gente tem feito alguns projetos, não ininterruptamente, às vezes a gente apresenta ele, às vezes não, em escolas, por exemplo, a gente já fez trabalhos na escola Agrícola, Carolina, Marasca são escolas aqui do bairro, né? Quando aponta um aluno que a gente vê que tem condições de ta fazendo um trabalho, mais individual, aí a gente combina com a escola e ele vai e oferece o trabalho lá na escola, e na creche também, né? - **Adan: è vinculado com o estágio dele?** – É, a gente procura vincular isso com a extensão e com os estudos avançados, que é a disciplina que lhe falei, que são de 120 horas, é muito mais quando aparecem esses alunos que voltam e querem fazer estudos avançados, é que a gente tem essa possibilidade de ta com a comunidade... – **Adan: Sempre com vínculo com a universidade então?** – sempre com vínculo com a universidade.

Adan: Enquanto disciplina dos cursos superiores de Educação Física, o que a capoeira representa para você?

Professor Luiz: Bom, ai você me pede uma posição importante..., eu acompanhei todo essa questão da regulamentação da Educação Física, questão do CREF, a gente aqui foi completamente contra o modo como eles colocaram a coisa... Da repressão em cima da capoeira, que os professores não poderiam dar aula, porque não eram professores de educação física, eu acho tudo isso um verdadeiro equivoco, né? Por parte dos órgãos que estavam se formando na educação física, e a gente percebia que aquilo era um envolvimento simplesmente financeiro e não um aspecto de melhora social. Então nós nos posicionamos contra, escrevemos, não conseguíamos publicar, porque era sobre o CREF, mas enfim, fizemos, batemos boca, fizemos de tudo pra mostrar que é o seguinte, a capoeira tem muito a ensinar a educação física, mas a educação física pode ajudar a capoeira, mas não no sentido de ela suprir a cultura da capoeira, porque o conhecimento de capoeira pra mim, quem obtém é o próprio mestre, que ta ali no dia-a-dia da capoeira. Agora, falo pra você, é existe mestres assim que são menos preparados..., ta, mas se você pensar que vai resolver o problema assim, que vai eliminar os maus profissionais com o CREF, é um engano também, é um grande engano, porque na verdade você não elimina ninguém, ao contrario, os maus profissionais tem mais proteção com os órgãos de regulamentação, veja o que acontece com várias profissões aí, medicina, advocacia, e outra também, se você elimina os maus, você elimina os bons também, vou dar o caso do meu mestre, João Pequeno, ele tem um conhecimento profundo de capoeira, que se você deixar uma pessoa lá com ele duas semanas, a pessoa sai jogando capoeira, sai com conhecimento de capoeira em duas semanas. Isso o que que é? É um conhecimento de capoeira que ele adquiriu da vida, experiência de vida, mas aí você vai fala, mas João Pequeno não sabe Biomecânica, não sabe fisiologia..., mas ele sabe, ele sabe pra aquela necessidade de capoeira que ele tem no dia-dia, então ele tem esse conhecimento, mas não explicito, isto já ta embutido dentro da forma de ele ser capoeira, e é difícil da gente entender isso, porque esse conhecimento mais científico, é uma disputa de técnica, né? Porque a teoria, é hoje pelos filósofos da matemática lá, se transformou em técnica, então é uma disputa de valores, de técnicas, se a minha técnica que prevaleceu ou se é a do sujeito que ta lá trabalhando e não tem conhecimento em educação física. Então, a técnica dele não é equivocada também, ele tem a técnica dele, que é diferente da acadêmica, precisa ser respeitada. Então, quando você me pergunta “O que representa a capoeira na Educação Física?”, até esta discussão toda aí, eu tinha o entendimento de que a capoeira tinha que tá..., eu ainda continuo com isso e João Pequeno fala sobre isso..., a capoeira tem que ta em todos os meios, é importante que ela esteja na universidade, escolas, clubes, todo lugar possível ela tem o direito de ta como cultura brasileira, mas o que a gente pensa é o seguinte, a gente não pode atravessar as coisas, negar todo o conhecimento que foi estruturado no senso comum, pra dizer agora que não, que este conhecimento não serve mais, eu acho que isto é um grande erro, um equivoco. Então, tenho que a capoeira ajuda muito a educação física, agora não sei se a educação física tem ajudado muito a capoeira entendeu, do meu modo de ver não, o professor de educação física tem com a capoeira uma ferramenta muito forte de... Pra você fazer um trabalho numa escola, um trabalho social, psicológico, e... Então eu acho que a capoeira contribui muito com a educação física, e sou contra essa idéia que só o professor de educação física pode dar aula porque ela ta dentro da Educação física, ela poderia ta dentro da história, da geografia, enfim, todas as pessoas podem fazer capoeira, não só o professor de educação física, o médico, o advogado poderia, como tem inúmeros que são mestres de capoeira. É muito superficial e muito imediato, você chegar e falar assim: Olha, a capoeira só tem valor dentro da educação física. Não, não é isso, a capoeira tem o seu valor, tem sua técnica, que é construída dentro do conhecimento do senso comum, isto não pode ser desprestigiado ou menosprezado, dizendo que é maior ou menor que o conhecimento acadêmico, porque o conhecimento acadêmico tem falhas também, então, é todos eles tem falhas e tem benefícios também, e a gente tem que aproveitar esse conhecimento, então no

meu modo de ver antigamente, era integrar o professor de educação física com o mestre da comunidade, o professor de educação física tem que ir até a comunidade, ou então, pelo menos saber o que acontece com as crianças depois da aula de educação física, onde essas crianças vão. Então chamar esse mestre pra dentro, sempre foi minha idéia, essa idéia de conciliação entre o professor de educação física e o mestre de capoeira da comunidade. Mas aí como veio essa questão de bacharel, as coisas ficaram mais conturbadas ainda e ele até hoje não se definiu, o que que é um bacharel em educação física? É um cara pesquisador, um cara pratico, o que que ele é? Se ele é uma cara pratico, então ele vai precisar de uma formação mais pratica e eu acho que aí o bacharel não tá preparado. Por causa de novo, daquela questão da teoria e pratica, porque falta prática, falta mais conhecimento das disciplinas, pro cara sai daqui assim..., o que tem um mínimo de conhecimento de capoeira, né? Porque na capoeira, a gente da um nível de conhecimento muito básico, e pra ele se envolver mais com a capoeira é só ele indo nos projetos de extensão, fazendo trabalho com a comunidade, aí ele fica três, quatro anos aqui comigo, aí talvez... Como é o caso de um ou dois alunos que tenho, que saiu daqui com uma formação mais completa de capoeira. A grande massa passa e não adquire assim um conhecimento mais firme, que eles possam ta falando com a capoeira. Então eu acho que é uma forma da capoeira na educação física, ela serve pra ser veiculada, ser divulgada na escola, pra criança saber que existe capoeira, talvez tem escolas por aí que as crianças não tenham acesso á mestres de capoeira..., e o professor de educação física possa promover isto na escola, né? Mas sempre neste intuito de convivência pacifica, de cumplicidade, nunca de ta assim, falando, olha seu conhecimento é X o meu é Y, então nós temos divergências..., não, acho que não é por aí, porque na verdade não existe isso, um conhecimento que possa ser comparado, qual que é o melhor..., acho que é isso. – **Adan: Pro graduado, a disciplina capoeira seria mais uma ferramenta, então...?** – Isso, pro graduado é mais uma possibilidade que ele tem de educação através do esporte, que é mais fadada história da educação física, né? Porque a educação física é mais ou menos sinônimo de esporte... Infelizmente, né? Por que não é só isso que é educação física. Mas eu acho que falando de capoeira e levando ela pro esporte, ela é muito mais que isso, ela é uma convivência cultural, no caso da capoeira angola, ela nem é dita como esporte, a capoeira angola é uma cultura, desenvolvimento cultural, de educação, de saber e respeitar o valor do outro. Então eu acho que é mais ou menos assim, o professor de educação física tem o futebol, judô e tem a capoeira também, pra ele utilizar como estratégia e não como fim nela mesma, o esporte tem que ser uma estratégia pra desenvolver uma atividade social, educacional.

ENTREVISTA IV

Professor Neuber – 06/092007 – Salvador-BA

Dados gerais

Nome/Apelido: Neuber Leite

Idade: 33 anos Etnia: brasileiro, baiano, soteropolitano, capoeirista. Gênero: masculino

Em qual universidade/faculdade de Educação Física você ministra a disciplina capoeira e/ou afins?

R: Eu trabalho na UNEB (Universidade Estadual da Bahia) e na (FSBA) Faculdade Social da Bahia.

Há quanto tempo?

R: Há 3 anos

A disciplina é oferecida em caráter optativo ou obrigatório?

R: Nas duas universidades a disciplina é obrigatória. Aliás, em todas as universidades de educação física do estado da Bahia a capoeira é disciplina obrigatória.

Roteiro da entrevista

Adan: Como se caracteriza a disciplina capoeira, a relação teoria e prática? Comente:

Professor Neuber: A gente procura trabalhar dentro de uma perspectiva de trato com o conhecimento da capoeira, ou seja, como eu, futuro professor de educação física posso abordar pedagogicamente a capoeira na escola, num clube, numa academia, sem ser professor ou mestre de capoeira e sem ter a pretensão de desenvolver um trabalho ali pra formar algum mestre ou algum professor. Ou seja, dentro do conteúdo da educação física como eu posso abordar a capoeira dentro desta área de conhecimento chamada educação física. Então a gente parte de um pressuposto histórico, a gente trabalha muito esta questão da história, a gente trabalha com vivências, com mostra de vídeos, visitas institucionais, sempre a gente ta trazendo um mestre pra cá e fazendo o contrário também, levando os acadêmicos para as academias dos mestres e fazendo com que eles entendam que o objetivo da disciplina não é de transformar ninguém em mestre, mas sim, dar subsídios básicos para que eles possam fazer um projeto dentro das escolas, trabalhar o semestre com esta temática da capoeira e aí a gente trabalha muito nessa lógica de bastante vivências, mas sem perder nossa concepção do processo histórico, da criticidade, para que eles vivenciem, porque o que a gente observa é que muitos alunos se sentem inseguros porque não vivenciaram a capoeira e aí eles pensam que somente a partir da vivência é que eles podem fazer um trabalho de capoeira, o que eu necessariamente acho que não tem muito a vê. Se eu domino a forma, a metodologia, eu posso, mesmo não tendo um contato sistemático com a capoeira, desenvolver uma proposta pedagógica com a capoeira, por exemplo, dentro de uma escola, sem que eu seja mestre ou professor de capoeira. Agora o trabalho com capoeira no mundo da capoeira mesmo, nos grupos, nas associações é uma outra questão, aí é necessário mesmo que eu tenha o contato com a capoeira pra eu ser um capoeirista. *Relativa à relação teoria e prática...?* Eu não estou

enxergando aí esta dicotomização entre teoria e prática, a gente trabalha com a práxis revolucionária. Ou seja, como eu posso ter consciência do sentido e significado que esta manifestação da cultura baiana e brasileira pode ta me ajudando, por exemplo, no trato com o conhecimento da educação física na escola ou que sentido tem a capoeira na minha formação humana. Então a gente procura trabalhar nesta linha aí, ou seja, a gente trabalha com os vídeos, com as vivências, com as técnicas, mas sem dicotomizar teoria e prática e sem ta preocupado com a cobrança exagerada das técnicas, dos movimentos. ***Em relação às avaliações, como são desenvolvidas?*** Recentemente nós fizemos uma avaliação que eu achei muito interesse, teve um retorno muito legal, que foi a produção de vídeos de capoeira, ao final da disciplina, depois de várias experiências, discussões, debates e visitas, a turma dividida em grupos, produziu vídeos sobre a capoeira e a temática solicitada foi “Mestres de capoeira, doutores do saber”. Então cada grupo escolheu um mestre de capoeira e fez um vídeo sobre este mestre de capoeira pra nossa avaliação. Ou seja, a gente ta entendendo aí que esta avaliação é um processo e não apenas um exame e que tem que ser uma produção, uma produção dos alunos e não uma mera reprodução. Então foram eles que produziram tudo, eles foram lá entrevistaram, filmaram, tiraram fotos e editaram o filme, a gente procura trabalhar nesta perspectiva. Este ano, a gente ta querendo fazer um grande evento pra discutir a capoeira e eu estou até pensando em juntar com o professor Vitor, que também trabalha a capoeira aqui, porque a gente ta na fase de mudança de currículo e então temos duas disciplinas capoeira ocorrendo neste momento. Então estamos pensando em fazer um grande evento de capoeira, para discutir a capoeira e a partir deste evento a gente fazer um relatório e começa a dialogar com as instituições responsáveis porque tem alguns problemas que a gente ta vendo aí que precisam ser discutidos e precisam ser levados em conta. ***Você diz em relação à universidade ou aos grupos de capoeira?*** Em relação à capoeira como um todo, por exemplo, a questão do sistema CREF/CONFED, né? então a gente precisa dialogar sobre esta problemática, apesar da gente já vir aí... Eu faço parte do MNCR (movimento nacional conta regulamentação da educação física), então a gente já vem desde 1999, quando a gente fundou o movimento lá em Recife, no ENEEF, a gente vem chamando a atenção dos capoeiristas para discutir, a gente precisa discutir mais... E, uma consequência nefasta que vem desta problemática que é a regulamentação da profissão do capoeirista, inclusive eu trato isto no meu trabalho, num capítulo denominado “trocando seis por meia dúzia: a profissionalização da capoeira”, chamando a atenção da capoeira pra esta problemática. Ou seja, se a gente não quer ser regulamentado pela educação física, porque que a gente vai querer regulamentar a capoeira e aí eu to entendendo que isto é trocar seis por meia dúzia. Eu vejo que existem outras formas de se organizar que não seja na estrutura de um conselho, de uma profissionalização. Eu to entendendo que a capoeira perde muito se isso realmente vier se concretizar. ***E você aborda esta temática nas aulas?*** Com certeza. A gente trabalha com os problemas históricos e contemporâneos da capoeira. Então a gente aborda esta problemática do sistema CREF/CONFED, agente aborda a problemática da capoeira na escola, como é esta capoeira na escola? Quem deve ensinar capoeira na escola? A capoeira deve esta na escola? Então a gente levanta vários questionamentos se abre a discussão com os acadêmicos e a gente que ampliar esta discussão pro mundo da capoeira, ou seja, a gente quer quebra essa distancia da Academia para a cultura popular e a gente quer aproximar mais estes dois conhecimentos para que não haja esta... Tem uma briga que existe aí, né? uma discriminação entre o saber acadêmico e o saber popular e agente tem que acabar com isto.

Adan: Jogava capoeira antes de ser professor universitário desta disciplina? Comente sua história:

Professor Neuber: O que me levou fazer minha graduação em Educação Física foi exatamente a capoeira. Vai fazer vinte anos que tenho contato com a capoeira e quando eu estava terminando meu ensino médio eu não tinha uma opção pra fazer o vestibular e

exatamente neste momento que a capoeira influencia na minha escolha em educação física. Eu tinha naquela época aquela concepção de fazer exercício físico, a questão do corpo, pensando que a educação física era somente isso e eu pensei já que eu faço capoeira, tem mais a ver com a educação física, então eu vou optar em fazer educação física. E aí, entro no curso de graduação da UFBA por causa da capoeira, passo no vestibular e começo aí minha caminhada na área da educação física sempre fazendo nexos e relacionando o que eu estava estudando com a questão da capoeira. Em seguida vou para especialização, também levando a temática da capoeira comigo e na atualidade acabei de defender um mestrado intitulado “Capoeira, trabalho e educação”. *Certo, e o que te levou pra capoeira?* Bom, a capoeira foi uma coisa que eu sempre gostei, observava a capoeira, ficava olhando aquele som do berimbau, a dinâmica da roda sempre me chamou a atenção. E, a partir do momento que eu tive a primeira oportunidade, eu sempre ficava brincando de capoeira na rua com os colegas, e a partir do momento que eu tive esta oportunidade de freqüentar um grupo, de entrar num local específico mesmo de treinar a capoeira eu aproveitei e não sai até hoje. *E você vem de que linhagem de capoeira?* Minha árvore genealógica é do Bimba, meu mestre é Ministro que foi aluno de Dedé, que foi aluno de Medicina, que foi aluno de Suassuna e Suassuna treinou com Bimba. Mas eu não trato a capoeira a partir desta dicotomia de Angola e Regional... Se você me pergunta o que é que eu faço, vou dizer que é capoeira, e o que o berimbau toca eu jogo. Agora, reconhecendo que existem códigos, que existem códigos aí... Não existe só uma angola também, existem várias angolas, assim como não existe só uma regional, existem várias regionais. Se você for olhar a angola de Pastinha não é igual à de caiçara e muito menos a de Canjiquinha, mas todos eles se diziam angoleiros.

Adan: Além de ministrar a disciplina capoeira em curso superior de Educação Física, você trabalha com a capoeira em outros lugares? Comente:

Professor Neuber: Atualmente não. Porque com a minha entrada no mestrado eu não consegui conciliar e aí tive que para com os meus treinos. Eu já tinha parado de dar aulas e aí tive que para os treinos porque no momento que entro no mestrado eu já havia parado de dar aulas de capoeira e estava só treinando, participando dos eventos, das rodas e quando entrei no mestrado não consegui dar conta dos treinos também e nesta época eu estava ajudando meu mestre que a gente tem um trabalho de inserção da capoeira lá na comunidade Cabula VI, que é um bairro daqui de Salvador e que a gente tava desenvolvendo um trabalho com capoeira com os meninos que estavam catando lixo, a gente percebeu que tinha muito menino catando lixo no bairro e aí a gente fez um projeto através da capoeira, fazendo com que este menino saia daquela função, fosse pra capoeira e voltasse pra escola. Então eu estava ajudando ele neste projeto só que devido às atividades profissionais, pesquisa e estudo eu fiquei sem tempo e agora é só ele que lá no projeto com o grupo “Camaradas do grupo”. Então atualmente eu nem estou treinando, nem dando aulas de capoeira.

Adan: Enquanto disciplina dos cursos superiores de Educação Física, o que a capoeira representa para você?

Professor Neuber: o objetivo principal e fundamental que é o que eu sempre discuto, não só na disciplina capoeira, mas nas outras disciplinas que eu trabalho, é que a educação física no Brasil ela está pautada muito em cima de outras culturas. Então a gente vê hoje nas aulas de educação física a monocultura do esporte e aí que tipo de esporte é este? É o Vôlei, é o Basquete, é o Handebol e o Futsal. Então temos o esporte europeu, temos o norte-americano e o sul-americano e aí tem a briga do Futsal pra ver se foi no Uruguai ou se foi aqui no Brasil..., mas enfim, existe uma hegemonia de uma cultura corporal exportada enquanto a nossa cultura

corporal é excluída da escola. Então a capoeira ela vem com uma importância muito grande, porque ela vem como manifestação de nossa cultura e faz parte dos conteúdos da educação física, ou seja, é uma cultura corporal e que precisa ser trabalhada na escola como forma de manutenção desta cultura, como forma de você se reconhecer, porque se você olhar o histórico da capoeira na Bahia e no Brasil, a gente vai perceber que a capoeira está imbricada no nosso processo de construção cultural deste país. Então, é até uma forma de você trabalhar a auto-estima desses estudantes enquanto afro-descendentes, enquanto brasileiros, baianos, e ao mesmo tempo você trabalha e dá valor a uma coisa que é nossa. E o que a gente tem percebido é que a capoeira está no mundo todo e os europeus, norte-americanos, enfim, as pessoas que não vivem no Brasil, elas dão mais valor do que a gente aqui e não levar muito tempo a gente vai perder isto aí, como aconteceu com o Jiu-jitsu, né? Ele surge num determinado local, mas hoje é conhecido mundialmente o jiu-jitsu brasileiro, ou seja: - o jiu-jitsu surgiu aonde? Ah! Nasceu em tal lugar, mas pra você aprender o jiu-jitsu bom mesmo tem que ir no Brasil. E isto pode acontecer com a capoeira, só ser uma lembrança: - Não, Não, no Brasil surgiu a capoeira, mas hoje você tem que ir na Nova Zelândia aprender capoeira. Então isto pode acontecer com a capoeira se a gente não tomar cuidado, se a gente não repensar esta valorização. Eu acho que a gente tá tendo um avanço, pouco, bastante letárgico, mas tá tendo um avanço aí, este governo com o novo ministro aí tá fazendo algumas ações, pontuais, mas a gente tem que reconhecer que existe aí um avanço, nós temos vários projetos, nós temos o encaminhamento da instituição sobre esta questão da capoeira e temos também vários embates, como por exemplo, esta problemática de querer transformar a capoeira num esporte de alto rendimento, eu acho um equívoco muito grande também, mas tá tendo uma pressão muito grande da CBC, das confederações, mas a gente tem abrir pro debate, tem que discutir e tentar reverter esta problemática. Mas enfim, o principal objetivo, o principal foco, a importância da capoeira estar no currículo é esta questão da cultura corporal brasileira, ou seja, onde é que está a cultura corporal brasileira nas aulas de educação física nas escolas? Onde é que está as danças indígenas, os jogos indígenas? Ou seja, se a gente procurar hoje, a gente vai ter dificuldade em encontrar um professor em educação física que consiga fazer uma abordagem desta numa escola. A mesma coisa com a cultura afro-brasileira, porém quando encontra é capoeira, mas a gente tem dificuldade em encontrar um samba de roda, por exemplo, um Maculelê, uma Puxada de rede é difícil. Até as pessoas bem ligadas à cultura é difícil, a dificuldade em sistematizar este conhecimento em uma aula de educação física. Então como é que eu trato pedagogicamente a Puxada de rede numa aula de educação física, que é uma manifestação da nossa cultura, como eu trato o samba, a mesma coisa, como é que eu trato a capoeira? Então ao em vez de a gente ficar só trabalhando na monocultura do esporte e, pior ainda, num esporte de alto rendimento e a partir destas quatro modalidades que eu falei – vôlei, futebol, futsal e basquete – por que a gente não trabalhar também a capoeira, o samba, o Maculelê, os jogos indígenas que faz parte da cultura corporal da gente. Eu acho que é isto daí, a importância maior é esta questão. E a outra é porque faz parte de nossa cultura e justamente por a gente tá trabalhando com a questão da cultura corporal é importante que a gente traz, não só a capoeira, mas outros conteúdos da cultura corporal. E a capoeira talvez, seja está desbravadora, desbravando aí pra outras possibilidades.

ENTREVISTA V

Professor Vitor – 6/09/2007 – Salvador-BA

Dados gerais

Nome/Apelido: Luiz Vitor Castro Jr. / Vitor de João Pequeno

Idade: 40 anos Etnia: mestiço, pardo (segundo o Senso) Gênero: masculino

Questionário

Em qual universidade/faculdade de Educação Física você ministra a disciplina capoeira e/ou afins?

R: Eu trabalho na UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana) e na (FSBA) Faculdade Social da Bahia.

Há quanto tempo?

R: Minha primeira experiência foi em 1994, como professor substituto na UFBA e em seguida fui pra universidade Federal de Feira e agora também na FSCA. Então faz uns 10 anos.

A disciplina é oferecida em caráter optativo ou obrigatório?

R: É obrigatória, mas na universidade de Feira de Santana, nós fizemos uma disciplina chamada estudos culturais e a disciplina capoeira como optativa.

Adan: Como se caracteriza a disciplina capoeira, a relação teoria e prática? Comente:

Professor Vitor: Bom, a gente tem que pensar a capoeira no curso de formação, pensando na formação como um todo. A gente não pode pensar a capoeira solta da proposta curricular como um todo, porque a gente fica pensando numa visão muito romântica em que a capoeira em si vai resolver algum problema de determinadas coisas que o currículo não dá conta. Então a gente tem que pensar aqui que a capoeira tem uma contribuição na formação de uma maneira mais geral. Agora, quando a gente vai estudar o currículo, a gente vê um currículo construído ainda, muito em cima de um modelo de produção do conhecimento numa visão muito européia e norte-americana. Então base de formação aqui na Academia atende muito esse viés, este paradigma. Talvez, eu penso isso, né? que a grande contribuição da capoeira seja que ela de uma concepção mais africana de se trabalhar com o corpo. Como é que esses elementos da cultura afro-brasileira podem contribuir na formação desses alunos da graduação. Por que a história é a seguinte, não é que seja melhor, nem pior que o europeu, mas é diferente. Só que nossa formação só vemos a relação com a Europa e com os Estados Unidos. A gente não tem contato pra falar de uma outra referência, a gente ainda nem conhece, estamos descobrindo o continente africano. Então, por exemplo, uma cidade como Salvador, num estado como a Bahia, esta disciplina é, sobretudo pra discutir sobre a cidade de Salvador, né? os processos de formação da cidade, do surgimento da capoeira, de porque esta capoeira é importante, não pelo simples fato de jogar, de fazer os movimentos, mas como ela tem essa potencia de representar simbolicamente este Estado e especificamente a cidade de Salvador. Então a gente tenta trazer estes aspectos, hoje o pessoal discute muito sobre esta questão das identidades culturais, mas a discussão da identidade mais fluida, não aquela identidade mais fechada que foi pensada no governo Vargas. Então trazer estes conhecimentos

da cultura popular, trazer enquanto uma forma de conhecimento que trabalha muito esta coisa do corpo, da intuição, do mito, da poesia, do imaginário... Vou dar um exemplo básico da minha disciplina..., minha prova é um conto, cria um conto. Na minha prova eu não pergunto o que é uma meia lua, um rabo de arraia não, eu quero saber como é que eles constroem, elaboram um pensamento muito próximo de como estes mestres lhe dão com o cotidiano, que é através do mito, da fantasia, né? e isto não quer dizer que ele seja melhor ou pior, mas é uma forma de produção do conhecimento. Pra mim, um aluno que faz uma ladainha, que sabe canta, sabe cria, ele tem uma... Eu tento ser mais fiel com esses elementos estéticos na avaliação. Na segunda avaliação a gente faz uma produção de uma mídia, que ele tem a liberdade de escolher um grupo que queiram pesquisar e, esta mídia pode ser um vídeo documentário, vídeo clipe, que é uma produção deles. E, ao mesmo tempo que ele produz um DVD, ele faz uma cópia e deixa com o grupo que ele escolheu e a gente tem tido assim respostas bem interessantes, porque tem um produto, uma marca final, né? Então, por exemplo, quando eu fiz capoeira na universidade a gente era avaliado muito taticamente, eu vim de duas experiências, na universidade católica também, nestas disciplinas a gente tinha que saber determinados movimentos e a gente desmonta um pouco isso, né? Claro que é um curso de muita vivência, de convidados, mas a gente procura organizar o curso pra este viés.

Aproveitando o caminho que esta traçando, queria saber como você lida com a teoria e a prática em sua disciplina? Bom, esta coisa da teoria e da prática, eu dou como sugestão de leitura, eu particularmente não sou um professor que cobra muito esta coisa da leitura, eu deixo muito aberto, vou dando as pistas, deixo o material no xérox e tal e em todas as aulas a gente ta sempre discutindo e eu trago muita coisa sobre estas produções, por exemplo, sobre a história desses mestres, discutimos, fazemos vivências, trago teses, enfim, procuro trazer o que tem de mais novo de produções da capoeira, para que eles percebam de que a capoeira ta sendo trabalhada por este conhecimento. Então eu acho que esta relação teoria e pratica é intensa, pra mim não é uma dificuldade de estabelecer isto, que o pessoal chama de práxis. Mas acho que não podemos perder de vista hoje é o “de vir”, a capoeira ficou muito robotizada, cheia de seqüências e acho que isto impede o desenvolvimento do inesperado, do espontâneo, então eu acho que esta questão da teoria e prática não é mais um desafio pra mim nem pra estes meninos que pude acompanhar nos estágios, onde a escola parou pra ver o samba de roda, a capoeira. Agora, por quê? Porque a questão hegemônica na educação física é o esporte. Os alunos só pensam em esporte. Ontem eu estava trabalhando com ginástica e nós falamos da metodologia do circuito e nós estávamos falando em como trabalhar o circuito como recurso pedagógico e nós estávamos trazendo vários exemplos de como o aluno só consegue escrever sobre o circuito relacionado à iniciação no esporte. Pois é, como você já está construído para o conteúdo esporte, você não consegue nem estabelecer um circuito pra outras possibilidades. Eu nem estou falando da capoeira, eu to falando de quaisquer outras coisas, de jogos da cultura popular e etc e tal. Porque isso ainda é muito forte no curso de graduação, esta força da educação física com o esporte e não é que a gente tenha que nega não, mas a gente tem que sabe equilibrar este desporto.

E quando você trabalha a capoeira, você prioriza o ensino da capoeira angola? Não, não. Eu não faço isso. Até porque não dá, eu tenho a opção de ser angoleiro, mas eu não posso negar o conhecimento. Interessante que na turma tem tanto professor de capoeira como gente que não sabe capoeira. Então, por exemplo, estou com uma turma na hora da vivência, pra estes caras aprenderem Rabo de arraia, meia lua de frente, não tem muito sentido e significado. Então quando tenho na turma algum menino que já traz uma experiência, eu coloco ele neste processo de ensino, faz parte comigo, pra gente discutir como é que ele aprendeu com o mestre dele. Então, pra ensinar meia lua de frente, eu começo depois eu chamo algum que já foi capoeira e pergunto como ele aprendeu com seu mestre, seu professor... E aí eles passam de uma posição só do fazer e enriquece aula, gera mais discussão, gera mais conflito e a aula é boa quando gera conflito,

né? Um desdobramento disso aqui é quando você pega, por exemplo, um menino que é crente e ele diz: O professor isso tem a ver com o candomblé. E eu digo tem e não tem. E aí você acaba sempre tendo um atrativo pedagógico e são questões que geralmente a faculdade não discute. Na faculdade a gente não discute sobre a questão do racismo, do preconceito, da discriminação e é isto que aflora na disciplina. Na disciplina flora justamente isso aqui. Quando eles fazem os contos, eles vão trazer estes elementos que geralmente são elementos que... A formação acadêmica está preocupada mais com o saber científico, a gente tenta priorizar estes aspectos dentro da formação. Porque estes aspectos é que eles vão estar se defrontando no dia-a-dia. Então vamos pegar o caso aqui, que a menina... A gente mandou o trabalho agora, porque ela escreveu na monografia dela sobre a musicalidade na capoeira. Então ela no conto dela, escreve uma coisa interessante, que foi realidade, ela vem de uma classe média e tal, menina do balé, com poder aquisitivo bom e, o irmão vai praticar capoeira e ela sempre o acompanhava. Quando chega num determinado momento ela se apaixona pelo mestre da capoeira. Até que ela resolve casa e a família não aceita. Aí, ela sai de casa, vai morar num bairro chamado Alto das pombas e vive com o mestre de capoeira, né? E hoje, é a luta da família pra reconquistar ela. Você vê que são coisas que não são só na novela, são coisas que... Então a gente traz estes elementos pra gente discutir, como é que se deu a formação da família na sociedade brasileira? Então, na verdade, a capoeira tem uma parte que a gente tenta segurar, que é uma parte que a gente considerada importante, mas o outro desdobramento da disciplina, a gente não tem como dizer, cada semestre é uma coisa nova, e isto é bom para o professor, porque a gente não vê sempre a mesma coisa e é bom porque os alunos criam as coisas dele. ***E em relação a questões sobre, por exemplo, o Conselho de Educação física, você trabalha na disciplina?*** Eu particularmente não forço muito esta discussão, eu deixo surgir, mas bate sempre. Não tem uma aula específica, mas, por exemplo, quando a gente ta falando sobre formação, por exemplo, esta passagem da capoeira da rua para o recinto fechado, o processo que foi a academia do Bimba, do Pastinha... Essa nova forma de fazer a formação do capoeirista, que era diferente no século XX e XIX, isto vai começar a rebater, vai começar a vê quando vamos falar do processo de institucionalização da capoeira. Porque quando você vai pega o Inezil Penna Marinho pra ver porque que ele falava do método Ginástico brasileiro, aí você já começa a perceber. Quando você vê na década de sessenta que a capoeira tenta se regulamentar enquanto esporte, isso já vai trazendo elementos que vai culminar na relação de poder do sistema CREF/CONFED. Porque na década de sessenta a capoeira chega a se regulamentar através do esporte e tal... Claro que isto não vingou, não deu certo. Mas por uma iniciativa naquele momento de querer organizar a capoeira, né? neste sentido. Então isto vai bater por quê? Porque eles têm uma formação e de repente vem um Conselho que quer arbitrar, controlar uma situação que historicamente se deu de forma diferenciada. Porque nós temos que olhar pra história. Você não pode olhar pro advogado, ver que eles têm conselho e achar que isto vai dar certo pra capoeira. São matrizes diferentes, formas de conhecimento diferentes, é trajetória histórica diferenciada. Mesma coisa a medicina. A própria medicina como o Direito tem suas diferenças e aí você volta, tira a capoeira agora, bota o professor de educação física, vai ser de forma diferenciada. E o argumento que eles utilizam geralmente é porque a medicina, o direito tem conselho, como se eles pudessem ser referencia pra gente. Não pode, porque o médico e o advogado, eles passam... Se você for estudar a historia dos profissionais liberais no Brasil, vai se dar em outra configuração. O sistema de professor de educação física é de licenciatura, do ensino. A educação física surge a partir do momento em que ela torna-se obrigatória. Então o que vai reger a profissão do professor é o magistério. Quando você fala magistério é diferente do profissional liberal. Então quando eles utilizam este argumento, você vai ver que não serve pra nossa realidade, e como eles têm dificuldade em olhar pra história aí, esta justificativa que o pessoal coloca para a história, eles não aceitam. Então você vai ver que é uma forma mesmo

de controle. Agora, eu não tenho conteúdo assim, ah eu vou dar uma aula sobre o sistema CREF/CONFEEF... Quem gosta disso é Neuber, mesmo porque a monografia dele é sobre isto..., mas isto vai surgir, vai bater na disciplina.

Adan: Jogava capoeira antes de ser professor universitário desta disciplina? Comente sua história:

Professor Vitor: Na verdade eu já tinha um certo contato com outros tipos de luta. Já tinha feito o Hapi Kido com Lee e quando eu morava em Santo Antonio não existia capoeira, né? Porque eu nasci e me criei no bairro em que eu pratico capoeira, né? Mas lá era o Forte Santo Antonio. Mas depois que me mudei de lá e com a saída da Casa de Detenção e a abertura de um Centro de cultura popular em 1982 eu não conhecia ainda, né? Mas pelo intermédio de Bira um amigo médico que começou treinar a capoeira em função da irmã em 85, 86, ele me levou uma vez pra me mostra a capoeira, se sabe que a gente vai muito pra aprende este negócio de se defender, mas depois, quando você vai participando do processo e do universo da capoeira, você começa ter uma outra dimensão que não é aquela que lhe motivou a praticar. Aí eu cheguei na academia de Mestre João pequeno, no ano de 86, embora só fui registrado um tempo depois porque a gente preferia pagar diretamente ao mestre do que as pessoas que estavam lá, então o registro é um pouco depois. Aí este tempo todo eu fiquei fazendo esta coisa de capoeira e ao mesmo tempo eu fiz o magistério em educação física, porque quando eu entrei na faculdade eu já dava aulas na educação física infantil e de vez em quando eu utilizava a capoeira. Então, eu já vinha com esta bagagem de trabalhar capoeira pra criança, na escola, em função da formação que eu tive no ICEA. Porque antigamente você tinha um curso de educação física em nível médio, aí tinha o Siverino com o desporto e o ICEA com o magistério em educação física. Quando eu saí de lá, eu já trabalhava de primeira a quarta série e eu já conhecia vários caras que trabalhavam com crianças, por exemplo, Dalton, nós trabalhamos juntos, eu trabalhava com educação física, trabalhava com capoeira, trabalhei na Educarte, na Papitoco... Então são escolas que quando não tinha eu pegava e trabalha com coisas relacionadas à capoeira, então trouxe sempre esta aproximação. Lá no ICEA mesmo eu procurei fazer meus trabalhos relacionados com a capoeira. Quando eu cheguei na UFBA, como aluno, minha monografia foi “Capoeira e educação: da ação para reflexão”. Eu achava que a capoeira era muita ação, muita pratica e naquele momento eu já começava a pensar, a refletir mais. Isto é interessante, porque você vai ver que os eventos de capoeira mudam um pouco estes princípios, porque a capoeira era só roda, jogo e não havia momentos em que as pessoas paravam para pensar um pouco sobre o que estavam praticando, o que estavam fazendo. Então eu faço minha monografia tentando fazer uma discussão sobre isto, né? a importância de ta refletindo um pouco sobre o que a gente pratica. ***Você vem então da capoeira angola, mas você já vivenciou outro estilo?*** Não, o que eu vivenciei foi justamente nestes contatos na faculdade, né? meu contato com Itapoá, com mestre Hélio, meu contato com o que eu via ali, mas meu contato a princípio era com a capoeira angola. Mas você veja que embora você vai pra jogar, você esta sempre sendo alimentado com aquelas discussões, debates, né? Porque a gente sabe que embora você possa falar que é angoleiro, cada vez mais é um território fluído, né? Hoje você vai ver que na roda de João pequeno tem um pocado de gente da regional e isto facilitou muito, até porque o espaço de João Pequeno não é um espaço fechado, como determinados espaço que você só pode jogar como capoeira angola, pelo contrário... E, nesta época João foi muito criticado por determinados grupos de capoeira angola, porque ele abria, porque João foi o cara que permitiu o dialogo com o diferente, mesmo que as vezes não acontecesse este dialogo. Mas ele correu este risco de abrir. E hoje muitas pessoas conhecem a capoeira angola, por causa dele e de João grande, que saíram jogando, falando e a academia de João Pequeno refletia isto. Pra você ter uma idéia, a

roda de domingo, a vadiação, era uma roda de vinha um cara da liberdade, como vinha um cara lá de Itapoã pra joga e todo mundo jogava e ele não tava preocupado se era mestre de lá ou de lá, se era angola ou regional, você ia lá pra jogar capoeira. E, nesta época, em 80, isto não era permitido pra alguns grupos de capoeira angola, eram grupos fechados, isto não quer dizer que não eram organizados, tinham até metas políticas mais definidas. A gente não tinha isso, não era a preocupação de João na época. A preocupação de João era coisa mesmo de missionário, de dizer esta capoeira tem que se abrir, João vai quebrar um pouco do que talvez, isto é uma hipótese minha, mas com a academia de Pastinha, que era mais ortodoxa, de fechar, aquela loucura de organizar a capoeira, né? e João vai dizer que este Centro aqui é uma coisa mais aberta, não que ele rompa com Pastinha, pois ele tem uma gratidão e tudo, mas ele vai fazer da maneira que ele acha que tem que ser.

Adan: Além de ministrar a disciplina capoeira em curso superior de Educação Física, você trabalha com a capoeira em outros lugares? Comente:

Professor Vitor: Já trabalhei, agora não trabalho mais. Eu trabalhava em escolas, em projetos sociais, trabalhei no colégio Oficina, na cooperativa do banco do Brasil. Porque hoje, acha que minha contribuição seja muito mais de abri caminhos, nessa coisa de produção do conhecimento, Pedrão já está aí com muita gente ele já vim aí querendo discutir a capoeira. Eu acho que como a Bahia tem um status da capoeira e tal..., eu acho que seria interessante também que ela tenha esse caminho, né? As pessoas que queiram pesquisar capoeira..., porque nós temos hoje o espaço Jair Moura, que Fred coordena e o MEL lá na UFBA com Pedrão que são espaços de pesquisa e tal.

Adan: Enquanto disciplina dos cursos superiores de Educação Física, o que a capoeira representa para você?

Professor Vitor: Vejo que o grande significado, a grande importância, dentre várias, né? é de aproximar mais este currículo de nossa realidade, acho que isto a capoeira faz muito bem. Às vezes as pessoas pensam o currículo prescrito, mas às vezes o oculto funciona até mais que o prescrito, né? A gente não tem dificuldade em falar de trabalho social... (telefone). Então eu acho que é justamente isto, a contribuição da capoeira em apresentar um fazer diferente, um modo de trabalhar, de lidar com o corpo diferente, acho que esta concepção de trabalho do corpo, o modo africano, a maneira indígena é muito semelhante, a gente prioriza muito esta coisa..., mas você vai dizer que a cada o momento a cultura ta cada vez mais híbrida, mas é claro, não podemos pensar numa autenticidade, mas é você pensar na singularidade, você descobrir que é diferente quando um mestre pega na mão do aluno pra ensinar ginga e depois vai discutir, se for necessário discutir. Então, este tipo de fazer pedagógico é diferente, é diferente quando eu chego aqui e explico pra você. Primeiro o professor explica e depois você faz, eu to revertendo à ordem, primeiro a gente faz e depois a gente... Entende? Isto é Paulo Freire, e por que que a escola ta falida e não... É porque não conseguimos fazer isto aqui oh... ação-reflexão-ação, isto aqui é Paulo Freire. Intuitivamente estes caras faziam isto, passavam da... Só que da forma deles, não precisa ser da nossa forma. Se você for perceber, através da memória que a gente tem pesquisado estes mestres mais antigos, como eles davam aula, é simples, mas tem essa diferença, que muitas vezes a gente não compreende, mas aí é preciso tempo, né? eu preciso trabalhar mais com eles, mas com o passar da disciplina eles vão entendendo. Porque eles vêm de uma disciplina do esporte que você tem que aprender o passe, a recepção, o arremesso e aí junta e vai jogar... Aqui não, aqui a gente começa na ginga e na segunda aula já começa ensaia a roda. Mas é a roda oficial? Claro que não, mas é uma roda possível, é uma roda deles. Aí você diz: Você da descaracterizando a capoeira? Não, eu

to construindo uma capoeira ainda com eles, eu to construindo o entendimento que eles têm de capoeira. Como é que a gente constrói este entendimento? È a gente colocando na lousa? Não, claro que isto pode e vai acontecer, mas eu não preciso ta falando isto toda hora pra ele chegar aqui não. Ele traz um conhecimento, ele sabe o que é uma roda de capoeira, talvez não saiba uma roda como a gente quer que ele pense que seja a roda, mas ele traz a capoeira dele. E você vai perceber, veio, que embora a gente tenha o cuidado de ensinar os golpes da capoeira, a gente não tem um propósito que eles fiquem fazendo fielmente, pelo contrario. Sabe por que isto? Porque quando eu vou bota o filme “Vadiação”, quando eu boto o filme “Dança de guerra” e o novo filme que encontramos agora na cinemateca, do mestre Pastinha jogando capoeira, vai desmontar tudo. Aquela forma que o professor quer que o aluno gingue com o pé assim, em forma de estrela de triângulo, né? e nós gingamos como se tivesse andando, eu faço vivencias até com outras músicas. Com músicas caribenhas, com diversos tipos de músicas, que é para ele sai dessa visão. Porque quando eles vão olha, eles “Olha lá professor, o cara ta pulando mais que... e o certo é ta com o pé todo no chão, porque senão toma rasteira”. E depende rapaz, a rasteira não é necessariamente porque você ta com o pé inteiro preso no chão não, depende, tem hora que é melhor nem ta com o pé no chão... Aí, a gente tenta desconstruir isto, e eu tenho utilizado muito, não utilizava, mas tenho utilizado muito, uma produção mais artística no final da disciplina em Feira, né? A gente fazia teatro, criavam uns teatros doido deles mesmo, né? e a capoeira aparecia. Agora, neste momento, estamos trabalhando mais com a coisa da imagem, porque a gente não pode desconsiderar este conhecimento que eles têm acesso na internet, eles produzem a mídia deles, e você precisa ver as mídias que ele produziram, vídeo clipe (...) e aí ele pega aquele documentário “Mandinga em Manhattan” que eu achei muito cansativo e eles transformam numa coisa de três, quatro minutos e fica uma coisa gostosa e você consegue ler e entender uma mensagem, associação da música com as imagens, com os cortes feito das imagens. Então eles fazem vídeo clipe e vídeo documentário. Teve um grupo aqui que fez um vídeo interessante que eles fizeram, como se fosse a trajetória da capoeira através da música. Então eles colocaram as musicas mais antigas para os mestres mais antigos aí termina com a música de Daniela Mercury e todo mundo dando salto e tal... Quer dizer, é a forma que ele leu a capoeira na realidade dele. E parte da realidade deles é esta, do virtual, da mídia e tal. Não necessariamente é uma leitura dos mestres feita lá da capoeira. Então esta disciplina talvez é também abrir um pouco, porque não tem só uma verdade aqui, né? Mas o cara que vai hoje navegar na internet, ele vai vê capoeira de todas as... E ele pega estas imagens, ressignifica estas imagens, cortam, colam, né? Então se para algumas disciplinas não servem o trabalho da internet, pra gente... Ave Maria... A gente pega isso aqui e joga no bolo. Até para desconstruir determinados conteúdos, conceitos que eles pegam na internet e aí depois a gente fala pra tomarem cuidado. Quando colocarem isto, sei de que fonte foi isto, mas não necessariamente isto aqui quer dizer isso aqui não. Então este é o processo. Agora, isto dá muito trabalho, por exemplo, tem uma aula que eu gosto muito de falar do programinha Move Maker. Ali, eles fazem a mídia deles só com fotos de internet..., mas agora é claro, tem uma coisa que a gente bota como critério que é qual o sentido e significado que você quer da pra coisa. Tem uma menina fazendo um trabalho só sobre a musicalidade na capoeira, pegando a música e jogando os textos pra ela tenta explicar pro observador o que seria a importância desta música dentro da capoeira, para o capoeirista. Então o nosso laboratório é este. Mas a gente sabe que não é assim em todas as faculdades. Isto é uma coisa minha, porque eu sou meio assim, gosto de criar estas coisas assim. Até conversei muito com Pedrão sobre esta proposta, fico até muito interessado, porque ele também trabalha com cinema, então a gente vê como é que a gente pode fazer isto. Agora entra a coisa da capoeira na escola, a gente discute muito, de como ele pode trabalhar a capoeira na comunidade e tal, vê porque que eles podem trabalhar a capoeira com um grupo de terceira idade, né? trazendo elementos novos para a terceira idade... É, você vai aqui um

capoeira desenvolvendo um trabalho de capoeira na SUDESBA só com terceira idade. Então a gente tenta ir aprendendo com estas experiências e trazendo estas coisas com o grupo, né? Que, por exemplo, às vezes você tem um aluno que só quer ser personal, e eu ainda brinco com ele dizendo: Rapaz, veja pra que que isto aqui serve lá para seu treinamento, porque você só dá um treinamento de mandar a menina correr e pegar peso, isto cansa rapaz. O treinador tem que pensar em diversidade, faz um treinamento utilizando os elementos da capoeira, entendeu? Pra gente é isto, né? Não tem aquela coisa, que muitas vezes a gente percebe, que o professor vai tomar o espaço..., a gente sabe disso plenamente, né? Mas a gente fez uma pesquisa e vimos que noventa por cento dos professores que trabalham com a capoeira na escola pública de Salvador já eram capoeiristas. Eles só vão trabalhar com a capoeira porque se sentem à vontade. Não tem como separar... Porque, por exemplo, nesta escola tem um professor que dá aula aqui, Sábida e ele não é professor de educação física. No colégio São Paulo, o mestre Boa gente, então nós temos vários colégios que tem professores e mestres de capoeira que não são professores de educação física. Agora tem uma coisa aí que precisa ser dita também. Neste sistema de magistério, pra você entrar na escola tem que ser por concurso público e aí não é um problema nosso necessariamente, não tem como resolver. É um problema que tem que ter uma ação mesmo, uma ação afirmativa destas comunidades de capoeira pra discutir... Eu cansei de falar pra estes mestres... Ah, porque o professor de educação física tá trabalhando capoeira na escola... Não vejo problema nenhum, não tenho nada contra isto e se acha melhor que seja um mestre de capoeira, não tem problema nenhum, a gente divide esta disciplina e vamos ver o que acontece aí. Porque desde quando eu entrei na capoeira eu vejo esta resposta. Que não pode. Que não sei o que. E somos cobrado o tempo todo. Agora, eu percebo que tem tido um avanço do que eu fiz, por exemplo, eu participei de um curso, por exemplo, que só vi capoeira regional, no dia da capoeira angola foi só um mestre e pronto e isto trazia muito conflito. Por exemplo, Cobrinha estudou na Católica, Jean estudou na Católica e se você perguntar a eles, eles vão dizer, foi um processo desgastante. Porque, aí é que tá, se o professor se coloca numa posição de que há uma capoeira certa... Porque se eu tenho um aluno angoleiro e outro regional, aí você faz esta confluência toda e o eu não posso dizer, por ser angoleiro, impor isto pros alunos, pelo contrario. Agora eu convido muita gente pra vir falar de capoeira regional, porque eu acho que falam com mais propriedade vamos dizer assim, além do contato, que enriquece a aula.

ENTREVISTA VI

Professor Pedro – 6/09/2007 – Salvador-BA

Dados gerais

Nome/Apelido: Pedro Rodolfo Junge Abbe

Idade: 45 anos

Etnia: Mestiço

Gênero: masculino

Em qual universidade/faculdade de Educação Física você ministra a disciplina capoeira e/ou afins?

R: Universidade Federal da Bahia/Faculdade de Educação

Há quanto tempo?

R: Há três anos, nos quais venho alternando a cada semestre com a professora Amélia.

A disciplina é oferecida em caráter optativo ou obrigatório?

R: Obrigatória para o curso de Educação Física e optativa para outros cursos.

Adan: Como se caracteriza a disciplina capoeira, a relação teoria e prática? Comente:

Professor Pedro: A gente procura trabalhar em vários aspectos. Primeiro assim, a questão da capoeira enquanto uma manifestação da cultura brasileira, da cultura popular brasileira, eu vinculo muito a capoeira com cultura popular, inclusive não sei se você conhece o livro que produzi e tal..., então a gente sempre procurar vincular a capoeira com a questão da cultura popular com um todo de uma forma mais ampla e depois situar a capoeira num contexto social, cultural, político e econômico do Brasil, historicizando, né? Como é que a capoeira surge, como se desenvolve no Brasil e tal... Passando por alguns estudos de alguns pesquisadores, a gente analisa alguns trabalhos, textos e pesquisas de outros pesquisadores sobre a capoeira, a gente procura trazer pra disciplina depoimentos de mestres, então a gente sempre ta trazendo como convidados alguns mestres e pessoas que trabalham com a capoeira, pra ta falando sobre a sua experiência... A gente tem atividades práticas também, né? Atividades de movimentos pra trabalhar um pouquinho mais a questão corporal da capoeira, tanto a capoeira regional quanto a capoeira angola, e procuramos fazer visitas em espaços que tem grupos de capoeira, então vai visita uma roda de capoeira em um grupo e outro, vai participar de um evento, uma atividade... Na intenção de que o aluno tenha mais experiências assim e não fique só na questão teórica e vivencie mais a capoeira. *Há um predomínio de algum estilo de capoeira nas visitas às rodas, enfim?* Não, a gente procura pedir sempre um relatório de visitas, né? Privilegiando tanto a angola quanto a regional. Em São Paulo é um pouco diferente, não é muito claro esta divisão, aqui é muito claro... Em São Paulo tem os grupos que são considerados Angola, mas tem muitos grupos que se consideram capoeira e aqui é muito mais marcado isto, né? É mais forte..., o único lugar do Brasil que eu acho que tem isto é na Bahia. Tem também os grupos que se consideram capoeira, não é nem uma coisa nem outra, mas ainda prevalece esta divisão dual, né? Se bem que a capoeira contemporânea vem ganhando espaço também aqui na Bahia, a chamada contemporânea, se é que dá pra dizer que existe contemporânea, também tenho minhas dúvidas se dá pra dizer que é um estilo de capoeira, é uma forma de entender a capoeira, de lhe dar com ela, mas não diria que capoeira contemporânea é um estilo de capoeira... Mas é uma questão um pouco complexa

esta, né? merece me aprofundar um pouco mais, porque eu não tenho muito claro também, não é uma posição definitiva minha. Mas eu procuro privilegiar a capoeira angola e regional... ***E como funciona a avaliação na sua disciplina?*** É, a gente procura trabalhar com vários instrumentos, eu não trabalho com provas..., prova não prova nada como já diz. A gente procura trabalhar com relatórios de visitas, relatórios de palestras que acontecem aqui. Trabalho com a produção de um artigo final, um tema livre, mas que fale sobre a capoeira, então as questões são desenvolvidas assim e, na avaliação do cotidiano mesmo, a participação do aluno, o compromisso com a disciplina..., uma avaliação mais subjetiva, né? ***E a relação teoria e prática na disciplina, como você trabalha?*** A gente procura proporcionar vários momentos na disciplina da vivência corporal, né? Mas entendendo a prática também como, por exemplo, você ir a campo e observar uma roda de capoeira acontecendo no espaço é uma vivência prática também, né? Então tem momentos de aprofundamento mais teórico, onde a gente procura se aprofundar em textos e tal, e momentos de vivências corporais como eu já disse e, momentos de interação, quando a gente vai fazer uma visita, vai fazer uma aula, por exemplo, na academia de João Pequeno, então os alunos fazem a aula como o pessoal dá a aula lá, a forma tradicional de dar aula, pra eles experimentarem e depois a gente volta pra cá e vê quais foram... É..., o que que a gente percebeu ali na forma de se trabalhar capoeira, o que que pode, no sentido de superar, né? Na questão de avançar um pouco o conhecimento na forma como a gente trabalha na Academia, aqui na universidade é diferente do grupo... Então a gente procura balancear um pouco a questão da teoria com a questão da vivência prática. ***E tem, em algum momento das aulas que você discute a questão CREF/CONFEEF, porque não é uma questão central, mas surgiu em outras entrevistas...*** Bom, é um tema polêmico e então vem à tona sempre, né? Então sempre este tema é discutido, né? Às vezes pela intervenção de algum palestrante que é convidado a dar aula e acaba tocando no assunto, às vezes por questões mais amplas e a gente acaba discutindo..., mas sempre este assunto vem à tona e a gente acaba abordando sim.

Adan: Jogava capoeira antes de ser professor universitário desta disciplina? Comente sua história:

Professor Pedro: Eu comecei a praticar capoeira em 1989 em São Paulo, eu sou de São Paulo e to aqui na Bahia desde 93. Então eu comecei a praticar capoeira por eu sempre me identificar com a cultura afro-brasileira, com o samba, com a capoeira, assim eu sempre gostei muito de capoeira, mesmo eu estando distante... Então eu comecei a praticar capoeira em São Paulo, com o Mestre Kinura, ele é baiano, mas esta em São Paulo, ele é capoeira Regional. E depois, quando venho pra Bahia em 93, eu me aproximo mais da capoeira, tive algumas experiências e em 95 eu comecei a praticar com o Mestre João Pequeno, capoeira Angola e desde esta época eu to até hoje lá, faço parte do grupo, sou formado dele e..., com o passar do tempo eu comecei a pesquisar mais sobre capoeira, como pesquisador senti a necessidade de pesquisar mais... (telefone). Então além de praticante eu senti a necessidade de conhecer, me aprofundar mais na capoeira e como eu já tava na universidade, tinha prestado concurso e tal eu comecei a investigar mais a capoeira, de forma mais criteriosa, mais formal, uma pesquisa acadêmica mesmo e tal e desde então a gente vem fazendo alguns trabalhos...

Adan: Além de ministrar a disciplina capoeira em curso superior de Educação Física, você trabalha com a capoeira em outros lugares? Comente:

Professor Pedro: Eu já trabalhei em projeto social envolvendo capoeira com comunidades aí, e a ACC desenvolve um trabalho com capoeira e eu coordeno junto com mestre Bola Sete, então eu pela universidade e o mestre pelo grupo dele. Então é uma parceira e a gente trabalha

com a comunidade da Gamboa e já tem o trabalho lá há dois semestres, já. Quer dizer tem relação com a universidade, mas o público alvo é a comunidade, as crianças da comunidade.

Adan: Enquanto disciplina dos cursos superiores de Educação Física, o que a capoeira representa para você?

Professor Pedro: Eu diria assim, a educação física é uma área do conhecimento que se propõe a trabalhar com a cultura corporal, né? Tem a cultura corporal como objeto de estudo. E não dá pra falar de cultura corporal neste país, se você não abordar a capoeira, eu acho que a capoeira é fundamental até para a gente entender um pouquinho mais como esta cultura corporal se desenvolve no Brasil, pela influencia direta do negro africano, uma influencia fundamental na construção desta cultura corporal no nosso país e a capoeira é talvez, a manifestação que expressa melhor isto, não só pela questão histórica que ela representa no processo civilizatório do Brasil, né? A capoeira como uma cultura mantida apesar de toda a violência que ela é submetida, a repressão... Ela conseguiu passar por tudo isto e hoje deixa de ser crime e passa para ser uma das mais... Trabalha na educação e tal, uma coisa que é enaltecida pelos seus... Então eu acho que por isso ela seja fundamental no curso de educação física. Agora eu acho fundamental também, como o avanço a introdução dos estudos da cultura afro-brasileira nos currículos das escolas de ensino fundamental, né? Eu acho que a capoeira ta neste bojo aí, então eu acho que todas as disciplinas, por exemplo, as áreas de conhecimento, teriam que ter a capoeira de alguma forma... Por ser uma atividade diversificada, multifacetada, então ela permite nexos, vínculos com várias áreas do conhecimento, com a música, com a literatura, com a história, com a antropologia, com a sociologia, com a saúde, com o teatro..., tanto que a capoeira é um tema que se você for fazer uma pesquisa das teses de doutorado, mestrado, a capoeira ela é enfocado em várias áreas do conhecimento. Então por ela ser multifacetada, ela não deve ser oferecida só para o campo da educação física não, mas para todos estes campos aí.

ANEXO III

PLANOS DE DISCIPLINA²⁵

25

Os planos de ensino foram encaminhados por e-mail ou como fotocópia. Assim, procuramos não fazer nenhuma alteração relativa ao modo como seus conteúdos estão descritos, bem como, quanto aos possíveis erros de ortografia.

PLANO DA DISCIPLINA CAPOEIRA I

Professor Jean/ instituição Faculdades Jorge Amado

CURSO: Licenciatura em Educação Física

DISCIPLINA: CAPOEIRA

CARGA HORÁRIA: 40H

EMENTA

Estudo das questões relacionadas à origem, a etimologia, ao desenvolvimento, aos fundamentos e o processo sócio-cultural da capoeira. Análise crítica e sua dialogicidade com a Educação Física e a Educação. Capoeira como fenômeno cultural e sua inserção no âmbito escolar.

OBJETIVO GERAL

Desenvolver estratégias pedagógicas utilizando a Capoeira como recurso de ensino-aprendizagem para formação em Educação Física Escolar.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar a prática da capoeira e seu ritual, como possibilidade pedagógica nas aulas de educação física escolar.
- Estabelecer uma interlocução entre o meio acadêmico e a comunidade de capoeira possibilitando o intercâmbio de saberes entre os acadêmicos e os antigos mestres.
- Estudar as possibilidades da capoeira no trato de públicos específicos: crianças, terceira idade e portadores de necessidade especiais.
- - Vivenciar a capoeira a partir da compreensão dos seus estilos de jogo (movimento), cantigas e instrumentos, enfocando a formação do licenciado em Educação Física.
- Promover a produção de artigos, mostras, seminários, palestras e outros com a participação de instituições afins e da comunidade em geral, no intuito de democratizar o acesso a toda produção acumulada durante a disciplina.

HABILIDADES

- Executar alguns movimentos básicos da capoeira Regional e Angola;
- - Tocar alguns instrumentos relacionados à Capoeira;
- - Utilizar as cantigas de Capoeira como recurso pedagógico em Educação Física.

COMPETÊNCIAS

- Ministrando uma aula de Educação Física, utilizando a Capoeira como recurso pedagógico;
- Reconhecer os diferentes estilos de capoeira e suas peculiaridades históricas;
- Atuar como agente de propagação da cultura e valores regionais, a partir da Educação Física.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Analisar a prática da capoeira e seu ritual, como possibilidade pedagógica nas aulas de educação física escolar.
- Estabelecer uma interlocução entre o meio acadêmico e a comunidade de capoeira possibilitando o intercâmbio de saberes entre os acadêmicos e os antigos mestres.
- Estudar as possibilidades da capoeira no trato de públicos específicos: crianças, terceira idade e portadores de necessidade especiais.
- Vivenciar a capoeira a partir da compreensão dos seus estilos de jogo (movimento), cantigas e instrumentos, enfocando a formação do licenciado em Educação Física.
- Promover a produção de artigos, mostras, seminários, palestras e outros com a participação de instituições afins e da comunidade em geral, no intuito de democratizar o acesso a toda produção acumulada durante a disciplina.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A estruturação metodológica terá como base a “práxis” no ensino da capoeira voltada para a formação do licenciado em Educação Física, ressaltando-se a necessidade da teorização da prática e da prática na teoria. Dessa forma, tentaremos a partir de um diálogo constante com os acadêmicos construir alternativas que garantam os objetivos propostos pela disciplina e possibilitem uma relação orgânica entre os saberes acadêmicos e das culturas populares.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

- Aulas teórico–práticas.
- Visitas e vivências em instituições de capoeira.
- Construção e execução de mostras, seminários e palestras.
- Construção e aplicação de micro-aulas em escolas da rede pública de ensino.

RECURSOS DIDÁTICOS

- Projetor
- DVD
- Vídeo
- Instrumentos da Capoeira

AValiação

Levando-se em consideração os limites estruturais e normativos da faculdade e que a disciplina seguirá uma perspectiva dialógica e interativa, que permitirá aos acadêmicos participarem efetivamente do projeto de construção da prática pedagógica, adotaremos uma proposta de avaliação pautada no desenvolvimento processual dos trabalhos e no constante diálogo com os conteúdos na busca de alternativas que superem desafios, garantam os objetivos e sirvam de suporte para a construção de uma Educação Física crítica, autônoma e criativa.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALMEIDA, Raimundo César Alves de. Bimba, Perfil do Mestre. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1982.

CAMPOS, Hélio (Mestre Xaréu). Capoeira na escola. 2ª edição. Salvador: UFBA, 1998.

FALCÃO, José Luís Cirqueira. A Escolarização da Capoeira. Brasília: ASEFE - Royal Court, 1996. 156 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

PASTINHA, Mestre. Capoeira Angola. 3ª Edição. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1988. 76p.

RÊGO, Waldeloir. Capoeira Angola: Um Ensaio Sócio-etnográfico. Salvador. Itapoã, 1968.

ARAÚJO, Paulo Coelho de. Abordagens Sócio-Antropológicas da Luta/Jogo da Capoeira. Porto: Maia. 1997. 365p. Série Estudos e Monografias.

AREIAS, Almir das. O que é Capoeira. São Paulo: Brasiliense, 1983. 113 p. (Coleção Primeiros Passos).

CAPOEIRA, Nestor. Capoeira: Os fundamentos da malícia. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record. 1996, p. 146 a 208.

PLANO DA DISCIPLINA CAPOEIRA

Professor “Oculto” / instituição “X”

CURSO: Licenciatura em Educação Física

DISCIPLINA: CAPOEIRA DESPORTIVA

CARGA HORÁRIA: 60h

EMENTA:

Origem e desenvolvimento da capoeira, aspectos filosóficos, antropológicos e educacionais – desportivos, música e instrumentos, seqüências, jogos, elaboração de eventos (formativos e lúdicos), aspectos técnicos e táticos, métodos de treinamento e regulamento técnico (competições e arbitragem).

OBJETIVOS GERAIS:

Proporcionar o desenvolvimento das habilidades intelectuais e bio-psico-sociais, através do curso teórico-prático da capoeira esporte, preparando os futuros, educandos para o exercício do seu mister.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Orientar futuros profissionais de Educação física para ministrar aulas de capoeira com alternativa de expressão corporal lúdica e a nível de iniciação desportiva de 1º e 2º grau e demais segmentos sociais;
- Possibilitar a participação dos futuros licenciados, nos eventos concernentes à capoeira como expressão corporal lúdica prazerosa. Capacitando-os para o dia a dia deste esporte;
- Proporcionar condições diversas para o desenvolvimento da capoeira motriz criando perspectiva nos alunos para que futuramente como profissionais ocupem o espaço que a capoeira oferece nas suas várias vertentes;
- Evidenciar a participação do docente, transmitindo segurança para realização das ações motora, favorecendo auto-confiança e a integração social;
- Evidenciar conhecimentos históricos, culturais, lúdicos, físicos, esportivos e sobretudo como nova opção pratica de expressão corporal prazerosa, pôr meio da capoeira. Permitindo ao aluno um conhecimento teórico - prático;
- Estimular a criatividade, evitando a dependência dos acadêmicos em relação ao professor – Mestre em decorrência dos modelos pôr ele fornecidos;

- Cultivar maior intercâmbio com outras instituições de ensino nacionais e internacionais, mestres, capoeiristas, e outros segmentos da sociedade, com os futuros educadores, pôr meio de palestras, entrevistas, seminários, batizados, rodas de capoeira, debates, etc;
- Apresentar uma metodologia inovadora e simples aplicado a capoeira;
- Despertar o interesse pela pesquisa da capoeira evidenciando seus aspectos histórico, filosófico, cultural, psico-social e esportivo;
- Despreconceituar a idéia e os pensamentos negativos sobre a capoeira tornando-os simplesmente como mitos do passado.

METODOLOGIA DA AÇÃO:

A disciplina capoeira desportiva será aplicada em processo que atenda os princípios metodológicos do controle da mente e do corpo de acordo com os seguintes princípios:

- Orientada pôr comando;
- Orientada pôr atividades de classe e extra-classe;
- Democrática, espontânea, individualizada e em grupo;
- Aulas expositivas com utilização de recursos áudio-visuais
- Trama.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1ª Unidade:

- Origem da capoeira;
- Histórico e desenvolvimento;
- Características da capoeira;
- Capoeiristas famosos;
- Capoeiristas contemporâneos;
- Classificação dos movimentos da capoeira;
- Divisão dos movimentos ofensivos, defensivos, combinados, floreios e fintas;
- Noção de ritmo;
- Jogo propriamente dito;
- Cintura desprezada (movimentos de projeção);
- Instrumentos música;
- Toques e cânticos;
- Planejamento de atividade nas aulas de capoeira.

2ª Unidade:

- Capoeira esporte;
- Sistema de avaliação;
- Sistema de graduação;

- Preparação técnica na capoeira;
- Formas e métodos de preparação física–técnica aplicada à capoeira;
- Recursos materiais e aparelhos específicos;
- Regulamento técnico da capoeira – CBP;
- Regulamento técnico da capoeira – SEED/MEC;
- Organização da competição, batizados e exames de graduação;
- Arbitragem;
- Organização de grupos folclóricos. Qualidades físicas evidenciadas na capoeira: flexibilidade, velocidade, RML, equilíbrio, percepção auditiva, visual, temporal e ritmos diversos;
- Noção para elaboração e estruturação de anti-projetos, projetos e planos de ensino da citada modalidade.

AValiação:

Prova teórica/prática: será estabelecido através da avaliação formativa, isto é: o conteúdo aplicado poderá ser avaliado ao final da aula através de atividades em classe e extra-classe, ou em qualquer fase da unidade por meio de trabalhos, testes e provas.

I Unidade

- Apresentação do conteúdo programático;
- Entrevistas com mestres e professores de capoeira;
- Atividades em classe – promover vivências motoras;
- Conhecer, vivenciar, demonstrar e executar os movimentos técnicos da capoeira isoladamente, ou pro meio de seqüências;
- Identificar toques e cânticos, executando esse último;
- Aula pública

Tarefa: caberá a cada acadêmico mobilizar e convidar o número de pessoas estabelecidas pelo orientador – mestre, para participar de uma aula pública e na área verde da ESEF/UCSAL, com o objetivo de difundir e informar a importância de vivenciar juntos a capoeira como expressão corporal lúdica e prazerosa.

Obs.: todo aluno deverá fazer um plano de aula da atividade vivenciada.

- 6.1. Realizou a tarefa solicitada na entrega;
- 6.2. compareceu acompanhado dos convidados e participou da atividade;
- 6.3. compareceu sem os convidados e participou das atividades;
- 6.4. não atendeu a nenhuma das atividades anteriores.

Obs.: na última etapa da avaliação prática, os alunos deverão identificar e demonstrar a nível didático – pedagógico os movimentos técnicos da capoeira em forma de seqüência, movimentos livres, jogos de capoeira, toques de berimbau e cânticos.

II Unidade

Além dos critérios de avaliação acima, serão avaliados:

- 1 – roda de capoeira / participação do aluno na roda passivamente / participação do aluno na roda ativamente;
- 2 – batizado, onde será avaliado o aluno que:
 - Compareceu acompanhado do mestre e jogou;
 - Compareceu com o mestre e não jogou;
 - Compareceu sem o mestre e jogou;
 - Compareceu sem o mestre e não jogou;
 - Não compareceu.

Obs.: prova escrita (de zero a dez pontos) na I e II unidade.

BIBLIOGRAFIA:

- AREAIS, Almir dos Santos – O que é capoeira?
- BOAVENTURA, Edvaldo – Como ordenar as idéias.
- BORDENAVE, Juan D. – Estratégias de ensino e aprendizagem.
- BORSARI, José Roberto – Educação Física da Pré-escola à Universidade.
- CAMPOS, Hélio – Capoeira na escola.
- DAL’MOLINKISS – Avaliação em educação – Aspectos biológicos e educacionais.
- DANTAS, Estélio – Prática da preparação Física.
- FILHO, José Lyra – Introdução à Sociologia dos desportos.
- GOMES, Tubino – Metodologia Científica do Treinamento Desportivo.
- GOULART, Maurício – A escravidão Africana no Brasil (das origens à extinção do tráfico).
- LOPES, Antonio – Capoeira para deficiente.
- MARINHO, Inezil Pena – Introdução ao estudo do Folclore Brasileiro/Ginástica Brasileira.
- REGO, Waldolair – Capoeira Angola – Um ensaio sócio-etno-gráfico.
- TURRA, Clódeia Maria G. – Planejamento de Ensino e Avaliação.
- MACHADO, Manuel dos Reis – Manual das seqüências de Mestre Bimba.
- MOURA, Jair – A Luta Regional Baiana.
- ALMEIDA, Ubirajara Guimarães – Água de beber Câmara!
- BARBIERI, César – capoeira no JEBS
- ALMEIDA, Raimundo César – Negaça.
- MOURA, Jair – Capoeira – Arte & Malandragem.

PLANO DA DISCIPLINA CAPOEIRA IV

Professor Neuber/ instituição FSBA

CURSO: Licenciatura em Educação Física

DISCIPLINA: CAPOEIRA

CARGA HORÁRIA: 60h.

EMENTA

Estudo do contexto histórico e cultural da capoeira. Orientação metodológica quanto ao aprendizado dos movimentos e seqüências básicas do jogo da capoeira.

OBJETIVOS:

- Estudar os processos históricos da capoeira, atentando aos seus aspectos sociais, políticos e culturais;
- Analisar a relação entre Educação, Educação Física e Capoeira;
- Apreender subsídios teórico-metodológicos do conhecimento da capoeira, enquanto conteúdo da disciplina Educação Física;
- Refletir e discutir questões referentes à Capoeira na contemporaneidade.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Epistemologia e processo histórico geral da capoeira;
- A Capoeira e o contexto histórico baiano e brasileiro;
- Metodologia de Ensino da Capoeira;
- Capoeira Angola e Capoeira Regional;
- Capoeira, Trabalho e Educação.

METODOLOGIA

O curso dar-se-á em diferentes momentos interligados: Discussão do referencial teórico selecionado para o curso, discussão e vivências sobre as metodologias de ensino de Capoeira e pesquisa de campo sobre assuntos relacionados ao tema.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

O processo avaliativo é contínuo, portanto é importante a participação durante as aulas. Utilizaremos diversos instrumentos de avaliações tais como: análise crítica ou/e

fichamento dos textos estudados, produção de texto, participação e interferências nas vivências e nos debates.

REFERÊNCIAS OBRIGATÓRIAS

FALCÃO, José Luiz Cerqueira. *A Escolarização da Capoeira*. Brasília: ASEFE - Royal Court, 1996. 156 p.

_____. Unidade Didática 2 - Capoeira. In **Didática da Educação Física**. 3ª Edição. Unijuí – Ed. Unijuí. 2003.

OLIVERIRA, Josivaldo Pires de. **No Tempo dos Valentes: Os capoeiras na Cidade da Bahia**. Salvador: Quarteto. 2005. p. 151p.

REIS, Leticia Vidor de Souza. **O mundo de pernas para o ar: A capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil. 1997. p. 265.

VIEIRA, Luiz Renato. *Jogo de Capoeira: cultura popular no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. SPRINT, 2ª Ed. 1998.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:

ABIB; Pedro J.; CASTRO, Luís Vitor; SOBRINHO, José Sant'anna “Capoeira e os diversos aprendizados no espaço escolar” – *Revista Motrivivência – Movimentos Sociais: Educação Física, Esporte e Lazer*, ano XI, nº14, (ISSN 0103-4111), Editora da UFSC, Florianópolis (2000).

COSTA, Neuber Leite. “**Se eles são Exu eu sou Iemanjá**”: **A Peleja da Capoeira contra o Conselho de Educação Física**. Mimeo. 2007.

SILVA, Paula Cristina da Costa. **A Educação Física na Roda de Capoeira... Entre a Tradição e a Globalização**. Dissertação de Mestrado em Educação Física. 2002. UNICAMP - Campinas. 241p.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: Um Ensaio Sócio-etnográfico**. Salvador: Itapoã, 1968.

PLANO DA DISCIPLINA CAPOEIRA VI

Professor Pedro/ instituição UFBA

CURSO: Licenciatura em Educação Física

DISCIPLINA: CAPOEIRA I

CARGA HORÁRIA: 60h (Créditos: teórica/prática -50 h; trabalhos - 10 h total- 60h).

EMENTA

Estudo de abordagens históricas e conceituais sobre Capoeira. A herança das danças, lutas e jogos como construção de identidade étnica e cultural africana-brasileira. Aspectos históricos, filosóficos, técnicos e sócio-culturais da Capoeira Angola. Fundamentos básicos da Capoeira Angola. A Capoeira Regional, suas referências históricas, filosóficas e técnicas. Cultura Popular, memória e tradição. Estudo biográfico dos principais representantes da Capoeira na Bahia

OBJETIVOS

- Compreender a Capoeira como manifestação da Cultura Popular de resistência e herança africana no Brasil.
- Analisar a problemática da discriminação social e étnica na cultura brasileira através do processo de desenvolvimento da Capoeira no Brasil.
- Reconhecer a Cultura Popular como fonte de referência para compreensão da Capoeira através das categorias: Memória, Ritualidade, Oralidade, Ancestralidade e Temporalidade.
- Aprender fundamentos básicos e aspectos da ritualidade da Capoeira Angola e da Capoeira Regional, considerando suas diferenças.
- Reconhecer a importância da Capoeira como conteúdo de identidade afro-brasileira e referência para construção de novas abordagens epistemológicas no campo da Educação Formal e Não-Formal

CONTEÚDOS

- A presença do povo africano no Brasil e o surgimento da Capoeira neste contexto cultural e civilizatório
- Conceitos antropológicos e sociológicos sobre Capoeira
- Capoeira Angola-conceito, filosofia e características.

- Fundamentos técnicos da Capoeira Angola (Movimentos, golpes, cantos, toques e jogo).
- Biografia dos principais representantes da Capoeira na Bahia
- A Capoeira Regional-conceito, filosofia e características.
- Fundamentos técnicos da Capoeira Regional (movimentos, golpes, cantos, ritmos e jogo), seqüência de ensino do Mestre Bimba.
- Construção de instrumentos utilizados na capoeira
- Temas emergentes sobre a problemática da Capoeira na Bahia e sua importância em processos de Educação Formal e Não-Formal

METODOLOGIA

- Aulas práticas de Capoeira objetivando a interação no processo de ensino-aprendizagem da movimentação, dos golpes, da música, do canto e do jogo.
- Aplicação dos conhecimentos adquiridos no decorrer das aulas na roda de capoeira
- Leitura e discussão de textos específicos à compreensão dos processos que envolvem a Capoeira na Bahia e no Brasil.
- Palestras e aulas com Mestres de Capoeira, pesquisadores e profissionais da área.
- Visita às escolas, academias e comunidades que desenvolvem trabalhos com Capoeira.
- Organização e apresentação de seminários temáticos da disciplina, utilizando recursos didáticos criativos.
- Observação e análise de vídeos, filmes e documentários.
- Investigação de temas referentes à problemática da Capoeira em dimensões diversas, elaboração de artigo científico e apresentação em forma de seminários na sala de aula ou produção de pai, né?is para exposição pública.

AVALIAÇÃO

A avaliação na disciplina acontece no desenvolvimento do processo de trabalho. Considera-se a participação efetiva do(s) aluno(s) e do professor nas vivências de aulas e a contribuição na organização, discussões, leituras, sínteses, produção de textos, relatórios de visitas de campo. Assiduidade e pontualidade no horário de início e término das aulas e também na apresentação e entrega dos trabalhos solicitados.

CRONOGRAMA DE AULAS:

Março

- 15 – Apresentação do programa da disciplina / Vídeo “A capoeiragem na Bahia”
- 22 – Discussão: texto sobre histórico da capoeira / Vivência prática
- 29 – Palestra de convidado: Fred Abreu (pesquisador)

Abril

- 5 - Biografia do mestre Pastinha / Vídeo: “Pastinha: uma vida pela capoeira”
- 12- Visita externa: aula de capoeira angola na academia de Mestre João Pequeno de Pastinha (Forte Santo Antonio)
- 19- Palestra de convidado: Mestre Cobra Mansa

26 – Texto: Capoeira Angola e Ancestralidade

Maio

- 3- Vivência Capoeira Angola / Biografia mestres: Valdemar, Cobrinha Verde, Noronha e Besouro Mangangá.
- 10- Biografia Mestre Bimba / Texto: “Capoeira e Globalização” – Mestre Falcão
- 17- Visita externa: aula de capoeira regional na academia de Mestre Bamba (Pelourinho)
- 24- Vídeos documentários sobre Capoeira
- 25- Visita a Projeto de Educação Popular que trabalhe com capoeira

Junho

- 7- Palestra Convidado: Mestre Itapoan
- 14- Vivência Capoeira Regional
- 21- Seminário livro “O Jogo da Capoeira” – Luiz Renato Vieira
- 28 – Oficina de Construção de Berimbau

Julho

- 5- Entrega trabalho final (artigo científico) e atividade de encerramento da disciplina

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Capoeira Angola: Cultura Popular e o Jogo dos Saberes na Roda. Edufba/Edunicamp. Campinas, 2004.

ABREU, Frederico. O Barracão do Mestre Waldemar. Zarabatana Design Gráfico e Produções Ltda. Salvador. 2003.

ALMEIDA, Raimundo César Alves de (Mestre Itapuã). Bimba Perfil do Mestre. Salvador – CED-UFBA. 1982.

_____. Mestre “Atenilo”: O “relâmpago” da Capoeira Regional. Salvador. Edição do Autor. 1991.

ARAÚJO, Paulo Coelho de. Capoeira – Abordagens Sócio-Antropológicas da Luta/Jogo da capoeira. Maia. Instituto Superior – Séria “Estudos Monografia”. 1997.

AREIAS, Almir das. O que é Capoeira. São Paulo. Editora Brasiliense. 1983.

BARBIERI, César. Um jeito brasileiro de aprender a ser. Brasília: DEFER, Centro de Informação e documentação sobre a Capoeira (CIDOCA/DF), 1993. 197 p. il.

CAMPOS, Hélio (Mestre Xaréu) – Capoeira na Escola – Salvador – Presscolor – 1990.

_____. Capoeira na Universidade: uma trajetória de resistência. Salvador: SCT, EDUFBA 2001. 184p.il.

CARNEIRO, Edson. Capoeira. Coleção Cadernos de Folclore nº 1. Rio de Janeiro. MEC/FUNARTE. 1977.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CONRADO, Amélia Vitória de Souza. “Dança Étnica Afro-baiana: uma educação movimento”. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em educação – FAGED/UFBA. Salvador, 1996.

COUTINHO, Daniel (mestre Noronha) – “ABC da Capoeira Angola, os manuscritos do Mestre Noronha”. Brasília. ED. CIDOCA/DF, 1993.

CRUZ, Andréa Mendonça Lage da. “A Capoeira e seu Jogo de Significados” – Dissertação de Mestrado em sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Sociologia e Antropologia FAFICH, 1996.

DECÂNIO, Ângelo. A Herança de Mestre Pastinha. Coleção São Salomão. Editoração Eletrônica. Salvador, 1997

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. A Escolarização da Capoeira. Brasília: ASEFE-Royal Court, 1996.

FRIGERIO, Alejandro. “Capoeira: de arte negra a esporte branco”. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 10, vol. 4. ANPOCS, 1989.

HASENBALG, Carlos. Discriminação e desigualdade raciais no Brasil. Rio de Janeiro. Graal. 1979.

LUZ, Marco Aurélio Do Tronco ao Opá Exim: memória e dinâmica da tradição africana brasileira. Salvador - BA: SECNEB, 1993.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Identidade Nacional versus identidades negra. Editora Vozes. Petropolis. 1999.

MOREIRA, Antônio (coordenador). Canjiquinha, alegria da Capoeira. Salvador, Editora a Rasteira, 1989.

PASTINHA, Mestre. Capoeira Angola. Salvador. 2ª Ed. FUNCEB, 1969.

PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. Bimba, Pastinha e Bezouro Mangangá: três personagens da capoeira baiana. Tocantins/Goiania: NEAB/Graset, 2002. 110p.

REGO, Waldeloir. Capoeira Angola: ensaio sócio-etnológico. Salvador. Ed. Itapuã – Coleção Baiana, 1968.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. A capoeira baiana na Corte Imperial. (1863 – 1890). In: Afro-Ásia. Centro de Estudos Afro-Orientais – FFCH/UFBA 21 –22. 1998-1999. Pp. 147-176.

VIEIRA, Luiz Renato. O Jogo da Capoeira. Rio de Janeiro – SPRINT. 2ª Ed. 1998

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CRUZ, José Luiz de Oliveira (Mestre Bola Sete). História e Estórias da Capoeiragem. Salvador. Editora BDA – Bahia Ltda. 1996.

LIMA, L. A. N. Capoeira Angola. Lição de vida na civilização brasileira. São Paulo. Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1991, 142 p. (Dissertação de Mestrado).

PEREIRA, Carlos (Cjarles) e Mônica Bôri. “Cantos e Ladainha da Capoeira da Bahia”. Salvador. Ed. Via Bahia, 1992.

QUERINO, Manuel. Costumes africanos no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

RAMOS, Arthur. As culturas negras no novo mundo. Rio de Janeiro. Casa dos estudantes do Brasil. 1937.

REIS, Leticia Vidor de Souza. O Mundo de Pernas para o ar – A capoeira no Brasil. São Paulo. Ed. Publisher Brasil, 1997.

_____. O jogo de capoeira: uma história contada pelo corpo. In: Crises e Reconstituição, Weolfgrang Dopck (org.) L. GE/UNB. Brasília, 1998.

PLANO DA DISCIPLINA CAPOEIRA

Professor Vitor/ instituição FSBA

CURSO: Licenciatura em Educação Física

DISCIPLINA: Conhecimento e Metodologia da Capoeira.

CARGA HORÁRIA: 54h

EMENTA:

Estudo do contexto histórico e cultural da capoeira. Orientação metodológica quanto ao aprendizado dos movimentos e seqüências básicas do jogo da capoeira.

OBJETIVOS:

- Estudar os processos históricos da capoeira, atentando aos seus aspectos sociais, políticos e culturais;
- Analisar a relação entre Educação, Educação Física e Capoeira;
- Apreender subsídios teórico-metodológicos do conhecimento da capoeira, enquanto conteúdo da disciplina Educação Física;
- Refletir e discutir questões referentes à Capoeira na contemporaneidade.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- Histórico da capoeira; A capoeira escrava, a marginalização da capoeira e o processo de institucionalização;
- A Capoeira e o contexto histórico baiano e brasileiro;
- Metodologia de Ensino da Capoeira;
- Princípios filosóficos Capoeira Angola;
- Princípios filosóficos da Capoeira Regional;
- Movimentos básicos da capoeira Angola e Regional;
- Capoeira, corpo, cultura, identidade-singularidade.

METODOLOGIA

O curso dar-se-á em diferentes momentos interligados: Discussão do referencial teórico selecionado para o curso, vivências sobre as metodologias de ensino de Capoeira e pesquisa de campo sobre assuntos relacionados ao tema.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Os instrumentos de avaliações utilizados priorizam: a produção literária (a escrita de um conto relacionado à capoeira, evidenciando o imaginário, a subjetividade, a criatividade referente ao tema); a produção da mídia (vídeos-documentários, curta-metragem, vídeos-clipe e outros) como forma de registro do conhecimento produzido durante o curso.

REFERÊNCIAS OBRIGATÓRIAS:

FALCÃO, José Luiz Cerqueira. **A Escolarização da Capoeira**. Brasília: ASEFE - Royal Court, 1996. 156 p.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **No Tempo dos Valentes: os capoeiras na Cidade da Bahia**. Salvador: Quarteto. 2005. p. 151p.

REIS, Leticia Vidor de Souza. **O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil. 1997. p. 265.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: um Ensaio Sócio-etnográfico**. Salvador: Itapoã, 1968.

VIEIRA, Luiz Renato. **Jogo de Capoeira: cultura popular no Brasil**. Rio de Janeiro, Ed. SPRINT, 2ª Ed. 1998.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:

ABIB; Pedro J.; CASTRO, Luís Vitor; SOBRINHO, José Sant'anna “Capoeira e os diversos aprendizados no espaço escolar” – **Revista Motrivivência – Movimentos Sociais: Educação Física, Esporte e Lazer**, ano XI, nº14, (ISSN 0103-4111), Editora da UFSC, Florianópolis (2000).

COSTA, Neuber Leite. “**Se eles são Exu eu sou Iemanjá**”: a peleja da Capoeira contra o Conselho de Educação Física. Mimeo. 2007.

SILVA, Paula Cristina da Costa. **A Educação Física na Roda de Capoeira... Entre a Tradição e a Globalização**. Dissertação de Mestrado em Educação Física. 2002. UNICAMP - Campinas. 241p